



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CARLOS GUILHERME CALDEIRA LIMA

**VENDO O GOL:
A SEMIOLOGIA DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO**

Londrina
2024

CARLOS GUILHERME CALDEIRA LIMA

**VENDO O GOL:
A SEMIOLOGIA DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Luiz Contani

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Lima, Carlos Guilherme Caldeira .

Vendo o gol: A Semiologia da narração esportiva no Rádio / Carlos Guilherme Caldeira Lima. - Londrina, 2024.
119 f.

Orientador: Miguel Luiz Contani.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Comunicação - Tese. 2. Rádio - Tese. 3. Jornalismo Esportivo - Tese. 4. Semiologia - Tese. I. Contani, Miguel Luiz. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 316.77

CARLOS GUILHERME CALDEIRA LIMA

VENDO O GOL:

A SEMIOLOGIA DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Luiz Contani (orientador)
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Emerson dos Santos Dias
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 2 de fevereiro de 2024.

Dedico este trabalho aos profissionais da arte da palavra.

AGRADECIMENTOS

Toda honra e glória a Deus! Chegar até aqui foi uma longa, sofrida, calejada, mas recompensadora jornada! Um sonho! Uma meta! Com dedicação, abdições, escolhas e negações, uma viagem rica, transformadora e inesquecível foi desenvolvida. E aqui estamos!

Quero agradecer minha família, por todo amor, apoio e compreensão, ao professor orientador, que deu suporte e diretriz, aos professores que contribuíram nessa empreitada do conhecimento, ao rádio, aos radialistas e ao futebol, já que, sem eles, não haveria o presente material.

Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo...

Bordão de Fiori Gigliotti
Legendário narrador esportivo brasileiro.

CALDEIRA LIMA, Carlos Guilherme. **Vendo o gol:** a semiologia da narração esportiva no rádio. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

A linguagem radiofônica é de emoção, ao mesmo tempo em que também necessita ser descritiva, sobretudo nas transmissões de partidas de futebol. A linguagem visual precisa ser adotada e convertida em fala, a fim de realizar aquilo que o futebol no rádio mais requer: informar e emocionar. Com análise de quatro narrações de gol pela Rádio Paiquerê 91.7 FM de Londrina-PR (uma de cada um dos narradores da emissora), nos jogos do Londrina Esporte Clube, o trabalho visa avaliar o grau em que emoção e descrição estão em equilíbrio, e aptas oferecer uma informação mais detalhada e que facilite o entendimento do ouvinte, sobretudo permitir que visualize o que está ouvindo. A fundamentação teórico-metodológica está amparada nas conceituações da semiologia de Roland Barthes, com ênfase na linguagem fotográfica, para aferir e mensurar o nível de possibilidade de compreensão por parte do torcedor/ouvinte/receptor da mensagem, e lançar luz sobre o processo de produção de sentido nessa modalidade de linguagem midiática. Trata-se de conhecer, de um ponto de vista semiológico, o que a narração radiofônica de uma partida de futebol, ensina como peça de comunicação, tendo por base a experiência de quem hoje incorpora uma tradição deixada pelos brilhantes locutores de outras épocas. Os jogos analisados ocorreram no Estádio do Café, sede das partidas do Londrina Esporte Clube, e isso amplia a carga emocional para o narrador, com a presença de público na praça esportiva. Em virtude da pandemia mundial da covid-19, o recorte foi de eventos do período pré-pandêmico. Os resultados permitem afirmar que os profissionais buscaram escolher palavras adequadas para “desenhar” a jogada e oferecer elementos para que o ouvinte montasse mentalmente o gol. Foram encontradas palavras que ajudaram a trazer uma carga emocional ao que foi contado, com pormenores técnicos, em busca de equilíbrio entre descrição e emoção, a fim de que o torcedor que não acompanhou o lance do gol no instante em que ele foi marcado, tivesse a possibilidade de compreender como foi conquistado o tento.

Palavras-chave: Comunicação; Linguagem radiofônica; Emoção; Descrição; Produção de sentido; Jornalismo esportivo.

CALDEIRA LIMA, Carlos Guilherme. **Viewing the goal**: semiology in the narration of football on the radio. 119 p. Dissertation (Master's Degree in Communication) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

The language of radio is emotional, at the same time it needs to be descriptive, especially when broadcasting football matches. The visual language must be adopted and changed into speech to produce what soccer is best suited to do on the radio: inform and excite. Through the analysis of four goal announcements by Rádio Paiquerê 91.7 FM of Londrina-PR (one by each of the station's announcers), in Londrina Esporte Clube matches, the work aims to evaluate the degree to which emotion and description are in balance and able to provide more detailed information that facilitates the listener's understanding, especially allowing them to visualize what they are hearing. The theoretical-methodological basis is supported by the conceptualizations of Roland Barthes' semiology, with an emphasis on photographic language, to assess and measure the level of possibility of understanding on the part of the fan/listener/receiver of the message, and to explain the production of meaning in this type of media language. It is a matter of knowing, from a semiological point of view, what the radio narration of a football match teaches as a piece of communication, based on the experience of those who today take up a tradition left by brilliant announcers of other times. The games studied took place in the Estádio do Café, home of the Londrina Esporte Clube matches, and this increases the emotional charge for the narrator, with the presence of the public in the sports square. Due to the global Covid-19 pandemic, the focus was on events from the pre-pandemic period. The results allow us to affirm that the professionals tried to choose appropriate words to "draw" the game and offer elements for the listener to mentally assemble the goal. Words were found that helped to bring an emotional charge to what was told, with technical details, in search of a balance between description and emotion, so that the fan who did not follow the goal at the moment it was scored, had the possibility of understanding how the goal was won.

Keywords: Communication; Radio language; Emotion; Description; Production of meaning; Sports journalism.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Campo de visão, lado esquerdo da cabine, perspectiva do narrador..... 67
- Figura 2** – Campo de visão, lado direito da cabine, perspectiva do narrador..... 68
- Figura 3** – Campo de visão, plano geral da cabine, perspectiva do narrador, foto diurna 68
- Figura 4** – Campo de visão, plano geral da cabine, perspectiva do narrador, foto noturna 69
- Figura 5** – Perspectiva do repórter de campo (1). 70
- Figura 6** – Perspectiva do repórter de campo (2) 70
- Figura 7** – Perspectiva do repórter de campo (3) 71
- Figura 8** – Perspectiva do repórter de campo (4) 71
- Figura 9** – Perspectiva do repórter de campo, para lances de cobrança de pênalti 72
- Figura 10** – Londrina é o time de branco. No destaque vermelho, a identificação de Keirrisson. No destaque amarelo, a bola. 81
- Figura 11** – No destaque vermelho, a identificação de Keirrisson. No destaque amarelo, a bola. No destaque na cor preta, a identificação de Wesley. 82
- Figura 12** – No destaque vermelho, a identificação de Wesley. No destaque amarelo, a bola. 82
- Figura 13** – O Londrina é o time de branco. Em vermelho, no destaque, Felipe Vieira. Em amarelo, a bola. 84
- Figura 14** – Em vermelho, no destaque, Felipe Vieira. Em amarelo, a bola. Em preto, Anderson Leite. Em rosa, Felipe Alisson. 84
- Figura 15** – Em vermelho, no destaque, Felipe Vieira. Em amarelo, a bola. Em preto, Anderson Leite. Em rosa, a trajetória da bola no lance. 85
- Figura 16** – Em destaque vermelho o jogador Marcelinho. Em amarelo a bola. 86
- Figura 17** – O cruzamento foi direto, na direção do gol. A bola (amarelo), bate no goleiro (rosa) e vai sobrar na marcação de pequena área (indicação em preto). O jogador Miullen (em vermelho) vai de encontro à bola. 87
- Figura 18** – Miullen, identificado em vermelho, vem de encontro a bola e chuta em direção ao gol (amarelo). 87
- Figura 19** – O Londrina estava com a bola do lado esquerdo do seu ataque (jogador identificado de vermelho), tocou a bola para um jogador centralizado (rosa), para abrir do lado esquerdo para Marcelinho (amarelo). 89
- Figura 20** – Marcelinho (vermelho) recebeu a bola e fez o cruzamento mais adiantado (rosa) e Júnior Pirambú (amarelo) se jogou em direção a bola. 89
- Figura 21** – Marcelinho (preto) cruzou para Júnior Pirambú (amarelo) que se jogou na bola e tirou do goleiro (vermelho). 90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos de composição narrativa.....	103
Quadro 2 – Elementos de composição narrativa.....	104
Quadro 3 – Elementos de composição narrativa.....	106
Quadro 4 – Elementos de composição narrativa.....	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AM	Amplitude Modulada
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
FM	Frequência Modulada
LEC	Londrina Esporte Clube – também chamado de Tubarão
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	GOL NO RÁDIO.....	19
2.1	RÁDIO E FUTEBOL: CASAMENTO DE DÉCADAS, NO PAÍS E EM LONDRINA.....	24
2.2	LONDRINA ESPORTE CLUBE EM CAMPO E PAIQUERÊ 91.7 FM NO RÁDIO	32
3	A SEMIOLOGIA DO GOL IRRADIADO	39
3.1	DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA NO GOL	43
3.2	A VOZ CRIANDO IMAGENS MENTAIS	50
3.3	PALAVRAS RADIOFÔNICAS NÃO TÊM REPLAY	54
3.4	NARRAÇÃO ESPORTIVA COMO “OLHOS DOS OUVINTES”	58
4	PERSPECTIVA DO NARRADOR E DO REPÓRTER NO ESTÁDIO DO CAFÉ	66
4.1	JORNADA ESPORTIVA DA RÁDIO PAIQUERÊ 91.7 FM: ESTRUTURA E LINGUAGEM	75
4.2	PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NOS LANCES	76
5	ANÁLISE SEMIOLÓGICA DOS GOLS	91
5.1	LONDRINA 1 X 1 PRUDENTÓPOLIS	92
5.2	LONDRINA 1 X 0 FOZ DO IGUAÇU	94
5.3	LONDRINA 1 X 0 CIANORTE	96
5.4	LONDRINA 2 X 3 CORITIBA	98
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
	REFERÊNCIAS	115

1 INTRODUÇÃO

O rádio é companheiro. No futebol, então, muito mais. Seja em casa, no trabalho, no carro, no estádio ou em qualquer lugar, ele informa, alegra, entristece, emociona. O lance de gol no rádio é um caso de explosão de emoção. Seja de felicidade ou de revolta, o grito do narrador ao esticar da palavra gol (ggggoooooooooolllll), é um sinal claro de que o ouvinte está sendo estimulado e provocado. Assim, desenvolve um turbilhão de pensamentos.

O autor desta dissertação é londrinense, jornalista graduado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), e há mais de 20 anos trabalha no rádio esportivo de Londrina, transmitindo as partidas do Londrina Esporte Clube (LEC), time de futebol da cidade. Por entender que uma das forças do rádio é contar e valorizar as notícias locais, o interesse em mensurar o entendimento do ouvinte, por meio da descrição do rádio, em um gol do LEC, narrado pela emissora londrinense que tem maior tradição e audiência, a Paiquerê 91.7 FM, tornou-se um importante recorte de investigação científica. A meta é explorar o campo de descrição e pesquisar como se explicam os elementos que conferem carga maior de emoção aos profissionais; assim pensado por se tratar de contar o jogo de um time em uma rádio local, colocando-se na posição do ouvinte, de modo a avaliar o que lhe permite fazer entender como a jogada do gol foi construída, no lance máximo do futebol.

O radialista é um profissional, e o jornalismo tem o compromisso com a verdade. Em um veículo local, no entanto, fala-se para um público (torcida) em especial. Isso, por experiência própria, aumenta a identificação do narrador (e dos profissionais escalados para a transmissão esportiva) com o ouvinte e com o clube. Muito mais com o público ouvinte e torcedor. As cargas, emocional e afetiva, são potencializadas; contudo, a preocupação com a descrição precisa estar presente na narração esportiva, já que a emoção é intrínseca ao rádio. Muitos autores denominam o rádio como a “mídia da emoção”. Está embutida na forma. Por isso, o conteúdo necessita ser compreensível, posto que nem todo torcedor está no estádio, com seu “companheiro radinho de pilha”.

Da necessidade de o narrador de futebol em rádio, ou seja, de o radiojornalismo esportivo se preocupar com a descrição dos lances de gol, nos jogos de futebol, aliado à emoção característica do rádio, para dar, ao ouvinte/torcedor, a possibilidade de compreender, além do se emocionar, o instante máximo da modalidade esportiva – no tocante ao futebol masculino –, teve origem a presente pesquisa. Busca-se mensurar, em termos de linguagem e produção de sentido, o quanto as narrações dos jogos do Londrina Esporte Clube,

pelos quatro narradores da rádio Paiquerê 91.7 FM, conseguem trazer emoção e descrição em equilíbrio.

A emoção é característica do rádio; esse é um pressuposto, somado ao de que a linguagem proveniente dessa mídia é própria e singular. O que cabe, porém, ao ouvinte? Com que elementos, a ele fornecidos, será possível fazê-lo conseguir compreender como foi a jogada que redundou em gol, o lance mais esperado do futebol? Essa é a proposta do trabalho. Cabe, no entanto, a ressalva de que não se trata de uma pesquisa de opinião; não será uma consulta ao ouvinte diretamente. Este procedimento será objeto de futuros projetos. Para o momento, o fundamental será o exame semiológico do complexo material construído e disponibilizado, e a interpretação estará a cargo do autor deste trabalho em confronto com sua própria experiência na mesma área de atuação. As conclusões serão respaldadas nos conceitos da semiologia barthesiana.

Termos como “golaço”, “lindo gol”, e afins, dentre outros, sugerem que a jogada e o tento anotado foram belos. Ouvinte e o torcedor conseguem dimensionar isso; todavia, ficam vagos em descrição. Valorizam, impulsionam a plasticidade do lance, sugestionam beleza. Contudo, “como foi”? A bola entrou rasteira, a meia-altura ou alta? Chutou de pé esquerdo ou direito? Ou foi gol de cabeça? Em qual gol saiu o lance? Nas traves à direita ou à esquerda do estádio, e, por conseguinte do radinho? Itens elementares que, quando falados, facilitam a “montagem” da imagem do gol na “cabeça” do receptor da mensagem. Estas são perguntas clássicas, de longa data presentes, quando o assunto é uma transmissão esportiva pelo rádio. Na análise desta dissertação, serão consideradas como exemplares de conversão de linguagem visual em linguagem verbal.

O objetivo geral, como desdobramento do conjunto de perguntas formuladas, é analisar os elementos pelos quais a emoção e a descrição venham a estar em equilíbrio nas transmissões radiofônicas dos jogos de futebol do Londrina Esporte Clube. Os objetivos específicos se configuram em três modalidades: No âmbito exploratório, (1) identificar os recursos comunicacionais empregados pelos narradores e repórteres de rádio com a preocupação em relatar, com exatidão, o lance de gol para o ouvinte, partindo da premissa de que muitos não estão no estádio e não “viram” o gol. Em âmbito descritivo, (2) apontar as características de emoção que o rádio oferece, por meio da transmissão instantânea do gol, e em que medida isso está em consonância com a capacidade do ouvinte entender e visualizar mentalmente para compreender o lance do gol. E de modo explicativo, (3) avaliar o quanto os profissionais escalados para trabalhar na partida estão empregando uma linguagem com palavras visuais para facilitar o entendimento.

A fundamentação teórico-metodológica será proveniente das teorias da Semiologia, trabalhadas por Roland Barthes. As obras estudadas e pesquisadas como elementos do corrente material serão: “A Câmara Clara”, (1980); “Análise Estrutural da Narrativa”, (2013), “Elementos de Semiologia”, (1988); “O óbvio e o obtuso” (1990); e “O rumor da língua”, (1992). As falas dos profissionais de rádio serão analisadas com base na semiologia barthesiana, também se valendo de alguns conceitos dessa mesma fonte de referência, sobre a linguagem fotográfica, para a produção de sentido na mídia, dentre eles o “studium e o punctum”.

Como suporte para a discussão a respeito das formulações da linguagem e características do rádio esportivo, serão adotadas fundamentações de Edileuza Soares, e autores sobre rádio, como Heródoto Barbeiro, Cyro César, e outros listados nas referências bibliográficas. O trabalho será desenvolvido com dados coletados de registros das transmissões elencadas, e conterà pesquisa bibliográfica específica para sustentar e guiar os procedimentos, os enfoques nas características, e a linguagem da pesquisa em mídia radiofônica, para fornecer respaldo técnico às devidas descrições e interpretações.

O recorte da pesquisa será da Rádio Paiquerê 91.7 FM, visto ser a mais tradicional e mais ouvida pelos torcedores do LEC. Por essa razão, serão pesquisados, pelo menos, um gol descrito pelos quatro narradores da emissora em questão (um jogo com gol do Londrina) irradiados por Augustinho Pereira, Fiori Luiz, Jota Matheus e Vanderlei Rodrigues. O propósito é avaliar a descrição, de pelo menos, um gol do Londrina Esporte Clube, por parte de cada um dos narradores, a fim de que a pesquisa registre a questão da “torcida” pelo time da cidade e como é relatado o gol do time do Londrina Esporte Clube (LEC). Assim, o torcedor não precisaria ver o gol na televisão ou buscá-lo na internet: ele saberia que o gol saiu e entenderia ou teria uma profunda noção de como o tento foi marcado, desde a construção da jogada até o desfecho, com a bola indo para o fundo da rede. Com a descrição e a emoção em equilíbrio, o torcedor conseguiria “visualizar mentalmente” o lance que resultou na marcação do gol.

A pesquisa contempla a definição do objeto de estudo, com seus efeitos e desdobramentos: primeiramente, a identificação dos jogos que se enquadrem nos requisitos colocados, e que são: disputas antes da pandemia de Covid-19 (devido à presença de público sem restrições no palco da partida), jogo do Londrina Esporte Clube e peleja no Estádio do Café; seleção dos jogos com os gols. Em seguida, a decupagem e análise.

Serão também apresentados um breve relato histórico sobre o rádio esportivo em Londrina e sobre as transmissões de futebol pelo rádio na cidade; uma retomada sobre a

chegada e a popularização do futebol profissional masculino no município, um perfil do Londrina Esporte Clube e sua identificação e paixão por parte do ouvinte/torcedor/municípe. Será fornecido ainda um resumo histórico e atual sobre a emissora de rádio, que terá o trabalho avaliado e ainda uma concisa biografia de cada um dos profissionais citados e pesquisados, narradores e repórteres. Em decorrência disso, haverá um relato de contexto funcionando como uma contribuição histórica sobre o futebol, o LEC, sobre a emissora de rádio que transmite futebol na cidade – a Paiquerê 91,7 FM –, e sobre alguns dos profissionais que atuam no rádio esportivo londrinense.

A contribuição buscada é a geração de conhecimento aderida à linha de pesquisa “produção de sentido nas mídias”, tendo como recorte e particular ênfase na premência da visualidade da palavra nas transmissões de futebol pelo rádio. A pesquisa, cabe reiterar, buscará dimensionar, em que extensão é possível, “ver” o gol, nessas narrações que serão alvo de investigação. Não é intenção comparar a linguagem entre os profissionais pesquisados, apenas avaliar, semiologicamente, por meio dos elementos elencados, se há o favorecimento do entendimento espacial, por meio das palavras adotadas. Além disso, o pesquisador foi até o local das partidas, o “Estádio Municipal do Café Comendador Jacy Saff” e registrou em fotos, também aqui reproduzidas, para ilustrar a posição espacial, no estádio, dos narradores da Paiquerê assim como dos repórteres de campo da emissora, igualmente alvo desta investigação acadêmica.

Esta dissertação é apresentada em cinco capítulos, incluindo esta introdução. No segundo capítulo, é apresentada a contextualização da narração esportiva no rádio, a abordagem sobre o recorte da pesquisa, com os jogos no referido estádio, do Londrina Esporte Clube e da rádio Paiquerê 91.7 FM, com aplicação das referências da comunicação, do jornalismo, do jornalismo esportivo e do radiojornalismo. Será também descrita a metodologia de pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta a abordagem semiológica associada à narração esportiva, com as obras de Barthes acima mencionadas e sua contribuição para a produção de sentido, com particular destaque dado à noção de linguagem.

No quarto capítulo, são apresentados os quatro gols, como dados da pesquisa e análise deste estudo, com a decupagem dos lances e a apresentação espacial, no estádio, da posição em que os profissionais se colocam na praça esportiva, ambientação do material coletado.

No quinto capítulo, são apresentadas as discussões dos lances de gol irradiados e os resultados dessa convergência, na produção de sentido na mídia estudada. Serão

destacadas as fontes bibliográficas, com relação ao recorte proposto na coleta descrita no capítulo anterior. Em Considerações Finais, é ressaltada a inferência principal do estudo, em resposta ao conjunto de questões formuladas, e associação com as contribuições profissionais, acadêmicas, e de desdobramentos temáticos para pesquisa permanente nesse campo.

2 GOL NO RÁDIO

A compreensão do lance do gol amplia o entendimento do ouvinte em como foi a jogada e potencializa a emoção do momento aguardado de um confronto futebolístico, no esporte mais popular do Brasil, em sua categoria profissional, no futebol masculino. “O rádio continua muito à frente na transmissão das emoções do jogo, mas com a TV, o rádio está se reinventando, porém, por mais inovações que a TV apresente, o rádio sempre terá seu público” (Soares, 1994. p. 109).

O fundamento principal de produção de sentido é que ouvinte da transmissão esportiva consiga entender (e se emocionar), sobretudo “ver”, em palavras, o modo como foi marcado o gol, por meio da narração do gol, via rádio. “É assim, portanto, que você dá sentido às coisas por meio da linguagem. É assim que você ‘toma sentido’ das pessoas, dos objetos e acontecimentos, e é desta maneira que você é capaz de expressar um pensamento complexo sobre coisas para outras pessoas” (Hall, 2006, p. 34).

Os jogos elencados foram realizados no Estádio Municipal do Café Comendador Jacy Scaff, em Londrina, nas temporadas de 2018, 2019 e 2020, dentro do “Campeonato Paranaense de Futebol”, organizado pela Federação Paranaense de Futebol. Visto que, em março de 2020, teve início a pandemia mundial ocasionada pelo coronavírus e, por medida de segurança sanitária, o torcedor ficou, de março de 2020 até setembro de 2021, impossibilitado de ir ao campo. Para melhor caracterizar o tipo de emoção costumeiramente vivida pelo torcedor/ouvinte, sem amarras de máscaras ou distanciamento social, o período utilizado foi o “pré-pandêmico”.

Esse perfil de estudos começou a ser construído pelo autor desta dissertação, já a partir do trabalho de conclusão de curso na graduação em jornalismo, em 2010, com metodologia similar. Foi realizada uma análise do desempenho de renomados e reconhecidos narradores de futebol, com fonte no rádio de diferentes estados brasileiros: um de Londrina-PR, um de Curitiba-PR, dois de São Paulo capital e um do Rio de Janeiro capital, em jogos entre grandes clubes do futebol profissional masculino nacional.

Agora, mais dez anos depois, o projeto de pesquisa em nível de Mestrado em Comunicação focaliza uma emissora local, de rádio, e clube de local de futebol, em atuação no respectivo campeonato estadual. No trabalho anterior, os dados provinham de jogos entre dois grandes clubes do futebol brasileiro, em que os profissionais envolvidos transmitem para “duas torcidas” - no caso das duas equipes que estão em campo (claro que com ouvintes torcedores de outros times também ouvindo, por diversos fatores).

Com o foco em um time local e de uma rádio local, aumenta carga emocional do jogo, visto que, em princípio, o narrador e a equipe de esportes, de um modo geral, estão transmitindo para uma só torcida (óbvio que torcedores, familiares e patrocinadores do time adversário do LEC também podem ouvir, bem como quem quiser, todavia, partindo da premissa de que a maioria do público ouvinte é composta pelo torcedor do clube de futebol da cidade).

Entende-se que, pelo fato de a Universidade estar em Londrina, analisar uma rádio da cidade e o time local, permite uma delimitação que confere relevância, pertinência e profundidade ao assunto, também pelo fato de que, dentro do princípio da pesquisa acadêmica, cabe oferecer uma contribuição social. Busca-se, portanto, gerar conhecimento com foco em expandir alternativas de aperfeiçoamento de estilo para os principais profissionais que irradiam futebol na cidade, sem, evidentemente, uma intenção de puro julgamento de competência ou eficiência individual; o que se considera importante é apontar recursos no que tange à utilização de uma linguagem visual convertida em verbal, as diversas formas de produção de sentido daí derivadas, e a importância do permanente emprego de novos elementos de descrição dos lances de gol, instante mais aguardado do futebol.

Além disso, o autor desta dissertação é londrinense, jornalista graduado pela UEL, radialista há mais 20 anos, sempre em emissoras do município, e traz consigo a inquietação que se transforma em alvo a ser aprofundado e estudado. E esse sentimento fez aflorar o questionamento sobre a importância de se descreverem os lances mais destacados do jogo, assim como trazer informações que aproximem o ouvinte com o ambiente da partida, adotando palavras que ajudem na produção de sentido e entendimento, visualização mental dos espaços e compreensão dos fatos contados pelo microfone radiofônico.

Por trabalhar em rádio, o autor, desde os tempos em que realizou seu TCC de graduação, tem a convicção de estabelecer este campo como seu perfil de pesquisador; assim, passou a se preocupar em continuamente estudar formas de aperfeiçoamento para utilizar, em sua lida profissional, nas transmissões de futebol, palavras que ajudem o ouvinte a entender, sempre melhor, os lances descritos pelo narrador. Essa decisão é reforçada continuamente, visto que o autor atua nas funções de repórter (atribuição que será descrita mais adiante) e comentarista, aquele que tem a incumbência de opinar sobre a qualidade do jogo.

A ambiência mais local no tocante ao clube, confere um ar doméstico ao material coletado (contudo, pode ser perfeitamente aplicada e replicada em outras esferas) e traz a possibilidade de reflexão pessoal e profissional do próprio autor, e ainda oferece material para compartilhar com os demais profissionais do meio, com outros pesquisadores e interessados no assunto. O mesmo se aplica da perspectiva de quem gosta de rádio, de futebol

ou do Londrina Esporte Clube. “Representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos” (Hall, 2006, p. 32).

Tratar sobre o clube de futebol da cidade de Londrina, é um fator a considerar em termos de narrativa; ou seja, há uma carga emocional diferenciada (para quem é da cidade e narra sobre um time da cidade, para moradores da cidade) e a atmosfera do estádio, fatores anímicos que contagiam os profissionais e conferem apelo sonoro maior aos ouvintes, que sentem, percebem e escutam o “barulho” produzido pelas arquibancadas. Sobre o material produzido em 2010 e o atual, há essa “diferença”, do nacional para o estadual (local) e o apelo do time do município sede da pesquisa, da universidade e da emissora de rádio.

Cabe a ressalva de que não se está afirmando que o Londrina Esporte Clube não seja grande; é que sua magnitude, como a de outros times de semelhante estrutura, é desproporcional em relação à de Corinthians, Flamengo e afins, que foram estudados no primeiro trabalho. Para efeito de comparação, o LEC não participa da elite do futebol nacional desde 1983, enquanto os demais clubes citados ou “maiores”, lá estão, desde que o futebol profissional masculino se organizou no país, a partir dos anos 1960, com os campeonatos de futebol interestaduais.

O governo militar não tardou em perceber o potencial disso: em maio de 1969, a administração Costa e Silva criou a Loteria Esportiva, incluindo nela jogos de todo o país, o que obrigava o apostador a se interessar pelo que acontecia nos outros estados. No mesmo ano, o governo pediu que a CBD elaborasse um campeonato realmente nacional, o que se confirmou em 1971, logo após a conquista do tri. A disputa substituiu o “Robertão”, como era chamado o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, estabelecida pelas federações do Rio e de São Paulo em 1967, mas que, em sua maior edição, incluiu apenas times de São Paulo, Rio, Minas, Paraná e Rio Grande do Sul (Guterman, 2009, p.180).

O enfoque também pressupõe uma rádio de Londrina que “fala” especificamente para o torcedor do Londrina Esporte Clube, time de futebol profissional mais vencedor e representativo da história do município e que confere um quesito ainda mais emocional nas transmissões. Isso ocorre visto que, em grandes rádios, devido à pluralidade da paixão clubística dos ouvintes, a emoção dos profissionais, no microfone, deve ser igualitária e/ou proporcional para os chamados grandes clubes, a fim de evitar o rótulo de emissora clubística – ou torcedora de um time em especial, o que seria péssimo para o trabalho geral.

A emissora de rádio londrinense que será objeto de estudo, a Paiquerê 91.7 FM, tem uma “licença” para “torcer”, visto que está “falando” de modo mais direto para o torcedor do Londrina, cujo apelido é “Tubarão”, devido ao fato de a sua “mascote” ser esse

animal. Na cidade em questão, não há um outro clube capaz de rivalizar, tampouco outros torcedores e/ou simpatizantes de uma terceira equipe, não envolvida no compromisso irradiado do LEC, e que, dificilmente ou raramente estariam acompanhando a transmissão em questão. Essa “torcida para o Tubarão”, em si, traz uma carga extra de emoção aos profissionais que estiveram com a incumbência de trabalhar nas pelepas pesquisadas. E é aí que entra a relevância e o cerne do estudo semiológico.

Existem ouvintes que estão no estádio vendo o jogo e ouvindo (com o radinho de pilha ou com o smartphone plugado em aplicativo e ou sintonizado em FM); ainda há aqueles que gostam de assistir na TV (com o volume mudo) e ouvir pelo rádio, e há os torcedores que estão escutando o jogo, contudo não estão assistindo. Ou seja, dependem exclusivamente do rádio para se informar acerca do duelo futebolístico.

E é pensando principalmente nesse público que se vai abordar a necessidade de a descrição estar em equilíbrio com a emoção para o pleno entendimento do lance do gol por parte do ouvinte, que não tem a possibilidade de ver a partida de futebol. “Diferentemente da TV, quem liga o evento esportivo ao evento é o narrador” (Chantler; Harris, 1998, p. 180). Logo, o narrador de futebol no rádio é quem conta e descreve a trajetória da bola, o movimento dos jogadores que estão atuando e os lances da partida. “Uma palavra bem aplicada pode economizar muito de quem fala e quem ouve” (César, 1990, p.74).

Quanto a procedimento metodológicos, há uma composição híbrida em seu emprego, posto que um jogo de futebol é um objeto rico, em fenômenos e possibilidades de descrição, via linguagem radiofônica. Para legitimar e referendar o material, foi utilizada a pesquisa bibliográfica:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos (Gil, 2002, p. 48).

Chega-se à pesquisa documental, que legitima e contribui com a sistematização do alvo de estudo e confere norte, ao mesmo tempo que baliza os caminhos de investigação. Nesse percurso, são feitas inúmeras consultas, sondagens e levantamento de informações capazes de alimentar o material pensado e nutrir a proposta de nuances claras, na

construção do resultado final. Logo, o trabalho também se caracteriza como do tipo pesquisa documental, tendo em vista a natureza diversificada e de dispersão da fonte.

Sobre o lado exploratório da pesquisa, considerando os objetivos do estudo realizado, cabe ressaltar o fato de assegurar uma possibilidade de ofertar maior familiaridade com o assunto, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir melhor as hipóteses ou pressupostos.

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão". (Gil, 2002, p. 41).

Como a Rádio Paiquerê 91.7 FM tem quatro narradores, serão quatro gols analisados, decupados e confrontados com palavras descritivas, elementos de visualidade da palavra que ajudem, o ouvinte, a produzir sentido do momento e compreender melhor o lance do gol. O intuito não é comparar as descrições dos narradores, fazer constar quem descreve melhor; apenas mensurar a carga descritiva em cada jornada pesquisada, por parte de cada um dos quatro profissionais e seus companheiros de jornada: o repórter, que traz outros detalhes do lance. "Para quem não está vendo, o emissor deve verbalizar detalhes para reconhecimento dos traços. Assim o destinatário vai decifrar a mensagem. Quanto mais bagagem cultural, melhor a capacidade de passar a mensagem" (Jakobson, 2003, p. 48).

Outro critério a ser adotado como requisito e fonte da análise serão jogos em Londrina e no Estádio Municipal do Café Comendador Jacy Scaff. Com o advento do "tubão" (quando uma emissora de rádio transmite a partida de seu estúdio assistindo TV e "dubla" a televisão e "finge" ou "mente" estar no estádio); isso gera "frieza" e desmotivação do profissional para o trabalho (por experiência própria!), já que nada se compara à emoção de estar no palco do jogo, vivenciando e respirando a partida. E ainda partindo da premissa de que o torcedor do Londrina Esporte Clube tem uma familiaridade com as dependências e a estrutura do Estádio do Café. Isso já contribui no processo do ouvinte de assimilar a posição espacial "de que lado saiu o gol – se do lado da arquibancada em forma de ferradura ou dos vestiários". De modo que essas palavras, quando ditas no lance do gol já facilitariam, e muito, ao ouvinte, tentar visualizar mentalmente o tento anotado. "A falta da imagem no rádio é compensada, necessariamente, pela imaginação visual do ouvinte" (Meditsch, 2005, p. 163).

O jogo no Estádio do Café, por essa razão, confere ainda mais emoção ao profissional que vai trabalhar na partida. Assim entendido, torna-se redobrada a necessidade de não deixar que a referida emoção atrapalhe na descrição do lance de gol. Todavia, não só a participação do narrador será avaliada. Em uma estrutura básica de uma jornada esportiva no rádio, existem outras funções também alvo da investigação do material: o repórter de campo, que complementa e tenta trazer um detalhe diferente do que disse o narrador na descrição em tempo real do gol (o repórter, ao contrário do narrador que precisa acompanhar o movimento da bola, fala segundos depois, com o lance já finalizado). “O rádio provoca a imaginação do ouvinte, o que faz dele um veículo mobilizador e lúdico. O ouvinte associa imagens aos sons que lhe são oferecidos” (Lima, 2001, p. 35).

O critério de seleção será um tento descrito pela voz de cada um dos quatro narradores de futebol da emissora em voga: J. Mateus, Fiori Luiz, Vanderlei Rodrigues e Augustinho Pereira. E, nos jogos com público no Estádio, a carga emocional do narrador, que tem a responsabilidade de contar e descrever os acontecimentos, aumenta ainda mais. Até para o profissional, é um desafio, que requer muita concentração. Foram levantados também autores que trabalhem com as temáticas do rádio, do futebol e ainda a busca de elementos históricos da cidade de Londrina e do clube de futebol “Londrina Esporte Clube”, para dar corpo e luz à descrição e à análise propostas, valorizando essa identidade.

O material pesquisado é fruto do entusiasmo do pesquisador pelo futebol e pela cidade em que nasceu e vive, promovendo o que Gil (2002, p. 18) menciona como “curiosidade e criatividade” para desenvolver uma pesquisa; no caso desta que será aqui apresentada, o direcionamento é contribuir com a discussão da necessidade da adoção de uma linguagem visual na produção de sentido por meio das partidas de futebol irradiadas em Londrina, e tentar também contribuir no ofício do jornalismo radiofônico especializado em esportes, com foco no melhor entendimento por parte dos ouvintes/torcedores. “O rádio exige que você faça o jogo na cabeça do espectador” (Soares, 1994, p. 74).

2.1 RÁDIO E FUTEBOL: CASAMENTO DE DÉCADAS, NO PAÍS E EM LONDRINA

O rádio é um companheiro nas transmissões de futebol. Devido à sua mobilidade, já que pode ser ouvido em casa, no carro, no transporte coletivo, no trabalho, no estádio ou em qualquer lugar, a praticidade em tamanhos, formatos e modelos fez com que o aparelho se configurasse em um apoio presente e fiel aos amantes do futebol. Claro que, nos últimos anos, o advento da revolução dos *smartphones* com acesso à internet, ofuscou o

“charme” e o “romantismo” do “radinho de pilha”. Entretanto, o rádio segue sendo companheiro. Para milhares. Muitos desses aparelhos sintonizam emissoras radiofônicas de AM e FM sem a necessidade de conexão com a internet. O fone de ouvido serve como “antena sintonizadora”.

Desde a chegada do futebol no país, e o abrupto e imenso interesse da massa brasileira pela modalidade esportiva, livre da concorrência com a TV, que veio décadas depois, o brasileiro foi se acostumando a acompanhar futebol pelo rádio, e esse amor é “de berço”. O “pai” do rádio, por pouco, não foi um brasileiro. Até porque, a história da invenção do rádio também passa pelo Brasil através da atuação do padre gaúcho Roberto Landell de Moura, nascido em Porto Alegre, em 1862. Ele desenvolveu um aparelho que transmitia e recebia a voz humana sem a utilização de fios condutores.

As primeiras experiências de radiodifusão no Brasil realizaram-se em 1892, portanto três anos antes do surgimento do físico italiano Guglielmo Marconi, em Campinas-SP. Padre Roberto Landell de Moura, utilizando uma válvula amplificadora de sua invenção e fabricação com três eletrodos, transmitiu e recebeu a palavra humana através do espaço. E a experiência foi repetida em 1894. (Tavares, 1999, p. 22)

O sucesso do feito colocou em dúvida sua sanidade mental diante de seus superiores. Sete anos depois, Landell de Moura conseguiu a patente brasileira para o seu invento. Em 1901, sem apoio das autoridades brasileiras, embarcou para os Estados Unidos, onde patenteou o telégrafo sem fio, o telefone sem fio e o transmissor de ondas. O veículo rádio teve muitos pesquisadores que contribuíram na pesquisa que desembocou no rádio como se conhece, “só que, quem patenteou o rádio foi o italiano Guglielmo Marconi, em 1896” (Tavares, 1999).

Oficialmente, o rádio chegou ao Brasil em 1922, na celebração do primeiro centenário da Independência do país, em Sete de Setembro, durante os festejos e da Exposição Nacional, no Rio de Janeiro, então capital federal, com um transmissor no alto do morro do Corcovado.

No pavilhão principal puderam ser ouvidos o discurso de Epitácio Pessoa (então presidente da República) e trechos da ópera O Guarany, de Carlos Gomes, que estava sendo executada no Teatro Municipal. As transmissões, ainda que acompanhadas de muitos ruídos, espantaram e maravilharam as pessoas presentes (Calabre, 2002 p. 3).

Desde então, o rádio encanta, informa e emociona o brasileiro. Meio de comunicação de massa inclusivo, o rádio inclui analfabetos ao mundo da informação e entretenimento gerado por ele. E o futebol soube cativar as massas. E o casamento da

modalidade esportiva com o rádio teve papel fundamental, em ajudar a esparramar esse amor. Quem trouxe o futebol para o Brasil foi Charles Miller. Segundo Mills (2005), “filho de pai escocês e de mãe inglesa, que migraram para o Brasil para trabalhar na companhia ferroviária Railway Company”, Miller aos 10 anos de idade viajou para a Inglaterra com o intuito de estudar. Porém, o brasileiro foi apresentado ao novo esporte, a uma modalidade diferente daquilo que se conhecia no Brasil, e ele se encantou. Mesmo jovem, sonhou em trazer a novidade para o país. E trouxe. “Foi lá, na Bannister Court School, uma escola pública em Hampshire, que aprendeu as regras e o jogo de futebol e também do críquete e do rugby. Desde cedo, Miller já mostrava habilidade como jogador e como técnico, além de atuar como árbitro” (Mills, 2005). Isso tudo no fim do século XIX.

Em 18 de fevereiro de 1894, Charles Miller retornou ao Brasil para trabalhar no setor de almoxarifado na empresa em que o pai era funcionário. Trouxe consigo as duas primeiras bolas de futebol para o país, além de um par de chuteiras, um livro com as regras do jogo e uma bomba de encher bolas. “O futebol brasileiro estava nascendo” (Mills, 2005). Miller jogou pelo time da empresa e ajudou na vitória por 4 x 2. “Esse estudante, um jogador de talento, não é considerado apenas o introdutor no Brasil do futebol e das regras desse jogo regulamentado pelos ingleses, mas o que influenciou para que essa modalidade esportiva se tornasse paixão nacional” (Soares, 1994, p. 22).

Miller não apenas trouxe o futebol para o Brasil como exerceu papel ativo na criação de clubes. E com o futebol ganhando adeptos, sejam jogadores ou fãs, e com a popularização do rádio, com emissoras surgindo país afora, o esporte ganhou espaço e iniciou o casamento com as ondas radiofônicas. No começo, quando o esporte ganhou espaço nas emissoras, os jogos eram descritos nas transmissões de forma lenta. “A partir da década de 1930, vários profissionais tentaram, de uma forma bastante estranha quando comparadas à dos dias de hoje, transmitir uma partida de futebol”. (Soares, 1994, p. 20). As transmissões esportivas no rádio começaram na década de 1930. A honra da primeira partida narrada coube ao locutor Nicolau Tuma. Antes dessa transmissão, só era possível fazer boletins informativos sobre modalidades esportivas.

A primeira partida irradiada reuniu jogadores de estados diferentes em um jogo de seleções de atletas, na cidade de São Paulo, berço do futebol e também da narração esportiva no rádio. Com menos de 30 anos da chegada e com a veloz popularização do futebol no Brasil, e, com menos de dez anos da presença radiofônica no cotidiano do país, o casamento duradouro começava e revolucionava, para sempre, essas duas paixões nacionais: o futebol e o rádio. “19 de julho de 1931 foi a data da primeira transmissão direta de futebol pelo rádio e

início da história do radiojornalismo no Brasil. O primeiro locutor foi Nicolau Tuma, e o jogo entre a Seleção de São Paulo e a Seleção do Paraná” (Soares, 1994, p. 22).

Com o passar dos dias e o aumento pelo interesse, as transmissões começaram a ganhar velocidade e ritmo, como acontece nas que são feitas atualmente. Quem teve essa perspicácia foi o mesmo Nicolau Tuma, idealizador desse método, conhecido como “speaker metralhadora” e que tinha a habilidade de pronunciar até 150 palavras por minuto.

Nicolau Tuma, pela rádio Educadora Paulista, foi o primeiro homem a transmitir uma partida, em todos os seus 90 minutos, para uma emissora de rádio. O jovem locutor, com apenas 20 anos na época, não tinha nenhum padrão de transmissão para se basear. Cabia a ele criar essa modalidade e ser o pioneiro (Santos, 2005, p. 35).

O narrador contava sozinho os lances do jogo inteiro. No início das transmissões radiofônicas, não havia apoio ou ajuda de outro profissional. Ao longo de todo o compromisso, os 45 minutos de cada tempo continham unicamente a fala do narrador. Como imprimiu ritmo e velocidade, Nicolau Tuma percebeu, desde cedo, o poder e o alcance do rádio. Os pesquisadores e historiadores do veículo apontam que ele notou que muita gente estava no estádio, de onde ele irradiava as pelepas, ouvindo a transmissão com um rádio. Contudo, muita gente que não estava no ambiente da partida, devido ao fato de o rádio ter muito alcance e penetração. Nessa época, ainda não havia a concorrência com a TV. Logo, sua audiência era enorme. Ele compreendeu que narrava para quem estava vendo, mas também para quem não estava. Portanto, adotou em seu palavreado, os “olhos” do jogo:

Nicolau Tuma criou uma descrição fotográfica da partida que dá ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. Isso em meados de 1931, numa das primeiras transmissões radiofônicas. Ele descrevia o movimento da bola entre os jogadores e os lances da partida e empregava uma técnica denominada “filmar oralmente” (Soares, 1994, p. 29).

Nos anos seguintes da década de 1930, apesar de o futebol já levar muita gente aos estádios e campos, os dirigentes proibiram as transmissões esportivas dos locais das pelepas (Soares, 1994). Isso em virtude do temor dos mandatários da modalidade, que tinham medo de que o rádio pudesse provocar uma redução do público nas praças esportivas. Com a popularização crescente do futebol e a construção de estádios em expansão, o esporte ganhava cada vez mais adeptos, e o temor dos “cartolas”, felizmente, nunca se confirmou. Prova disso foi que na Copa do Mundo FIFA, em 1938, na França, o terceiro mundial de futebol da história, o rádio brasileiro esteve presente. Coube a Gagliano Neto cruzar o oceano Atlântico e, valendo-

se da popularidade do rádio e do futebol, cada vez mais crescentes no país, ter ido irradiar o Mundial.

Gagliano Neto narrou da França os cinco jogos do Brasil para a cadeia de Emissoras Byington (formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro; Cosmos e Cruzeiro do Sul de São Paulo em combinação com O Globo e o Jornal dos Sports, com patrocínio exclusivo do Cassino da Urca (Soares, 1994, p. 33).

Em decorrência, difundiu-se um grande interesse em tornar-se um “speaker” do rádio, um narrador esportivo. No Rio de Janeiro, na condição de capital federal, começaram a surgir narradores criativos e competentes. O mais importante e famoso dessa época foi Ary Barroso, que ficou caracterizado por tocar uma “gaitinha” quando um time marcava um gol. Outra peculiaridade de Barroso era sua parcialidade, conforme pesquisadores e profissionais da época, já que, como torcedor fanático do Flamengo, não titubeava ao dizer, nos jogos do seu time de coração, que quando o adversário estava com a bola, ele narrava “e agora ataque contra nós”.

Da mesma época de Ary Barroso, se notabilizaram também profissionais como Jorge Curi, Valdo Abreu e Oduvaldo Cozzi, dentre outros. Narradores que utilizavam uma linguagem poética e criativa e que cativavam o ouvinte. Utilizavam metáforas para “despertar a imaginação” do público. Em sua obra, Edileusa Soares avalia que, “o rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo, e o ouvinte aplaude os artistas. O que os radialistas fazem na narração tem um pouco disso tudo. É show e entretenimento” (Soares, 1994, p. 34).

Hoje em dia, cada estádio de futebol possui setores específicos para a imprensa. Geralmente, as cabines de rádio e TV têm uma visão privilegiada, no centro do campo, para facilitar o trabalho destes profissionais. Mas, nem sempre foi assim. Ary Barroso e seus contemporâneos, muitas vezes, narravam os jogos em locais improvisados, como galinheiros e telhados de casas vizinhas aos locais das partidas. Só com o avançar do tempo é que isso melhorou, em meados dos anos 1940. “O primeiro locutor a utilizar sons musicais como parte integrante da transmissão de futebol foi Ary Barroso, no Rio de Janeiro” (Soares, 1994, p. 73).

Com o avançar dos anos, regionalismos apareceram no meio. Os narradores cariocas tinham um estilo poético e enfeitado de descrever os lances de uma partida de futebol. Em 1942, na Rádio Record de São Paulo, os paulistanos lançaram um estilo mais objetivo e técnico, que primava por descrever cada jogada, cada lance. O inovador desse estilo e precursor da narrativa detalhada foi Geraldo José de Almeida. Com isso, instaurou-se uma grande

competição entre os radialistas esportivos de São Paulo e do Rio de Janeiro, que era a capital federal.

Na escola paulista, destacavam-se também Pedro Luiz e Blota Júnior (Soares, 1994). Essa popularização, com os transmissores robustos das emissoras de rádio, ajuda a explicar, até hoje, a preferência do público esportivo brasileiro, por torcer, no futebol, para times do eixo Rio-São Paulo, já que as rádios tinham sinais que eram captados em diversos estados brasileiros.

Conforme Dias e Lima (2011), o ponto máximo nas narrações esportivas paulistanas ocorreu em 1945 quando Paulo Machado de Carvalho adquiriu a Rádio Panamericana (atual Jovem Pan). Nesta fase, o esporte ganhou mais espaço na programação, além de mais organização nos trabalhos. E a grande revolução que modificou a estrutura de uma transmissão foi a criação de duas funções: comentarista e repórter. Até então, apenas o narrador contava os acontecimentos do jogo de futebol. Fazia 90 minutos de transmissão contando o que se passava no campo de jogo.

Desse ponto em diante, o rádio ganhou força e importância; inclusive, houve a necessidade da adoção de dois repórteres de campo, um atrás de cada meta, para auxiliar o trabalho de narrador e dar voz aos protagonistas do espetáculo. Com isso, a Panamericana ostentava o título de “A emissora dos esportes”. “O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa” (Soares, 1994, p. 17).

Com o sucesso das jornadas esportivas e a popularização expressiva da modalidade, outras emissoras passaram a transmitir futebol. Em 1958, a Rádio Bandeirantes ingressou no ramo, e a rivalidade foi benéfica para o meio esportivo radiofônico, visto que elevou o nível dos profissionais e abriu mais espaços, além de qualificar, a programação das emissoras. Com isso, os profissionais foram valorizados. Nomes de destaque: Mário Moraes, Edson Leite, Joseval Peixoto e Orlando Duarte (Soares, 1994).

No começo dos anos 1960, o rádio carioca começou a se fortalecer e copiar o modelo paulistano. Profissionais que despontaram: João Saldanha, Mário Viana, Valdir Amaral, Fernando Solera e Silvio Luiz, dentre outros. As coberturas esportivas aumentaram e foram melhorando, com a inserção de vinhetas. A Rádio Globo adota, até hoje, inserções sonoras que valorizam o fim das palavras. A tradicional vinheta Rádio Gloooooo e as características Flamengoooooo, Vascoooooo, foram copiadas de uma música do cantor Fábio que interpretava a canção “Estela” com um sonoro Estelaaaaa. Daí, a criatividade das emissoras em inovar nas vinhetas foi aumentando, e cada veículo tem sua característica, com sinais

indicativos de início de jogo (trilar do apito) ou de tempo de jogo, acionado a cada cinco minutos para informar o placar do jogo transmitido e dos demais que estão em andamento (Soares, 1994).

Nesse meio tempo, o narrador Fiori Gigliotti uniu estilos ao transmitir seus jogos com a objetividade paulista e a poesia carioca. Foi e é, sem dúvida, o radialista mais copiado do Brasil. Ele se notabilizou pelo emprego de bordões que até hoje são utilizados por alguns narradores de futebol. Fiori era tão querido e popular que recebeu mais de 200 títulos de cidadão honorário, principalmente pelo interior de São Paulo (Soares, 1994).

Dias e Lima (2011) apontam algumas das frases criadas e celebrizadas por Fiori Gigliotti foram: “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo” (Quando o árbitro dava início ao jogo), “E o tempo passa...” (antes de anunciar o tempo de jogo), “E o tempo passa, mas ele não passa” (quando um jogador segurava demais a bola), “Aguenta coração!” (quando um time atacava várias vezes sem conseguir fazer o gol, ou estava prestes a cobrar um pênalti ou falta próxima à área adversária), “Crepúsculo de jogo” (quando o tempo da partida entrava em seus minutos finais), “É fogo, torcida brasileira” (quando narrava partidas da seleção, e a situação não estava muito boa), “Gol! Gol, Goooool. Uma beleeeeeza de gol” (e dizia o nome do jogador várias vezes, para falar do momento máximo do futebol) e “Fecham-se as cortinas e termina o espetáculo”, (quando o árbitro apitava o final da partida).

A partir dos anos 1970 e 1980, o rádio ganhou contornos diferentes no modo de transmissão, com pitadas de humor e irreverência. Jogadores, técnicos e dirigentes eram alvos de muita descontração e brincadeiras dos narradores, e o estilo persiste atualmente. Osmar Santos e José Carlos Araújo são os “criadores ” desse sistema. Para muitos, Osmar Santos foi o “Pai da matéria”, em transmissões de futebol pelo rádio. Ele criou bordões, frases de efeito e apelidos, que são usados até hoje. Um exemplo é o atacante Edmundo, que fez sucesso no Vasco, Palmeiras e chegou a seleção brasileira (jogou a Copa do Mundo de 1998) com o apelido de “animal”. De acordo com Cyro César, “o rádio desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais de acordo com a expectativa de cada um” (César, 1990, p. 57).

Aliás, a transmissão do futebol no rádio tem um marco divisório. Estudiosos do veículo, cronistas esportivos e torcedores habituados a ouvir as irradiações das partidas são unânimes em destacar que existe uma fase antes e outra depois de Osmar Santos. O “Pai da Matéria”, como era chamado por muitos, falava até 100 palavras por minuto, sem atropelar nem engolir nenhuma letra sequer. Segundo historiadores e pesquisadores de rádio, inclusive, vários fonoaudiólogos foram convocados a estudar sobre Osmar Santos, tratado como um fenômeno

do rádio esportivo brasileiro. Todos demonstravam entusiasmo com a narrativa e consideravam sua locução como uma “obra-prima”. De acordo com Edileusa Soares, em entrevista feita com o narrador esportivo Osmar Santos, ele afirmou que “o rádio exige que você faça o jogo na cabeça do espectador” (Soares, 1994, p. 74).

O locutor usava elementos emocionais para reforçar a narração. Osmar valorizava a partida com muita dramaticidade, chamando a atenção do ouvinte, de maneira constante. Com tudo isso, ele não só revolucionou a forma de transmitir futebol, em pleno período em que a televisão já dominava a atenção do público (décadas de 1970 e 1980) como também o investimento comercial. Muitos consideraram a sua criatividade como ponto alto. Entretanto, o que igualmente ele fazia com maestria, era surpreender a todos com expressões que criava e com as citações que fazia em plena transmissão. Algumas expressões como “ripa na chulipa” e “pimba na gorduchinha” fizeram parte do linguajar de muitos torcedores e até de muitos dos narradores, que seguiram a sua “escola de narração”.

Outra evolução que a transmissão esportiva apresentou ao longo dos anos foi a forma de contar o momento máximo do futebol. O grito de gol. Historiadores e pesquisadores do meio indicam que alguns narradores só diziam “Gol do time X. Fulano de tal fez e agora 1x0”. Jorge Curi adotou o grito de “golaço, aço, aço”. José Carlos Araújo inovou ao narrar “golão, golão, golão”. Emissoras de São Paulo entoam musiquinhas como “é gol que felicidade, é gol, o meu time é a alegria da cidade”, antes do grito característico de “GoooooooooooooIIIIIIIIIIII”, que foi iniciado nas narrações de Raul Longras e Rebelo Júnior (Soares, 1994).

Em Londrina, conforme Pinheiro (2001), o rádio “chegou” em 1943, e a transmissão esportiva foi iniciada no dia 7 de setembro de 1949. A Rádio Londrina AM 560 (primeira emissora da cidade e que ainda irradia nesta mesma frequência) transmitiu no campo do Operário, o jogo entre o Operário de Londrina e Palmeiras-SP e Ambrósio Neto foi o primeiro narrador. O futebol foi o primeiro esporte, mas, a cidade já ouviu, nesta e em outras emissoras, modalidades como basquete, Jogos Abertos, corrida de rua, boxe, bolão, futebol de salão, handebol, automobilismo, turfe, vôlei... Carlos Silva, Arseno Athas, Euclides Sapia, Rubens Greifo foram alguns dos primeiros locutores (Pinheiro, 2001). Desde então, muitas emissoras transmitiram esportes e futebol. Muitas pararam, outras fazem transmissões esporádicas, contudo, o londrinense se habituou a ouvir rádio e a acompanhar o futebol nas ondas sonoras.

O rádio londrinense é um dos mais fortes e respeitados do Brasil, no tocante ao gosto, tradição e dedicação ao esporte. Muito disso se deve à Rádio Paiquerê (que era AM

1110 e hoje migrou para o espectro FM e está em 91.7), que com o slogan “a rádio do Paraná que o Brasil inteiro conhece”, cobriu *in loco*, as Copas do Mundo Fifa de 1986 até 2014, oitenta e dois anos ao todo. Contudo, o que fez também, ou mais ainda, o esportista de Londrina e região sempre sintonizar a emissora, foi e é a cobertura de transmissões de jogos e o cotidiano, com um extenso noticiário diário, com as informações de jogos e treinos do Londrina Esporte Clube.

2.2 LONDRINA ESPORTE CLUBE EM CAMPO E PAIQUERÊ 91.7 FM NO RÁDIO

O futebol e o rádio já operavam, com sucesso, em simbiose no Brasil antes mesmo de o objeto de pesquisa deste material surgir. O núcleo habitacional que confere recorte geográfico ao presente trabalho, se emancipou, data da década de 1930. E, em grande velocidade, a cidade, o rádio, a transmissão esportiva e o time, se unem de modo intrínseco. Londrina é uma “jovem senhora”. Cidade do norte do Paraná que foi fundada com o batismo sendo uma homenagem à capital da Inglaterra.

O nome da cidade é uma alusão e uma homenagem as “filhas de Londres”, e foi feita pelo Dr. João Domingues Sampaio, um dos primeiros diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná. A criação do Município ocorreu cinco anos mais tarde, através do Decreto Estadual n.º 2.519, assinado pelo interventor Manoel Ribas, em 3 de dezembro de 1934. Sua instalação foi em 10 de dezembro do mesmo ano, data em que se comemora o aniversário da cidade (Prefeitura Municipal de Londrina, 2021).

Com pouco tempo de vida, a cultura do café se transformou no principal produto e referencial econômico de desenvolvimento do município. E esse passado cafeeiro é refletido no nome da maior praça esportiva municipal, e que vem a ser o palco das partidas e parte integrante e indissociável do recorte de pesquisa deste material.

Londrina, já nos anos 50, emergiu no cenário nacional como importante cidade do interior do Brasil. Neste período, apresentou considerada expansão urbana em razão da produção cafeeira no norte do Paraná, em especial na cidade de Londrina, o que levou à intensificação do setor primário de toda região. Nesta década a população passou de 20.000 habitantes para 75.000, sendo que quase metade se encontrava na área rural. (Prefeitura Municipal de Londrina, 2021).

O café foi a mola propulsora do desenvolvimento do município. “O auge da cafeicultura no norte do estado ocorre nas décadas de 40 e 50 do século XX, o que rende a Londrina a alcunha de a ‘capital mundial’ do café” (Yasho; Arias Neto, s/d, p. 3). Isso perdurou até meados da década de 1970, quando o governo brasileiro passou a incentivar o café na região sul do estado de Minas Gerais, e a geada negra, fenômeno meteorológico que dizimou milhares

de pés de café no norte do estado, fez com que a cultura cafeeira deixasse de ser a locomotiva que puxava a economia londrinense.

Em consequência da geada de 1975, um programa especial de recuperação e revigoração de cafezais foi desenvolvido visando a recuperar o parque cafeeiro do Paraná, porém, adquiriu maior ênfase no Estado de Minas Gerais para onde muitos cafeicultores se deslocavam. Após a forte redução em consequência da geada de 1975, a população cafeeira recuperou-se nos 3 anos seguintes, para só então, entrar em declínio a partir de 1980 com o deslocamento do eixo de produção para outros estados” (Pozzobon, 2006, p. 158).

E a jovem cidade no interior do Paraná estava sedenta por novidades. Tanto é que, com menos de dez anos de sua criação, a radiodifusão aportava no município.

No dia 11 de setembro de 1943, às 22 horas e 10 minutos – ao som do tango Oh! Esses olhos negros, executado a partir de um disco de 78 rotações – entra no ar, em caráter experimental, a primeira emissora de rádio de Londrina, a ZYD-4 – Rádio Londrina, operando na frequência de 820 “kilociclos” (Pinheiro, 2001, p. 6).

Além do rádio, o futebol também se moldava e se avolumava na cidade. No item anterior, foi apresentada a primeira irradiação esportiva, em um jogo amistoso, em caráter interestadual. Contudo, nessa “ânsia por novidades”, a “cena esportiva” do município resolveu se organizar, cotizar e estruturar. De modo que, a cidade com menos de 25 anos de instalação, e que tinha pouco mais de dez anos da chegada e da operação de uma emissora radiofônica, passou a contar com um clube de futebol profissional, como todos os elementos para “nascer com grandes pretensões”. Fundado em 1956, o Londrina Esporte Clube, surgiu após muitos londrinenses terem de se deslocar para a vizinha cidade de Rolândia para assistir partidas profissionais de futebol. Daí, emergiu a ideia de se criar uma equipe capaz de ser competitiva e representar a cidade em eventos futebolísticos profissionais. No estado do Paraná e até fora dele.

A ideia vingou e no dia 5 de abril de 1956, no Monções Hotel, era lavrado o ato de fundação do Londrina Futebol Clube. Neste dia também foram escolhidas as cores do novo clube: azul e branco. [...] Vinte e um dias depois, no Gabinete do prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, houve uma reunião para definição dos estatutos e composição da diretoria (Mateus, 1996, p. 9).

Desde sua fundação, o time, de futebol masculino, mandava seus jogos no Estádio Vitorino Gonçalves Dias, carinhosamente chamado pela torcida de VGD. Quando os resultados foram aparecendo em nível estadual, o clube ganhou destaque e teve a oportunidade de alcançar competições profissionais em âmbito nacional. Para este fim, a cidade precisava construir um novo estádio, maior, mais imponente, e batizá-lo, para que grandes clubes do

futebol brasileiro pudessem se apresentar no município e enfrentar o LEC. A capa do “Diário do Paraná”, de 22 de agosto de 1976, resumiu o contexto do momento e a grandiosidade da obra.

Construam um estádio e vocês serão incluídos no Campeonato Nacional de Clubes. Assim se expressaram os dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos ao final do ano passado. Era mais uma lembrança e também o início de uma grande corrida para se construir um novo estádio para substituir o pequeno e acanhado "Vitorino Gonçalves Dias". Mas, Londrina não construiu um estádio qualquer. A cidade levantou o estádio, repetindo: Levantou-se o Estádio do Café. O Londrina, time de futebol, cresceu, passou a ser o "Tubarão" e merecia um outro palco para os seus espetáculos (Hemeroteca Digital Brasileira, 2021).

O estádio, sede dos jogos da equipe, quando foi criado, logo foi batizado como “Estádio do Café”, devido ao contexto histórico do município e, desde 1976, o “mundo” do futebol sabe que em Londrina, se joga no “Estádio do Café”. Para homenagear um dos grandes presidentes de sua história, o atual nome do estádio foi modificado, com uma inclusão, mas sem deixar de lado o peso da memória cafeeira. O novo e atual nome é “Estádio Municipal do Café Comendador Jacy Scaff”, vindo de uma lei municipal, datada de 12 de janeiro de 1997 (Câmara Municipal de Londrina, 2021).

Tradicionalmente, os times de futebol são também reconhecidos por uma mascote, seja um animal, um personagem ou outro símbolo. A mascote do LEC é um tubarão, e isso ajuda a identificar o clube. A escolha veio em meados dos anos 1970, quando fez sucesso o filme “Tubarão”. Anterior a isso, o Londrina era chamado de “caçula-gigante”, visto que nasceu com pensamento ambicioso e logo foi buscando seu espaço no futebol do estado, com títulos e bom desempenho. E em um campeonato em que o clube apresentava resultados acima do esperado, o LEC começou a causar medo nos adversários, igual ao filme da época, que causava calafrios nos expectadores.

A imprensa, para enaltecer essa boa fase em campo, fez o favor de batizar o LEC de “tubarão”. A alcunha veio do jornalista de impresso Victor Grein Neto e do radialista/apresentador de televisão Rubens Fernando Cabral. “O jornalista Victor Grein Neto, que escrevia para os jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná* é de fato ‘o pai’ e Rubens Fernando Cabral, o verdadeiro ‘padrinho’ do tubarão” (Mateus, 1996, p. 95). Além de tubarão, LEC, caçula-gigante, as cores azul e branca (alviceleste) também ajudam a identificar e a reconhecer o clube.

Como esse estádio integra o recorte desta pesquisa, é importante ressaltar que, para ajudar na compreensão e produção de sentido dos lances de gols narrados nessa praça

esportiva, é fundamental, para que aquele ouvinte que não está presente no estádio, mas que tenha alguma familiaridade ou já estado anteriormente ali, possa usar essa “bagagem prévia”, para se emocionar e visualizar mentalmente o gol feito, no instante de sua marcação, com a narração e descrição da rádio. Grandes momentos dos clubes de futebol são imortalizados, sobretudo pelos resultados. Jogadores que brilharam nos campos ajudaram a construir e aumentar o número de torcedores.

Nenhuma narrativa existe fora do ato humano de produção de sentido. Narrativa pode, então, ser definida como a maneira como produzimos nossa existência em atos corriqueiros e banais, ou seja, na história. (...) A produção de sentido se converte em configuração de um novo texto que volta ao mundo produzindo novas compreensões, explicações e, por fim, transformações (Barbosa, 2019, p.7).

Essa “memória” será essencial no processo de compreensão. A memória, de acordo com Pollak (1992, p. 204), é “um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si”. E para se materializar essa delimitação, elementos colaboram para construir a memória e torná-la parte de um todo. Nesse prisma, Pollak (1992, p. 2-3), escreve que a memória individual ou coletiva tem peso para reforçar acontecimentos.

[...] em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. [...] Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. [...] Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.

O futebol, como cultura popular, ajuda a manter viva essa memória, com parte dos símbolos que identificam o Londrina Esporte Clube, como o Estádio do Café, palco maior dos jogos do clube, que representa o município em competições estaduais e nacionais. Nessa relação “memória da cidade e futebol” e “identidade” do município, contribui como fator de reconhecimento da história do desenvolvimento da cidade de Londrina, no Paraná. Segundo Le Goff (2003, p. 419), o conceito de memória é ligado ao cotidiano.

Fenômeno individual e psicológico (cf. soma/psiche), a memória liga-se também à vida social (cf. sociedade). Esta varia em função da presença ou ausência da escrita (cf. oral/escrito) e é objeto da atenção do Estado, que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documentos/monumento, faz apreensão da memória, depende deste modo do ambiente social (cf. espaço social) e político (cf. política): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (cf. imaginação social, imagem, texto) que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. ciclo, gerações, tempo/temporalidade).

A juventude da cidade, do time e do rádio, une-se nessa identificação, popularização, valorização e amplificação do Londrina, Estádio do Café e com as emissoras de rádio, que desde o início, transmitiram as partidas do LEC. E o casamento do futebol com o rádio, amplia esse panorama. Conforme Damatta (1982, p. 29), “(...) que o futebol é um objeto social complexo e que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes sociedades. Isso permite que mesmo um *sport* seja uma diversão na América e um instrumento de comunicação social e de construção de identidade nacional em países como o Brasil”. E futebol e rádio, também em Londrina, formam um casamento longo e harmonioso.

O rádio possui caráter imediato, possibilitando que o ouvinte se inteire de fatos no momento em que acontecem. A transmissão de um jogo de futebol, a cobertura de acidentes no local do ocorrido dão agilidade para o meio. O rádio acelera a disseminação das informações em curto espaço de tempo, subsidiando a sociedade, os grupos e indivíduos em dada formação cultural. (Barbosa Filho, 2003, p. 47).

Em Londrina, a rádio que tem mais tradição em acompanhar os jogos do Londrina Esporte Clube é a Paiquerê, que era AM 1110, mas com o advento da migração do AM para o FM, ocupa agora a faixa FM 91,7. Segundo a Folha de Londrina (2021), “‘Paiquerê 91,7 FM – uma rádio que nasce com 62 anos de história’. Esse é o slogan usado pela rádio Paiquerê AM para marcar a migração da tradicional emissora londrinense em nova frequência, a partir desta segunda-feira (7).” E as histórias quase que se fundem e até se confundem. Posto que, um ano após a fundação do LEC, surgiu, no espectro do AM (único ativo, já que o FM chegou anos depois), a rádio Paiquerê. Mais precisamente no dia 9 de fevereiro de 1957, com o prefixo ZYS-57, entrou em definitivo no ar. Naquele momento, foi apenas a terceira emissora de rádio que operava na cidade (Pinheiro, 2001) que contava apenas com as rádios Londrina e Difusora.

A concessão da emissora foi cedida ao empresário Pedro Alcântara Worms, que foi o vencedor da concorrência aberta pelo Conselho Nacional de Telecomunicações. O empresário e seu sócio, Samuel Silveira, também eram proprietários de outras emissoras de rádio no Paraná e formaram a “Rede Paranaense de Rádio”, da qual a Paiquerê passou a fazer

parte do grupo, em seu início (Paiquerê, 2021). Já no final da década de 1960, as emissoras do grupo começaram a ser vendidas e com isso, a Paiquerê foi comprada por um grupo de empresários da cidade, liderado por Orlando Mayrink Góes. Segundo histórico no site da emissora (2021), em 1970, a emissora novamente foi vendida para um outro grupo, encabeçado por Álvaro Dias (que foi vereador em Londrina e depois governador e senador do Paraná).

Nas mãos de políticos, a rádio se endividou e correu o risco de ter a concessão cassada. Com isso, a solução foi “entregar” a emissora para ser administrada por um grupo de profissionais de rádio (Paiquerê, 2021). Desde então, a rádio Paiquerê tem como diretor-proprietário o empresário João Batista Faria, o JB Faria. Conforme Paiquerê, 2021, “em 1973 ela foi adquirida através de uma parceria formada inicialmente por três sócios que eram donos de uma agência de publicidade chamada ‘Elos propaganda’; o grupo era formado pelo atual dono da emissora JB Faria, Ricardo Spinoza e João Correia, já falecido”. A preocupação dos novos proprietários era equacionar as dívidas da rádio contraídas anteriormente (Paiquerê, 2021).

Atualmente, a rádio Paiquerê FM 91,7 está instalada na avenida Higienópolis, número 2100, às margens do Lago Igapó II, desde 1979, todavia somente em 2002, o prédio foi totalmente reestruturado para atender o crescimento da emissora (Paiquerê, 2021). Anteriormente, a emissora funcionou no centro da cidade, e a sua primeira “casa” foi em um imóvel na rua Maranhão; mas devido a um incêndio, a rádio teve que ser transferida para a avenida Paraná (calçada de Londrina), depois na rua Belo Horizonte (centro) e finalmente para a atual sede (Paiquerê, 2021). A emissora é batizada como o nome “Paiquerê” e faz alusão ao distrito de Paiquerê. O nome vem da palavra indígena caingangue, etnia que povoa o norte do Paraná, cujo significado se refere ao paraíso baseado no grande número de pacas que havia no distrito, dessa forma ficou conhecido como o “paraíso das pacas” (Pinheiro, 2021).

Com o fim da sociedade entre JB Faria e Ricardo Spinoza, a Paiquerê AM seguiu por uma linha mais informativa e surgiu a Paiquerê 98.9 FM, mais musical. Isso, em 1979, quando a então AM veio para a atual sede, e a então única FM se fixou no centro da cidade (Paiquerê, 2021). Com o advento da migração do AM para o FM, visto que o espectro AM tem a previsão de ser desligado em todo o país, no dia sete de janeiro de 2019 a rádio Paiquerê AM passou a ser “Paiquerê 91,7 FM” enquanto a Paiquerê FM, passou a ser “Paiquerê 98,9 FM”, para haver diferenciação entre as emissoras, ambas agora no FM.

¹ Paiquerê migrou em 7 de janeiro de 2019

<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/radio-paiquere-am-migra-para-a-fm-1023810.html> Acesso em 02.11.21

A emissora Paiquerê 91,7 FM é a única, desde seu surgimento, que ainda transmite os jogos do Londrina Esporte Clube (Paiquerê, 2021). Das emissoras ativas na cidade e que transmitem futebol no rádio, é a mais longeva. No segundo semestre de 2021, além da Paiquerê FM 91,7, apenas outras duas, a Brasil Sul AM 1290 e a Norte FM 100,3 acompanharam o clube. No período abrangido nesta análise, somente a 91,7 FM e a Brasil Sul ainda estão na ativa. Com tudo isso, o ouvinte se acostumou, desde sempre, a sintonizar a emissora e ouvir os jogos do time de futebol da cidade. E não só as partidas, mas em seu noticiário, seja jornalístico geral ou no segmento esportivo, o “tubarão”, sempre teve amplo espaço na programação da referida emissora.

Em sua trajetória no futebol, conforme o site oficial do clube, o Londrina já conquistou cinco vezes o título do “Campeonato Paranaense de Futebol”, nos anos de 1962, 1981, 1992, 2014 e 2021, além de ganhar a “Taça de Prata” em 1980, equivalente hoje ao campeonato “Brasileiro da Série B”, segunda divisão e a Copa da Primeira Liga, em 2017, torneio que reuniu times da primeira e segunda divisões nacionais de futebol masculino. Sempre com as transmissões da Paiquerê.

A Rádio Paiquerê é reconhecida também pelas transmissões internacionais, como Copa América, Pré-olímpicos, Olimpíadas e oito Copas do Mundo FIFA; A Copa de 1986 teve transmissão realizada em parceria com a Rádio da Cidade. A partir da Copa do Mundo de 1990, na Itália, continuando com a de 1994, nos Estados Unidos, 1998, na França, 2002, na Coreia do Sul e Japão, 2006, na Alemanha, 2010, na África do Sul, e, 2014, no Brasil, as transmissões foram feitas com exclusividade pela Rádio Paiquerê (Paiquerê, 2020).

3 A SEMIOLOGIA DO GOL IRRADIADO

O rádio é a mídia da emoção. Desprovido de imagens, é um companheiro para o público ouvinte. O veículo informa, por meio de sua linguagem própria e característica marcante, os fatos acontecidos em um jogo de futebol. A narração esportiva conta o que a bola faz e como os personagens do jogo: atletas, treinadores, árbitros, torcida e afins, estão envolvidos no contexto do recorte específico de uma partida. Por esse motivo, algumas funções bem definidas dentro de uma jornada esportiva radiofônica são padrões, para que o ouvinte tenha a condição de obter o detalhamento de tudo o que acontece no jogo, mesmo sem vê-lo, ou, se estiver no estádio ou tendo a possibilidade de ter acesso às imagens da peleja, ter riqueza de detalhes, de nuances, que cercam a compreensão e nutrem de informações, explicações, curiosidades, opiniões e outras variáveis de um jogo de futebol.

Nas equipes esportivas das emissoras de rádio, dentro dessas funções, no estádio estão o narrador (que conta o andamento do jogo), o repórter (ou repórteres), que geralmente fica(m) atrás das balizas e sempre traz(em) mais detalhes da partida, dos times, além de informar dados e curiosidades de atletas, clubes, competição, etc., o comentarista, que opina acerca do andamento da peleja, e o técnico de externa, que instala o equipamento no estádio e garante a qualidade do som. Ainda, na sede da emissora, há o operador da central técnica, que recebe o som do estádio, equaliza e libera o canal para “sair no ar”, o sonoplasta, que insere as vinhetas ao longo da transmissão do jogo e o plantão esportivo, que fica no estúdio da emissora e passa informações, de outros acontecimentos jornalísticos, esportivos ou não, durante a jornada esportiva. Aqui, duas dessas incumbências serão averiguadas.

A intenção de aprofundar o entendimento das responsabilidades de duas figuras essenciais na jornada esportiva da Rádio Paiquerê 91,7 FM, em compromissos do Londrina Esporte Clube: o narrador e o repórter, requer levar em consideração que além de emocionarem, têm a missão de informar o que está acontecendo ao longo dos 90 minutos de uma partida. Neste caso, são focalizados quatro gols em quatro jogos no Estádio do Café, de profissionais diferentes.

Da semiologia de Roland Barthes, uma definição diretamente aplicável ao intuito de discutir sobre os recursos para refinar o trabalho e favorecer o entendimento de um ouvinte torcedor, é a do critério e do cuidado na seleção vocabular, pressupondo escolher palavras precisas e concisas para elevar o nível de compreensão do momento máximo do esporte. “Prospectivamente, a Semiologia tem por objeto, então, qualquer sistema de signos,

seja qual for sua substância, sejam quais forem seus limites (...), são, pelo menos, sistemas de significação”, (Barthes, 1992).

Os radialistas escalados para a jornada esportiva do Londrina têm essa responsabilidade dupla: de emocionar e de informar. Como a pesquisa está aderida à linha de “Produção de sentido nas mídias”, a semiologia barthesiana tem sua essência também na radiodifusão, posto que admite que essa produção de sentido necessita do amparo da fala, quando se está desprovido da imagem, para assegurar o entendimento para o receptor da mensagem; assevera que “sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem (Barthes, 1992). A produção de sentido no radiojornalismo esportivo perpassa por essa linguagem descritiva, com palavras visuais e que potencializem o entendimento dos lances de gols narrados. E a narrativa nada mais é do que o emprego da semiologia para contribuir na compreensão. “(...) a Semiologia é que é uma parte da Linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das grandes unidades significantes de discurso, (Barthes, 1992).

Para contar todos os lances, os narradores utilizam o “acompanhar a bola” para descrever o andamento do jogo, visto que a disputa da bola é que move a modalidade esportiva. E os repórteres, sobretudo no lance do gol, ampliam esse campo ao trazer detalhes do momento máximo, da perspectiva do campo, do plano dos atletas, já que eles se posicionam atrás das traves. O narrador, na maioria dos momentos, irradia o jogo de um plano mais alto, para ter uma visão ampliada do campo de jogo. E cada lance ou cada intervenção em especial, desses profissionais que atuam no rádio, se configuram em signos semiológicos.

O signo é, pois, composto de um significante e um significado. O plano dos significantes constitui o plano de expressão e os dos significados o plano de conteúdo. (...) A forma é o que pode ser descrito exaustiva, simples e coerentemente (critérios epistemológicos) pela Linguística, sem recorrermos a nenhuma premissa extralinguística (Barthes, 1992, p. 43).

Nesse prisma, a cautela em adoção de palavras visuais, que facilitem o entendimento é fundamental, visto que a fugacidade do rádio é uma característica intrínseca do meio e essa seleção vocabular prévia e a escolha adequada de um vocábulo permitem, ao ouvinte, montar, em sua mente, a jogada do gol. Dentro disso, Barthes reforça essas medidas ao sublinhar que “(...) significado não é uma ‘coisa’”, mas uma representação psíquica da “coisa”, e que o significante “(...) é o puro *relatum*, não se pode separar sua definição da do significado. A única diferença é que o significante é o mediador”, (Barthes, 1992, p.51).

Essa simbiose gera a significação; oferece a produção de sentido. Com isso, é fechado o sistema de compreensão partindo do emissor para o receptor da mensagem esportiva radiofônica. Barthes, (1992, p. 51), entende que “o signo é uma fatia (bifacial) de sonoridade, visualidade, etc. A significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante ao significado, ato cujo produto é o signo”. E a seleção vocabular por parte dos profissionais do rádio-jornalismo esportivo contribui no entendimento espacial do jogo.

O gol, em si, é a bola ultrapassar o espaço compreendido entre as traves laterais e o travessão horizontal e estufar (ou não) a rede, visando marcar o ponto. Todavia, a ambientação do momento máximo é necessária, já que permite ao ouvinte, dentro de sua formação prévia, desse entendimento espacial, com os elementos descritos e detalhados. Isso compõe o que Roland Barthes define como sintagma, que aumenta a capacidade de compreensão do receptor. “O primeiro plano é dos sintagmas; o sintagma é uma combinação de signos, que tem por suporte a extensão; (...) na cadeia de palavras, os termos estão realmente unidos *in praesentia*; O segundo plano é o das associações (...)” (Barthes, 1992, p. 63).

O narrador do jogo, que é o mediador entre a partida e o público e que tem a fiel missão de dar ritmo ao movimento da bola, conduz esse sintagma, quando resume que “o sintagma apresenta-se sob uma forma encadeada (o fluxo da fala, por exemplo). O sentido só pode nascer de uma articulação (...)” (Barthes, 1992, p.68); isso se mostra no como o narrador do jogo conta o “andar da bola”, e o repórter insere dados e informações que detalham os acontecimentos do jogo, como um chute ao gol, um cruzamento para a grande área, uma falta, uma substituição ou outra possibilidade dentro da mecânica do futebol. Barthes conclui que o sintagma, nesse meandro, está bem articulado e favorece que, mesmo desprovida da informação imagética, a linguagem visual empregada pelos profissionais cumpra um papel que ajude na produção de sentido.

O sintagma apresenta-se sob uma forma “encadeada” (o fluxo da fala, por exemplo). Ora, como vimos, o sentido só pode nascer de uma *articulação*. (...) Há então, diante de qualquer sintagma, um problema analítico: o sintagma é ao mesmo tempo contínuo (fluente, encadeado) e, entretanto, só pode veicular sentido quando é “articulado” (Barthes, 1992, p. 69, grifo do autor).

O lance do gol, dependendo do jogo, pode não sair, já que o futebol é uma das poucas modalidades esportivas em que existe a possibilidade de após 1h30 de disputa, ele não acontecer. O objeto dessa pesquisa são gols feitos, contudo o profissional, antes de qualquer início de transmissão esportiva radiofônica, precisa ter em mente, de modo sólido, que pode acontecer um resultado de 0x0 ao final do compromisso. E, exatamente por não saber se vai

sair gol nem em qual lance de ataque, de fato, será eventualmente marcado um gol, o critério na seleção de palavras encadeadas para “ilustrar” a jogada na mente do ouvinte é condição *sine qua non*.

Para demonstrar uma consistência vocabular, não repetir, com intervalo pequeno entre os lances, as mesmas palavras, o uso dos sinônimos se faz premente, até para não deixar cansativo para o torcedor ouvinte. Esse sistema, dentro do estudo da semiologia de Roland Barthes, evoca Ferdinand de Saussure para quando se deseja explicar a razão de exigir do profissional um estudo e preparo prévio dessa linguagem visual nas narrações esportivas pelo rádio. “O sistema constitui o segundo eixo da linguagem. Saussure o viu sob forma de uma série de campos associativos, uns determinados por uma afinidade de som, outros por afinidade de sentido” (Barthes, 1992, p. 75).

A adoção da linguagem visual até obriga que o narrador, repórter, comentarista e plantão esportivo, ou seja, o universo dos falantes das vozes que integram uma jornada esportiva, no caso desse material, da rádio Paiquerê 91,7 FM e dos jogos do Londrina Esporte Clube no Estádio do Café, empregue de vocábulos que produzam sentido, que carreguem a linguagem denotativa, partindo da premissa que a maioria dos ouvintes não está vendo o jogo. Esse público enxerga por meio das palavras usadas na irradiação. Barthes (1992, p. 97) sintetiza essa valência ao escrever que “as unidades do sistema conotado, não têm forçosamente o mesmo tamanho que as unidades do sistema denotado”.

O profissional precisa se colocar, baseado nos estudos de Barthes, na posição do ouvinte, para refletir e agir em prol do cumprimento do dever de informar, não só o de emocionar, que é algo característico do veículo rádio. Para o autor (1992, p. 103), “o fonólogo, por exemplo, só interroga os sons do ponto de vista do sentido que produzem”. E esse processo tem como produto os “determinantes”, que, com base na associação dos sintagmas, potencializa a produção de sentido na mídia radiofônica. Como o rádio usa a voz, os sons e o silêncio como meios; “(...) cada um dos quais depende de outra pertinência: mas eles próprios devem ser tratados em termos semiológicos, isto é, seu lugar e sua função devem ser situados no sistema de sentido” (Barthes, 1992, p. 104).

A semiologia barthesiana sintetiza uma partida de futebol narrada no rádio como um todo, que pode ser entendido como o objeto maior, ou seja, o propósito pelo qual o ouvinte está ligado, atento, acompanhando a narração esportiva. Barthes (1992, p. 105), relata que o evento acaba sendo o “corpus” do produto radiofônico e, não só no gol, mas em todos os lances, o critério vocabular precisa ser bem recortado pelos falantes, pois “(...) o corpus deve

ser o mais homogêneo possível; (...) o corpus deve abranger tão estritamente quanto possível os conjuntos sincrônicos”.

3.1 DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA NO GOL

Dentro dessas premissas semiológicas da descrição, do emprego de palavras que abarquem a amplitude da produção de sentido na narração dos jogos pelo rádio, há elementos que definem a função do narrador e a do repórter, sob a ótica de uma linguagem fotográfica do lance mais esperado do esporte. Como esses profissionais estão em posições distintas no estádio, são vozes complementares de um mesmo momento, já que o narrador tem a visão ampla, área e total do instante do gol, com um olhar externo, campo de observação do torcedor; e o repórter traz a visão dos protagonistas do espetáculo, visto que, estando atrás das balizas, ele capta um recorte ainda mais acabado dos movimentos e lances da partida; e já após o desfecho.

Esse olhar fotográfico do lance e a sua descrição acurada, trazem uma carga semiológica intensa de pormenores que transportam o público ouvinte, não só para o estádio, mas também para dentro do campo, sentindo, com a carga emocional trazida pelo rádio, a um momento ufanista e único, que a narração do gol, do clube de coração, proporciona ao adepto da equipe. Dentro de seu livro “A câmara clara”, Roland Barthes mergulha nessa questão do olhar fotográfico e seu detalhamento. Na presente pesquisa, o objeto de estudo versa sobre dois conceitos trabalhados na semiologia barthesiana: o *studium* e o *punctum*.

Esse viés fotográfico, descritivo, do instante do gol, é recheado com extrema carga emocional das palavras do narrador esportivo radiofônico, que tem técnica e expertise para potencializar o momento apocalíptico da peleja, em que ele transporta o ouvinte para um estado de euforia e gera o contentamento abundante que o momento provoca. E no quadro semiológico, o narrador, com seu olhar fotográfico, descrevendo a cena que redundou no gol, trabalha com o conceito de *studium*. Barthes (1984, p. 45) explica que “(...) é o *studium* que não quer dizer, pelo menos de imediato “estudo”, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso (...)”.

O repórter, que, após a jogada descrita, tem segundos a mais do que o narrador para encontrar mais elementos e novos detalhes para ampliar a carga informacional e elevar o entendimento e a produção de sentido, sobretudo ao ouvinte que não viu, mas que vê através da linguagem visual adotada na narração esportiva radiofônica, ocupa o que Barthes (1984, p. 46) aponta ser o *punctum*, quando vaticina que “a esse segundo elemento que vem contrariar o

studium chamarei então de *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados”.

As definições vão ganhando mais carga de sentido, no aprofundar do estudo da semiologia barthesiana, quando o autor confere maior amplitude aos termos criados, para legitimar o olhar fotográfico. Quando o fotógrafo vai compor uma cena para fazer uma foto, ele pode manipular, transformar, adequar o fundo ou, por meio do jogo de luzes e ou da lente, pode trazer elementos diferenciais ao produto final, a imagem ou fotografia. Já os radialistas não. Eles precisam ter um olhar apurado, técnico e profundo do movimento da bola, do posicionamento dos atletas, torcida e ambiente do estádio e, empregando a linguagem radiofônica, levar informação jornalística esportiva ao público ouvinte, prestando serviço, emocionando e cumprindo suas atribuições fins.

Todavia, esse olhar precisa ser rápido no “gatilho”, visto que a velocidade de seu “obturador” é ver o jogo, narrar fatos, emocionar e informar, lembrando ou partindo da premissa de que ele precisa se esforçar para produzir sentido no que fala, ao torcedor ouvinte, que quer, e muito, saber todos os detalhes da partida – por isso ele ouve rádio. Nessa correlação do olhar fotográfico com a equipe esportiva de um jogo de futebol no rádio, o narrador, quando mira a bola e descreve seus lances, faz uma seleção natural e ao mesmo tempo recortada, para conduzir a transmissão da peleja. E seu papel, preenche os termos do *studium*, já que “o *studium* é o campo muito vasto do desejo indolente, do interesse diversificado, do gosto inconsequente: gosto/ não gosto”, (Barthes, 1984, p. 47) mas também “o *studium* é uma espécie de educação (saber e polidez), que me permite encontrar o *Operator*, viver os intentos que fundam e animam suas práticas, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo meu querer de *Spectator*” (Barthes, 1984, p. 48).

Com linguagem própria, vocabulário particular, timbre vocal diferente e predicados variados, cada narrador tem seu estilo. E cada ouvinte nutre mais apreço ou simpatia por alguém ou por um estilo definido, que abarca profissionais diversos. Não há um padrão ou referencial. Alguns itens de condução de jornada, elementos sonoros e um “roteiro universal”, ajudam o narrador a ser “a voz” que informa e emociona e que comanda o trabalho. Por isso, esse profissional precisa estar atento aos detalhes do jogo para, além de toda essa carga e responsabilidade, contar o que está acontecendo para que o ouvinte entenda e visualize mentalmente a disputa. Só que, felizmente, ele não faz a “contação da história” do jogo sozinho. Neste estudo, o pesquisador vai também acrescentar e valorizar a função complementar do repórter esportivo, que também contribui no detalhamento das jogadas e exerce ofício adicional

na carga jornalística informacional e que confere riqueza de minúcias aos lances, da perspectiva do campo.

O repórter realiza, contudo, uma missão de acrescentar ao “o quê” o narrador já descreveu. Sempre com o olhar fotográfico do lance e a decupagem da cena, mas com o horizonte do *punctum*.

(...) parecia-me constatar que o *studium*, na medida em que não é atravessado, fustigado, zebrado por um detalhe (*punctum*) que me atrai ou me fere, engendrava um tipo de foto muito difundido (o mais difundido do mundo), que poderíamos chamar de fotografia unária. Em gramática gerativa, uma transformação é unária se, através dela, uma única sequência é gerada pela base (Barthes, 1984, p. 66).

Esses dois conceitos conferem, ainda, ao narrador e ao repórter uma aura de veracidade substancial, pois estão no ambiente do jogo, sendo os “olhos” dos torcedores e ouvintes que não estão no estádio e, com o olhar acurado e fotográfico, informam o andamento e os pormenores da peleja. “A vidência do fotógrafo não consiste em “ver”, mas em estar lá”, (Barthes, 1984, p. 76). O narrador tem uma margem de erro quase que nula, já que ele precisa informar o movimento da bola e por isso, precisa ser exato em esclarecer quem está com a pelota e qual jogada que está em curso. Já o repórter, que fala logo após o movimento concluído, não deve se limitar a concordar com o narrador, mas acrescentar o detalhe, dentro da sua visão. Barthes (1984, p. 83) discute essa simbiose informativa do olhar fotográfico “(...) como se a visão direta orientasse equivocadamente a linguagem, envolvendo-se em um esforço de descrição que sempre deixará de atingir o ponto de efeito, o *punctum*”.

Transferindo termos fotográficos para o rádio, *studium* seria uma fotografia de plano aberto, partindo para o plano detalhe. O *punctum* um big-close ou um close “a mais” do mesmo lance, com o olhar fotográfico e descritivo, de dois profissionais envoltos em uma mesma jornada esportiva, descrevendo cada lance. O congelamento do movimento, de uma fotografia, é feito com as palavras dos radialistas: assim o rádio, que tem uma de suas características a fugacidade, há a conexão com o que Barthes (1984, p. 139) também assevera de que “a fotografia é um testemunho seguro, mas fugaz”.

Pelo fato de que a emoção e a descrição precisam estar em equilíbrio nas transmissões de futebol pelo rádio, esses olhares fotográficos explicativos das ocorrências do futebol, podem ser associados à afirmativa de Barthes (1984, p. 132), de que “(...) não consideram de modo algum a foto como uma “cópia” do real - mas como uma emanção do real passado; uma magia (...).” Qualquer que seja o conteúdo que provoca a irradiação futebolística, a fotografia tem sua performance de retratar e ressaltar; “a fotografia não fala

(forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e, com certeza, daquilo que foi. (...) a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa”, (Barthes, 1984, p. 127). Tal qual o futebol no rádio.

A bagagem prévia dos profissionais, tanto de experiência na função quanto de vivências, impacta positivamente no aumento vocabular e na preocupação em bem passar a mensagem radiofônica. Essa simbiose entre a linguagem fotográfica por meio da linguagem do radiojornalismo formam um conjunto comunicativo amplo, complexo, dinâmico e objetivo. “A fotografia jornalística é uma mensagem e, como tal, é constituída por uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor”, (Barthes, 1990, p. 11). No rádio, como o único meio de comunicação é o sonoro e suas nuances, como o barulho, ruído, informação ou o silêncio, essa linguagem fotográfica é vocalizada pelos profissionais.

A totalidade da informação está, pois, apoiada em duas estruturas diferentes, uma das quais linguística. (...) um *rebús* que funde em uma única linha de leitura palavras e imagens. (...) entre esse objeto e sua imagem não é absolutamente necessário interpor um *relais*, isto é, um código; é bem verdade que a imagem não é o real, mas é, pelo menos, o seu *analogon* perfeito, e é precisamente esta perfeição analógica, que para o sendo comum, define a fotografia (Barthes, 1990, p. 12).

A semiologia barthesiana trata a fotografia, mesmo que imagem unitária, como algo que é mais do que um elemento singular. Para Barthes (1990, p. 13) a mensagem fotográfica é uma mensagem contínua, pois abarca duas frentes: “uma mensagem denotada que é o próprio analogon e uma mensagem conotada que é a maneira pela qual a sociedade oferece à leitura, dentro de uma certa medida, o que ela pensa”.

Para haver a esperada produção de sentido nas jornadas esportivas radiofônicas, o denotativo é o indicado. Porém, é inegável que, para mexer ainda mais com a imaginação do ouvinte, algumas palavras soltas e até neologismos criados com sucesso, em bordões históricos como “ripa na chulipa e pimba na gorduchinha” ou “o que é que eu vou dizer lá em casa?”, ajudam a suavizar, prender, entreter, quebrar o ritmo e até servir de “respiro” para profissionais e ouvintes. Todavia, a linguagem fotográfica, descritiva da cena, do lance, é recomendada com a premissa de o narrador não saber ou prever em qual momento sairá um gol; gol esse que é sempre eternizado e reprisado em programas posteriores das emissoras e, hoje, com o advento do webjornalismo e redes sociais, viraliza e se perpetua nesse mundo virtual da comunicação social.

Pode-se apenas prever que, para todas essas artes imitativas, quando são comuns, o código do sistema conotado é provavelmente constituído, seja por uma simbologia universal, seja por uma retórica na época, em suma, por uma reserva de estereótipos.

Em suma, de todas as estruturas de informação, a fotografia seria a única a ser exclusivamente constituída por uma mensagem “denotada” que esgotaria totalmente o seu ser; diante de uma fotografia, o sentimento de “denotação” ou plenitude analógica é tão forte, que a descrição de uma fotografia é, ao pé da letra, impossível (Barthes, 1990, p. 13).

O desafio dos profissionais é ser o mais fiel possível na descrição. No rádio, como não há imagem, as palavras visuais que podem ser auxiliares na produção de sentido, sobretudo para identificar o lado do ataque, são “direita e esquerda”. Quando há a informação de que o lance acontece “no gol a direita do seu rádio”, já potencializada a premissa de qual dos dois lados do campo o time em questão está atacando e, por conseguinte, luta para fazer o gol. E, por óbvio, um eventual contra-ataque sairá do lado oposto do relatado anteriormente. Pode parecer pouco, contudo essa identificação espacial já favorece, ao torcedor/ouvinte, montar a imagem mental por meio dessa delimitação do “lado” em que acontece o ataque.

Outra questão subjetiva, conotativa (não no sentido literal, mas da perspectiva radiofônica, já que o meio não é dotado de imagens), mas que permite o ouvinte a imaginar o que acontece, é quando há a descrição da cor do uniforme, seus detalhes, tons, sobretons e até mesmo a cor da chuteira de determinado jogador. Aguça a imaginação do ouvinte por meio da descrição, provoca uma sinestesia diferente no torcedor e valoriza o trabalho dos profissionais, que acrescentam um detalhe particular e peculiar de um jogo de futebol irradiado. Isso porque muitos torcedores não gostam de que seu time jogue com o uniforme reserva ou eventual uniforme especial ou comemorativo.

O detalhe falado, nesse caso, contribui no processo de entendimento para o receptor da mensagem radiofônica. Por meio da descrição fotográfica, ele recebe ainda mais elementos que ajudam a compreender o que se passa, por meio dessa visualidade da palavra. Barthes (1990, p. 14):

Fatalmente, qualquer que seja o cuidado que se tenha para ser exato, uma conotação em relação ao análogo fotográfico: descrever, portanto, não é somente ser inexato ou incompleto; é mudar de estrutura, é significar uma coisa daquilo diferente do que é mostrado. O paradoxo fotográfico consistiria, então, na coexistência de duas mensagens: uma, sem código (seria o análogo fotográfico) e outra codificada (o que seria a “arte” ou o tratamento, ou a “escritura”, ou a retórica da fotografia). Esse paradoxo estrutural coincide com um paradoxo ético: quando queremos ser “neutros, objetivos”, esforçamo-nos por copiar minuciosamente o real, como se o analógico fosse um fator de resistência ao investimento dos valores.

Para não haver dúvidas, a clareza nessa descrição da fotografia do recorte do lance deve prevalecer. Em virtude da velocidade do jogo, a fugacidade do rádio, a escolha nas palavras faz diferença para o ouvinte. Por isso, a fala tem que ser balizada e utilizar meios que

facilitem o entendimento. Barthes sugere se valer de “poses” e de “objetos” para potencializar isso. Sobre a pose, (1990, p. 16), ele destaca que “a fotografia só é significativa porque nela existe um conteúdo de atitudes estereotipadas que constituem elementos cristalizados de significação”. E em se tratando de “objetos” a preocupação é sobre qual item sobressalta mais aos olhos, em uma fotografia típica, e aplicada a linguagem radiofônica, como traduzir em vocábulos.

Com alto valor agregado de significação, uma fotografia com muitos objetos fica poluída ou confusa, se não vier amparada por um título, manchete ou legenda. Na jornada esportiva radiofônica, em jogos de futebol, em uma mesma jogada, em cada lance, existem subsídios que direcionam a fala dos profissionais. A bola é o norte; contudo, outras possibilidades são postas, dependendo de como foi o desfecho da obra. Na transmissão de futebol, esses “objetos” são substituídos pelos atletas e os elementos informacionais que integram o universo da peleja. Contudo, cada frase do narrador ou do repórter, dentro do seu momento de passar a informação, pode conter mais de um “objeto – ou atleta” e conferir maior carga descritiva.

A composição da cena, descrita por esses profissionais, integra o lance ou a jogada, dita em cada nuance do jogo. No instante mais aguardado, no gol, amplifica essa possibilidade pois, no futebol, existem casos de “poderia ter feito a falta”, “dava condição de jogo”, “pode haver impedimento”, dentre outros movimentos e condições inerentes ao desenrolar tático e técnico da modalidade esportiva.

Esses objetos constituem excelentes elementos de significação: por um lado, são descontínuos e completos em si mesmos, o que, para um signo, é uma qualidade física; e, por outro lado, remetem significantes claros, conhecidos; são, pois elementos de um verdadeiro léxico, estáveis a ponto de se poder facilmente estabelecer sua sintaxe. O objeto talvez não possua força, mas possui, certamente, um sentido (Barthes, 1990, p. 17-18).

Essa produção de sentido, por meio dos excelentes elementos de significação perpassam pelo talento ou capacidade vocabular dos profissionais envolvidos na transmissão. A adoção de palavras visuais para descrever esses objetos tornam mais leves para o ouvinte a decifração mental da fala dos radialistas. Barthes acrescenta ainda que (1990, p. 20), “quanto mais próxima está a palavra da imagem, menos parece conotá-la; devorada, de uma certa forma, pela mensagem iconográfica, a mensagem verbal parece participar de sua objetividade: a conotação da linguagem purifica-se através da denotação da fotografia”.

A mensagem denotada, verbalizada, conduz ao entendimento do receptor. Quando da conotação, com palavras que pouco ajudam a compreensão, o profissional pode até

“falar bem” ou “falar bonito”. Usar o tom de voz, o timbre para emocionar. Só que, o papel informacional, atestado também pela semiologia, impõe esse uso, da denotação, sem moderação. Barthes (1990, p. 15) assevera que muitas vezes, uma palavra usada de modo inadvertido, pode até causar confusão, em vez de informar adequadamente; “ao contrário, a mensagem conotada comporta um plano de expressão e um plano de conteúdo, significantes e significados: obriga assim, a uma verdadeira decifração”.

Para a linguagem fotográfica, com a livre e direta visualização dessa reprodução de imagem, a semiologia faculta essa conotação, porém, ao unir com a linguagem radiofônica, ela reduz o discernimento do receptor. “A conotação, isto é, a composição de um sentido segundo a mensagem fotográfica propriamente dita, elabora-se nos diferentes níveis de produção de fotografia; (...) é, em suma, uma codificação do análogo fotográfico”, (Barthes, 1990, p. 15). O intelecto dos radialistas, manifestados na voz, faz a ligação entre o significante e significado, atribuindo nomenclatura aos movimentos do jogo. Amparado na semiologia barthesiana, dessa relação entre a cena fotográfica e o lance do jogo, surge esse descritivo dos códigos apresentados e que redundam na ilustração fonada da radiodifusão, que são dotados de sentido, conforme a cultura de uma sociedade, como gestos, atitudes, expressões, cores ou efeitos; “a ligação entre o significante e o significado, isto é, a significação propriamente dita, é aqui, se não imotivada, pelo menos inteiramente histórica” (Barthes 1990, p. 21).

A reprodução da cena requer atenção e concentração dos profissionais. No estádio, (até por experiência própria) muitas possibilidades podem tirar o foco do narrador ou do repórter, seja um olhar para a torcida, uma olhadela no smartphone ou um aceno qualquer para alguém que entra na cabine ou posição de transmissão. Como no *in loco*, no ao vivo, não há replay, a convergência do radialista com o jogo é plena, tal qual o olhar atento de um fotógrafo para captar o melhor lance da mesma partida. A diferença é que os profissionais do rádio precisam ver, interpretar, decodificar, pensar e falar, instantaneamente, os atos vividos. Segundo Barthes (1990, p. 22):

Nessa perspectiva, a imagem, captada imediatamente por uma metalinguagem interior, que é a língua, não conheceria, realmente, nenhum estado denotado; só existiria, socialmente, se imersa, pelo menos, em sua primeira conotação, a conotação das categorias da língua. Sabemos que toda língua impõe-se às coisas, conota o real, ainda que mais não fosse para recortá-lo; as conotações da fotografia coincidiriam, pois, *grosso modo*, com os grandes planos de conotação de linguagem.

Nesse processo, tem-se a “Semiologia da Imagem”, em que Barthes aprofunda o estudo sob o olhar do que é a imagem e sua interpretação.

3.2 A VOZ CRIANDO IMAGENS MENTAIS

O rádio usa a voz de seu radialista para propagar a informação. A foto usa o olhar atento do fotógrafo para reproduzir algo, congelar o instante de algum ato ou ação ou propagar, com um viés informativo, poético ou singelo, algum pequeno detalhe de um todo. Dentro da semiologia barthesiana, o autor dialoga e indaga sobre essa questão, da imagem, de “o que ela é”, como relatá-la e, neste presente estudo, como ela é importante no processo da narração esportiva, com esse cuidado descritivo dos lances futebolísticos, sobretudo o momento do gol. “Segundo uma antiga etimologia, a palavra *imagem* deveria estar ligada à raiz de *imitari*” (Barthes, 1990, p. 27).

Na possibilidade de dissecar as imagens, Barthes (1990, p. 27) frisa que “a representação analógica (a “cópia”) poderá produzir verdadeiros sistemas de signos, e não mais apenas simples aglutinações de símbolos? (...) A imagem é representação, isto é, ressurreição”. A fotografia de cada lance é única; o olhar atento e o emprego da linguagem adequada conferem a carga emocional e informacional na dose certa ao ouvinte do jogo no rádio, já que “(...) é necessário aceitar o caráter mágico da imagem fotográfica; sua irrealdade é ter estado aqui, pois há, em toda a fotografia, a evidência sempre estarrecedora do isto aconteceu assim”, (Barthes, 1990, p. 36).

Para fazer a decodificação das imagens ou dos movimentos de uma partida de futebol, os profissionais precisam ter um filtro sobre o ponto máximo da cena, a fim de fazer a seleção do mais importante e daquilo que vai conferir a melhor carga informacional possível.

Toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma “cadeia flutuante” de significados. (...) a mensagem linguística é uma dessas técnicas. Ao nível literal, a palavra responde, de maneira mais ou menos direta, mais ou menos parcial, à pergunta: *o que é?* (...) Ajuda a identificar os elementos de cena e a própria cena: trata-se de uma descrição denotada da imagem. (...) A função denominativa corresponde a uma fixação de todos os sentidos possíveis (denotados) do objeto, através da nomenclatura (Barthes, 1990, p. 32).

O ato de nominar, atribuição primeira dos radialistas para dar condução e sentido às narrações esportivas, é o que diferencia muitas vezes os profissionais. Cada um tem diferentes bagagens acadêmicas, culturais ou lexicais, cada emissora tem um público em especial, já que algumas focam em classe “A” para ter menos audiência e maior público com poder aquisitivo para comprar os produtos dos anunciantes, outras são mais populares, com mais audiência e um outro tipo de anunciante, só para ilustrar o que há no mercado atual. Por

isso, ou também com isso, cada veículo tem sua característica singular e cada profissional se adapta e se desenvolve, também, ponderando essas variáveis.

Todavia, é o mesmo jogo, é o mesmo lance que esses profissionais diferentes, de emissoras concorrentes, precisam descrever e emocionar, em seus trabalhos radiofônicos. Portanto, independentemente do público, do anunciante, da audiência, a preocupação precisa ser o entendimento do público, seja ele pós-graduado ou analfabeto, já que a voz dos radialistas é o único jeito de se entender o jogo, daqueles que não estão assistindo, ou a confirmação, esclarecimento de dúvida ou informação adicional daqueles torcedores presentes ao estádio ou que têm acesso visual, por meio das imagens, da referida peleja. O cuidado com o uso das palavras devido ao fato de que “a mensagem linguística orienta não mais a identificação, mas a interpretação, constitui uma espécie de barreira que impede a proliferação dos sentidos conotados (...)” (Barthes, 1990, p. 33). Logo, a descrição denotada da imagem agrega pois “é também uma mensagem suficiente, pois tem, pelo menos, um sentido ao nível da identificação da cena representada” (Barthes, 1990, p. 35).

A semiologia da imagem, nesse viés radiofônico, com o *studium e o punctum* delimitados às vozes descritivas, comparecem para contribuir para que a imaginação do ouvinte crie a jogada mentalmente e se emocione com o desfecho dela, favorável ou não, ao seu clube de coração.

O que vem a ser um léxico? É uma parte do plano simbólico (linguagem) que corresponde a um conjunto de práticas e técnicas. (...) O que constitui a originalidade desse sistema é que as possibilidades de leitura de uma mesma lexia (imagem) é variável segundo os indivíduos (...) a mesma lexia mobiliza léxicos diferentes. (...) A imagem, em sua conotação, seria assim, constituída, por uma arquitetura de signos provindos de uma profundidade variável de léxicos (Barthes, 1990, p. 38).

A obra “O óbvio e o obtuso” trata exatamente com as duas palavras destacadas do título, esse destrinchar da linguagem descritiva. Que não só o óbvio, do que se vê, mas que o olhar atento do fotógrafo, ou, no caso do rádio, do narrador e do repórter, eles possam ter um algo a mais que permitam ao torcedor/ouvinte enxergar o jogo, mesmo sem vê-lo. E a emoção do rádio, característica do meio de comunicação em voga, reforça, valoriza e potencializa a ação; nesse particular cabe referenciar Barthes (1990, p. 52) quando assevera que “o sentido obtuso contém uma certa emoção”. E não apenas isso.

(...) óbvio quer dizer: o que vem à frente (...) a simbólica da chuva de ouro sempre me pareceu dotada de uma clareza natural. (...) Quanto ao outro sentido, o terceiro, aquele que é “demais”, que se apresenta como um suplemento que minha inteligência não consegue absorver bem, simultaneamente teimoso e fugidio, proponho chamá-lo de sentido obtuso. (Barthes, 1990, p. 47).

Há uma conclusão interessante sobre esse casamento pouco provável, só que altamente representativo, entre fotografia e rádio, fotojornalismo e radiojornalismo. Como a finalidade é a informação acabada, permitindo e até favorecendo o entendimento dos atos de um confronto esportivo entre dois times em campo, a diegese e o sintagma demonstram a imensa capacidade de inundar o receptor de conteúdo capaz de assegurar um “estar vendo”, mesmo sem o estar, tal qual o rádio se propõe fazer, quando decide por inserir a carga informacional na narrativa futebolística. Barthes (1990, p. 42) ressalta que:

(...) todas as obras de comunicação de massa reúnem, por meio de dialéticas diversas e diversamente performantes, a fascinação de uma natureza, que é a natureza da narrativa, da diegese, do sintagma e a inteligibilidade de uma cultura, refugiada em alguns símbolos descontínuos, que os homens “declinam” sob a proteção da palavra viva.

Assim, fica completa a comunicação; e além da descrição dos profissionais, o objeto deste estudo se ancora também de um elemento fundamental para ampliar a compreensão: o ambiente familiar para o ouvinte, o Estádio do Café. Em alguns lances, quando o profissional aborda itens como “gol dos vestiários”, presume-se que é o gol à direita das cabines de imprensa e, por conseguinte, à direita do rádio. Quando é contado “gol da ferradura”, tem-se o lance do lado oposto; a semiologia das imagens, na convecção com a linguagem radiofônica e a visualidade da palavra também estabelece uma conexão partindo da perspectiva do torcedor. Barthes, (1990, p. 219), institui que “é sem dúvida a partir dessa noção de território, que melhor compreendemos a função da escuta, na medida em que o território pode definir-se essencialmente como espaço de segurança”.

Ao longo da partida, por mais que os profissionais falem no começo do trabalho em qual lado do gramado cada time vai atacar, é importante que os radialistas procurem posicionar os ouvintes, sempre repetindo em qual lado do campo ocorre a jogada, de modo a chamar a atenção e já preparar o torcedor para visualizar mentalmente a construção dos movimentos dos atores do compromisso em voga. “Um signo é aquilo que se repete. Sem repetição, não há signo, pois não poderíamos reconhecê-lo, e é o reconhecimento que origina o signo” (Barthes, 1990, p. 277). E o prestar atenção do ouvinte, não só em relação às palavras, mas também o barulho do estádio, os apupos da massa, colaboram no processo comunicacional. Barthes, (1990, p. 220) destaca que “também através do ritmo, a escuta deixa de ser de pura vigilância para tornar-se criação. Sem o ritmo nenhuma linguagem seria possível; o signo baseia-se no ir e vir do marcado e do não-marcado, que chamamos de paradigma”.

Nessa relação emissor receptor, para haver o fechamento desse contexto, da semiologia da imagem, do signo representado pela voz e que se configura em palavras visuais e que conferem a produção de sentido na mídia radiofônica, se encerra no receptor atento à mensagem. A semiologia barthesiana sugere que esse “prestar atenção” é essencial também para que, devido ao falar rápido de uma transmissão esportiva, o torcedor consiga acompanhar, decodificar e compreender a mensagem. O comportamento do receptor é subjugado quando Barthes (1990, p. 217) se refere a “ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico. (...) Escutar é colocar-se em posição de decodificar o que é obscuro, confuso ou mudo, para fazer com que venha à consciência o ‘lado secreto’ do sentido”.

Em muitas ocasiões, de um jogo tenso, com muitas manifestações, ruídos, mistura de sensações, Barthes cobra dos profissionais do microfone cautela quando lembra que “não devemos esquecer que a significação de muitas coisas ouvidas só nos vem muito mais tarde”, (Barthes, 1990, p. 223). Assim, é recomendável e seguro dosar na velocidade da fala e na intensidade de emoções, trazendo a fala para um lado mais técnico e posicional. Ainda, muitos ouvintes, na ânsia da emoção, podem tentar adivinhar algumas possíveis jogadas, quando, no ato de receber a mensagem, tentam dialogar com o futuro a ser narrado quando buscam “escutar é, de maneira institucional, procurar saber o que vai se passar”, (Barthes, 1990, p. 221).

O ciclo dialógico, do emissor-receptor, se fecha com essa sinergia, com o torcedor atento aos lances, vibrando e se emocionando, dentro da lógica comunicacional, pois a semiologia sintetiza essa relação em “escutar é querer ouvir, um ato inteiramente consciente” (Barthes (1990, p. 227). A junção entre o olhar atento, a linguagem fotográfica e a linguagem radiofônica, unidas pela visualidade da palavra, redundam na produção de sentido, unindo os atores informacionais.

Nesse reino do significante em que o indivíduo pode ser escutado, o movimento do corpo é, antes de tudo, aquele de onde provém a voz. (...) A escuta da voz inaugura a relação com o outro. A voz que nos faz reconhecer os outros, (...) transmite uma imagem do corpo do outro e, mais além, toda a psicologia (Barthes, 1990, p. 224).

O veículo rádio incluiu analfabetos nos meios de comunicação de massa, quando surgiu e explodiu em todo o mundo, a partir dos anos 1900. Outrora dominado por livros, jornais e revistas, que demandavam o “saber ler”, o rádio, falado, revolucionou, surpreendeu e incluiu milhões ao redor do planeta.

3.3 PALAVRAS RADIOFÔNICAS NÃO TÊM REPLAY

O rádio emociona, informa, é companheiro e tem atributos e características próprias e particulares. Uma delas é a fugacidade. O que é falado, se propaga e “some”. Não tem replay, repetição contínua, salvo em alguns casos, programas ou ocasiões. Em uma jornada esportiva, de futebol, então, a repetição contínua é mínima. Por isso, o critério e o cuidado na seleção de palavras deve ser feito a cada frase, pelos radialistas envolvidos, partindo da premissa da visualidade da palavra com a intenção do “ouvinte ver o jogo por meio do rádio”. A obra “O Rumor da Língua” discute essa relação de falantes e ouvintes; Barthes (1988, p. 92) trata primeiramente daquilo que ele compreende ser esse “rumor”:

Ao falar, não posso usar borracha, apagar, anular; tudo o que posso fazer é dizer “anulo, apago, retifico”, ou seja, falar mais. Essa singularíssima anulação por acréscimo, eu a chamarei de balbucio. (...) Ora, da mesma maneira que as disfunções da linguagem são de certo modo resumidas num signo sonoro, o balbucio, assim também o bom funcionamento da máquina se estampa em um ser musical: o rumor. O rumor é o barulho daquilo que está funcionando bem.

A partir daí, é possível inferir que profissionais com alguma limitação ou dificuldade na fala, na pronúncia de palavras, na articulação lexical, tenham e terão mais obstruções para passar a mensagem. Logo, um aquecimento vocal, um tratamento ou orientação fonoaudiológica e até um acompanhamento com um médico otorrinolaringologista contribuem no processo de formação de um melhor falante, de modo a desenvolver as potencialidades, aparar arestas e refinar procedimentos comunicacionais básicos. Esse capricho vale para todos. Mais ainda quando esse falante tem, em sua posse, um microfone. Associa-se ao fato desse ser ter a possibilidade de levar a informação adiante, via ondas do rádio, quando escalado para narrar, reportar, comentar, ser apresentador ou plantão, dentro de uma jornada esportiva, em que se requer atenção, informação e mobilização do profissional.

A atenção precisa ser plena, desse profissional, que tem incumbência de informar. Com a responsabilidade de descrever os inúmeros signos de um jogo de futebol, cada detalhe conta; e o meio pelo qual a fala se materializa, no rádio, é o uso das palavras. Emprego esse, assim discutido por Barthes (1988, p. 93):

Mas o que é impossível não é inconcebível: o rumor da língua forma uma utopia. Que utopia? A de uma música do sentido; com isso, eu entendo que em seu estado utópico a língua seria ampliada, eu diria mesmo desnaturada, até formar uma imensa trama sonora, em que o aparelho semântico se acharia irrealizado; o significante fônico, métrico, vocal, se desfaldaria em toda sua suntuosidade, sem que jamais dele se desapegasse um signo.

A manifestação prática da fala, para formar o sistema comunicacional, é a linguagem. O radialista esportivo até pode projetar um público fim, para seu trabalho, só que ele não é único. Pode ser difuso; o profissional não pode ser excludente, e a formação do linguajar a ser administrado no rádio parte da premissa do convívio social diário. Gírias, neologismos, palavras adaptadas, estrangeirismos, surgem aos montes, com o impacto das mídias sociais e de outras fontes. Vale um pouco de tudo para abranger e atender um público cada vez mais variado. Contudo, a discussão perpassa por gostar de futebol. Isso recorta mais o público e, dentro dessa premissa, há ainda mais segmentações.

Barthes sugere, uma “paz cultural da linguagem” quando acredita nessa simbiose e até um bombardeio que todo falante é atingido “(...) e, mesmo que eu conseguisse falar a mesma linguagem o dia todo, quantas linguagens diferentes seria obrigado a receber!” (Barthes, 1988, p. 107). Logo, o filtro deve ser sempre o entendimento geral, quando o radialista vai empunhar o microfone e narrará a peleja. Qual linguagem ele deve usar? Algo linear? Antes, ele deve se colocar no lugar de seus receptores. “Então, como é que hoje em dia, na nossa sociedade ocidental, dividida em suas linguagens e unificada em sua cultura, como é que as classes sociais, aquelas que o marxismo e a sociologia nos ensinou a reconhecer, como é que elas olham para a linguagem do Outro?” (Barthes, 1988, p. 107).

Como não há um padrão de linguagem para as jornadas, o futebol no rádio permite uma coloquialidade, sem se esquecer da linguagem descritiva e as palavras visuais durante a partida. Só que, a maioria das emissoras, trabalha com “antes” e o “depois” do jogo, que, muitas vezes, não conversam com as jornadas, com uma linguagem e até formatos diferentes. Barthes (1988, p. 110) reflete sobre as possibilidades de linguagem, partindo da premissa de duas atividades:

(...) de um lado a escuta, nacional, ou se preferirem, os atos de inteligência; do outro, senão a palavra, pelo menos a participação criativa e, para ser ainda mais preciso, a linguagem do desejo, que este sim, permanece dividido. De um lado, escuto; gosto (ou não gosto) do outro; compreendo e me entedio; à unidade da cultura de massa corresponde, em nossa sociedade, de uma divisão não só de linguagens, mas da própria linguagem.

O importante é passar a mensagem – de forma clara e compreensível. Logo, o trabalho é não deixar cansativo nem vazio o ato informacional. Uma das maneiras de se retratar um mesmo lance, de várias vertentes, é o uso dos sinônimos. Barthes (1988, p. 124) deixa a possibilidade aberta ao falante, quando sublinha que “bem entendido, é a possibilidade de dizer uma coisa de várias maneiras, é a sinonímia, que permite à linguagem dividir-se”. Mas que deve tornar um tom de diálogo, de conversa. Para se tornar amigável, agradável e plena, a

semiologia define essa condicionante como “Linguagem encrática”. Barthes, (1988, p. 124), explica como “é a linguagem da cultura de massa (grande imprensa, rádio e televisão) e é também, em certo sentido, a linguagem da conversação, da opinião corrente (da doxa)”.

Encontrando uma “linguagem própria”, o profissional de rádio deve se lembrar de seu papel, quando de sua função em uma jornada esportiva. A reflexão é válida até para que o próprio profissional crie uma relação de proximidade com o ouvinte. Proximidade essa que é uma outra característica do rádio, e que deságua na representação idiomática de que o falante, no trabalho deve levar adiante, em que “todo sistema forte de discurso é uma representação (...); existem certamente figuras de sistema, formas parciais de discurso, montadas com vistas a dar ao socioleto uma consistência absoluta, a formar o sistema (...)” (Barthes, 1988, p. 125).

Criando essa identidade, o locutor desenvolve seu próprio estilo de linguagem. A arte do bem falar, *a retórica*, é clamada e requerida na semiologia, visando conferir consistência ao mecanismo comunicacional. Barthes, (1988, p. 135), sobre retórica, afirma que

ela provém, como se sabe, de uma das primeiras classificações da Retórica clássica que opunha Res e Verba: de Res (ou materiais demonstrativos do discurso) dependida a Inventio; ou busca do que se podia dizer a respeito de um assunto (questio); de Verba dependia a Elocutio (ou transformação desse material em forma verbal), a qual Elocutio era, em linhas gerais, o nosso estilo.

O estilo confere, ao próprio profissional, a criação, estudo e desenvolvimento de um campo vasto de palavras que ajudem a fortalecer essa singularidade, já que “o sistema estilístico, que é um sistema como outros, entre outros, tem uma função de naturalização ou familiarização ou de domesticação”. (Barthes, 1988, p. 137). Em seguida, há o estabelecimento de como a mensagem será propagada, mediante a forma. Como o canal é a voz, amplificada nos microfones e reverberada nos alto-falantes, pode-se encontrar em Barthes, (1988, p. 135), uma forma de associação em que se deve “(...) estabelecer uma relação justa entre o fundo (a verdade) e a forma (aparência) entre a mensagem (como conteúdo) e seu *medium* (o estilo) e que entre esses dois termos concêntricos (um estava no outro) houvesse uma garantia recíproca”. Logo, o narrador de futebol no rádio, passa a ser um “shifter” de organização e classificação da linguagem. Barthes (1988, p. 148) indica que

é na medida em que ele sabe o que ainda não foi contado que o historiador, tal qual o agente do mito, tem a necessidade de duplicar o escoamento crônico dos acontecimentos por referências ao tempo próprio de sua palavra”. E o shifter vem dessa seleção, mas também sobre a descrição dos próprios signos. “Os signos

(shifters) de que se acabou de falar apenas dizem respeito ao próprio processo de enunciação (Barthes, 1988, p. 148).

Assim, o profissional desenvolve e fortalece o aspecto informativo e comunicacional. E a descrição vai fluir, a partir desse ciclo. Além disso, esses signos do enunciante (ou destinador) serão muito mais frequentes.

Na realidade, nesse caso, o enunciador anula sua pessoa passional mas a substitui por uma pessoa mais “objetiva” (...). A nível de discurso, a objetividade, ou a carência dos signos do enunciante, aparece assim como uma forma de imaginário, o produto do que se poderia chamar de ilusão referencial, visto que o historiador pretende deixar o referente falar por si só (Barthes, 1988, p. 149).

Munido do estilo e da linguagem delimitadas, o profissional parte para a produção de sentido em si, quando da narração do jogo de futebol propriamente dito. O narrador de uma posição mais ampla (*studium*), “em cima da bola”, irradia os movimentos no instante em que acontecem, em mais uma característica intrínseca do rádio, a instantaneidade; e o repórter, que complementa, agrega ou adiciona, de algo mais recortado – e com o lance já feito (*punctum*).

A adoção dessa visualidade da palavra, com olhar fotográfico e descrição denotativa, salta sobre a nominação das cenas/lances. “O enunciado histórico, como todo enunciado frásico, comporta ‘existentes’ e ‘ocorrentes’, seres, entidades e seus predicados”, (Barthes, 1988, p.150). A velocidade do jogo, dependendo do caso, exige do profissional, uma objetividade ainda maior, em muitos momentos e “a palavra pode economizar uma situação ou uma sequência de ações”, (Barthes, 1988, p. 151).

Na produção de sentido, ou significação, a semiologia barthesiana reforça que “a denominação, ao permitir uma articulação forte do discurso, reforça-lhe a estrutura”, (Barthes, 1988, p. 152). E a força das palavras, que estimulam o torcedor a visualizar mentalmente o jogo, é o que permite ao ouvinte, receber a mensagem e decodificá-la, por meio do seu próprio imaginário. Barthes, (1988, p. 155), escreve que “(...) é verdade que o imaginário é a linguagem pela qual o enunciante de um discurso (entidade puramente linguística) “preenche” o sujeito da enunciação”.

A descrição, advinda dos microfones, além de cumprir um papel informacional e comunicacional inclusivos, marcantes e próprios, é analisável pela semiologia quando Barthes, (1988, p. 160), classifica a ação como “a descrição aparece assim como algo ‘próprio’ das linguagens ditas superiores (...) a singularidade da descrição (...) designa uma questão da maior importância para a análise estrutural das narrativas”. Se, anteriormente, a

finalidade da descrição era estética, agora ela é retórica. E a precisão no rádio é para não ter que corrigir, algo que, dentro da fugacidade do veículo, pode não chegar a todos os receptores. Errou, falhou, o profissional tem o dever de corrigir, todavia a cautela é para lembrar que “a fala é irreversível, ou seja: não se pode retomar uma palavra” (Barthes, 1988, p. 313).

3.4 NARRAÇÃO ESPORTIVA COMO “OLHOS DOS OUVINTES”

Com todos os elementos aprofundados pela semiologia barthesiana, a reflexão para o profissional do rádio, em adotar critérios e cuidados quando abrir um microfone para falar ficam ainda mais pactuados, quando o radialista esportivo se coloca na posição do receptor da mensagem radiofônica. Pensar e escolher bem cada verbete, antes de falar, se configuram como exercício contínuo e basilar para uma comunicação efetiva. Perguntas objetivas do tipo “essa palavra, essa frase, isso vai contribuir no processo de entendimento do lance?” Cada frase é “(...) encarregada de “pôr as coisas sob os olhos do ouvinte” (Barthes, 1988, p. 162).

A produção de sentido fecha o circuito do emissor-receptor e cumpre a lógica informacional. Inclusive, por esse “rumor na língua”, proposto pela semiologia barthesiana, a associação com a palavra radiofônica ganha maior peso, representação e penetração (outra característica) marcante e singular do veículo rádio. Partindo da premissa de que o ouvinte/torcedor, na posição de escutar a transmissão, prestando atenção nos lances para compreender os detalhes, espera um “algo a mais” que consiga agregar ainda mais credibilidade ao trabalho irradiado.

(...) a palavra radiofônica (...) ficou colada ao acontecimento à medida que se ia produzindo, de maneira ofegante e dramática, a impor a idéia de que o conhecimento da atualidade passa a não estar mais a cargo do impresso, mas sim da palavra oral. (...) A história “quente”, que se está a fazer, é uma história auditiva, o ouvido volta a ser o que era na Idade Média; não apenas o primeiro dos sentidos, mas o sentido que fundamenta o conhecimento. (Barthes 1988, p. 166).

E não só do narrador, que é o fio-condutor da jornada e que transmite os jogos: todos os profissionais envolvidos colaboram nesse processo. O repórter, na posição de *punctum*, traz concretude ao que foi descrito pelo narrador. Barthes (1988, p. 167) enaltece esse procedimento e sublinha que “a palavra informativa (do repórter) foi tão estreitamente misturada com o acontecimento (...) que ela era o próprio acontecimento”. E todo o processo, com a carga emocional, de torcida, de espera, de esperança, de confiança em uma vitória do seu time, ou o ato de querer que um determinado time venha a “perder” aquele jogo em particular,

que está sendo transmitido, transportam o público externo ao compromisso da modalidade esportiva, a um nível de presença e interação com os atores.

A “capacidade de criação” dos profissionais de rádio, entendida de um ponto de vista da semiologia barthesiana, seus ensinamentos, cuidados, conselhos, dicas e teses, permitem ao ouvinte uma imersão profunda no evento. Barthes (1988, p. 168) concede esse poder de fala a “uma palavra ‘missionária’, concebida em moldes puramente instrumentais, destinada a transportar para ‘outra parte’”. Assim, há a instituição de os radialistas transcendem o veículo, e terem a possibilidade de até serem comparados a outros profissionais da linguagem, com o advento dessa preocupação descritiva, pois as falas cumprem uma atuação de modo que “substituindo a sensibilidade visual dos escritores e dos poetas, uma verdadeira imaginação da voz” (Barthes, 1988, p. 198).

A técnica empregada desperta, no receptor, a capacidade do entendimento do jogo, com esse uso adequado dos verbetes, “quanto mais as palavras têm um uso mágico, mais tem função móvel” (Barthes, 1988, p. 219). E cada detalhe conta para a definitiva construção do significado da descrição falada e que estimula, ao ouvinte, pensar como foi a jogada, o lance da partida. Sobretudo quando é o gol, momento mais aguardado do futebol e que move o amor dos esportistas que, além de gostar do esporte, procuram uma emissora de rádio para acompanhar as pejejas. Barthes (1988, p. 164) entende que “(...) o ‘pormenor concreto’ é constituído pela colusão direta de um referente e de um significante; o significado fica expulso do signo e, com ele, evidentemente, a possibilidade de desenvolver-se uma forma do significado, isto é, na realidade, a própria estrutura narrativa”.

Com isso, a semiologia vaticina que o rádio, por meio das palavras ditas no veículo, para o seu público em especial, são mais do que uma “simples informação”. Transportam o ouvinte para serem, também, “protagonistas” dos atos e fatos. E os profissionais servem de elo. “Não apenas a palavra radiofônica informava os participantes sobre o próprio prolongamento da sua ação (a alguns metros deles), de sorte que o transistor se tornava o apêndice corporal, a prótese auditiva” (Barthes, 1988, p. 167).

E partindo para o viés da análise estrutural da narrativa, os radialistas operam de modo a encadear a sequência de fatos de um jogo de futebol. Uma partida tem 45 minutos a cada tempo, mais uns minutos de acréscimo em cada um dos tempos (tempo extra determinado pela arbitragem) e 15 minutos de intervalo entre esses dois tempos. No radiojornalismo esportivo, ao longo de uma jornada esportiva, a incursão sonora das vinhetas suavizam a transmissão e ajudam a dar uma carga dramática e emocional ao jogo. A cada cinco minutos,

elas contam o tempo do jogo e há o “giro do tempo e placar”, quando o narrador confirma o tempo do andamento da partida e informa quanto está o jogo.

Na rádio Paiquerê 91.7, os ouvintes se familiarizaram com as vinhetas, que são marcantes e tradicionais e contribuem para a “plástica radiofônica” de uma transmissão esportiva.

(...) também podemos considerar como sendo vinheta sonora todo e qualquer som ou efeito acrescentado a uma narração com a finalidade de reforçar a marca de algum anunciante ou, até mesmo, o nome da própria estação, lembrando insistentemente ao ouvinte em que estação está ocorrendo a sintonia. Com esse recurso, fixa, simultaneamente, o nome e o prefixo da empresa radiofônica na percepção e memória do ouvinte (Freitas, 2006, p. 54).

Como esse item é um diferencial, ele também atua como complementar, já que o ouvinte, acostumado com as inserções desses elementos, consegue identificar a vinheta de tempo e placar, a vinheta de caracterização da emissora, dentre outras. “A plástica deve suprir a falha da imagem” (César, 1990, p. 101).

Outro elemento “sonoro” utilizado é o silêncio. Ele confere carga dramática, gera dúvida ou cria uma situação de curiosidade ao ouvinte, para saber o que passou. Porém, o rádio necessita da voz, fio condutor da mensagem. E, nas transmissões futebolísticas, ela precisa informar, detalhar e descrever. Barthes (2013, p. 19) lembra que “(...) a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral (...)”. Essa linguagem articulada produz sentido ao receptor, que consegue compreender o andamento do jogo, com as citações das jogadas. Por mais que, na grande maioria das vezes, a bola do jogo fica oculta nas falas dos radialistas, a “bagagem” do ouvinte em estar habituado à peleja irradiada, dá essa liberdade e autoriza essa “omissão” dos profissionais.

Ainda na analogia ao fotojornalismo, Barthes (1984, p. 37) reforça a produção de sentido para o ouvinte, quando do desenvolvimento do jogo. A analogia é baseada no instante da escolha da melhor cena para a foto do fotógrafo, que é a mesma situação quando o narrador, com olhar fixo na bola e o que a cerca, faz a descrição dos lances, por meio do ato de nomear e ou verbalizar as jogadas, gerando uma condição diferencial, a qual ele sintetiza como “(...) ela me anima e eu a animo. Portanto, é assim que devo nomear a atração que a faz existir: uma *animação*”. E ainda, o “punctum é um suplemento” (Barthes, 1984, p. 85).

Vale especificar ainda que a fotografia é a força motriz de comparação, e não o cinema, que conota movimento, já que o cinema é basicamente composto por fotogramas em sequência, criando a “falsa” sensação de movimento. Nessa seleção das “cenas” ou dos fotogramas, Barthes (1984, p. 117-118) ressalta, em seus estudos, a predileção por basear seu

trabalho com o olhar fotográfico do que o olhar de um diretor de um eventual filme. (...) “na Foto, alguma coisa se pôs diante do pequeno orifício e aí permaneceu para sempre (está aí meu sentimento); mas no cinema alguma coisa passou diante desse mesmo pequeno orifício; a pose é levada e negada pela sequência contínua das imagens (...)”. Tal qual o fotógrafo escolhe a cena, o radialista, sobretudo o narrador, seleciona as melhores falas para, com o recorte de cada lance, informar o andamento da partida. “Assim, sobre um objeto, o bom sistema de linguagem funciona (...)” (Barthes, 1988, p. 355).

Nesse filtro do narrador, tal qual um fotógrafo capta e seleciona a cena pelo visor da máquina, de escolher as palavras para informar o desenrolar do jogo, a bola é o ponto focal e se configura como o ápice do interesse do público sobre a situação de momento.

Diante da infinidade de narrativas, da multiplicidade de pontos de vista pelos quais se podem abordá-las (...) o analista encontra-se quase na mesma situação que Saussure, posto diante do heteróclito da linguagem e procurando retirar da anarquia aparente das mensagens um princípio de classificação e um foco de descrição (Barthes, 2013, p. 20).

Presume-se sempre que a bola está na grama e as disputas acontecem nesse prisma. Quando eventualmente vem a chamada “bola área”, os cruzamentos, “chutões” dos goleiros ou defensores ou ainda uma dividida entre jogadores em que a bola “sobe”, é fundamental a descrição acompanhar o movimento da bola e reportar, ao ouvinte, essa mudança de panorama da disputa pela posse da pelota. Isso implica em preocupação com a particularidade dos lances, de cada movimento, das jogadas e provoca um natural senso de responsabilidade na carga informacional. Barthes (2013, p. 20) argumenta que “(...) pois há um abismo entre a mais complexa aleatória e a mais simples combinatória, e ninguém pode combinar (produzir) uma narrativa, sem se referir a um sistema implícito de unidades e regras”.

Partindo da premissa de que o ouvinte não tem acesso visual ao jogo, seja no estádio, seja por meio de imagens, essa descrição e essa citação ampliam o entendimento, e o trabalho se valoriza quando há uma preocupação de que “(...) se aplique à narração um método puramente indutivo e que se comece por estudar todas as narrativas de um gênero, de uma época, de uma sociedade, para em seguida passar ao esboço de um modo geral” (Barthes, 2013, p. 21). A adoção desse compromisso provoca um ganho duplo: para quem fala e quem escuta. A estrutura da narrativa passa a ter níveis de descrição, que ajudam na produção de sentido.

Uma frase, é sabido, pode ser descrita, linguisticamente, em muitos níveis (fonético, fonológico, gramatical, contextual). Estes níveis se apresentam numa relação hierárquica, pois, se cada um tem suas próprias unidades e suas próprias correlações, obrigando a uma descrição independente para cada um deles, nenhum nível pode por

si só, produzir significação (sens); toda unidade que pertence a um certo nível só tomará significação caso se possa integrar em nível superior (Barthes, 2013, p. 25).

Na verdade, formam-se três níveis de descrição. Barthes (2013, p. 27) os divide em “(...) nível das funções, das ações e o nível da narração. (...) estes três níveis estão ligados entre si, de modo de integração progressiva (...) um discurso que tem seu próprio código”. Além disso, Barthes (2013, p. 28) delimita ainda mais ao instituir um prolongamento desse contexto e estabelecer o subgrupo das funções, dentro da narrativa, quando sustenta que “(...) constitui-se em unidade todo segmento da história que se apresenta como termo de uma correlação. A alma de toda função é, caso se possa dizer, seu germe, fato que lhe permite semear a narrativa de um elemento que amadurecerá mais tarde, sobre o mesmo nível, ou além, sobre um outro nível (...)”.

E não acaba assim. Ao contrário, outros elementos colaboram para aprofundar essa tipificação. Mais um recorte promovido por Barthes (2013, p. 29) é o grau das funções. “Disto resulta que a narrativa só se compõe de funções: tudo, em graus diversos, significa aí. Isto não é uma questão de arte (da parte do narrador), é uma questão de estrutura”. O autor em questão escreve sobre funções nas narrativas e as determinações nas unidades. Ele reconhece que cada detalhe é importante para o que ele classifica como “nível de denotação” (Barthes, 2013, p. 31). A denotação se opõe ao uso de figuras de linguagem que, durante um jogo de futebol no rádio, podem ajudar a informar, como por meio de “jargões espaciais” como por exemplo “onde a coruja dorme” que seria o ângulo reto, formado pela junção da trave lateral com o travessão ou trave horizontal.

Logo, Barthes (2013, p. 33) admite essa antítese quando assevera que “funções implicam *relata* metonímicos, os Índices *relata* metafóricos; uns correspondem as funcionalidades do fazer e outros do ser”. Mesmo assim, a semiologia pode compreender que um jogo de futebol irradiado trabalha com algumas particularidades linguísticas que, em muitos casos, ampliam a produção de sentido, ao elencar que

(...) o próprio discurso (como conjunto de frases) é organizado e que por esta organização ele aparece como mensagem de uma outra língua, superior à língua dos linguistas: o discurso tem suas unidades, suas regras, sua gramática; além da frase e ainda que composto unicamente de frases, o discurso deve ser naturalmente o objeto de uma segunda linguística (Barthes, 2013, p. 22-23).

Dentro desse campo, em especial, há uma valorização e potencialização desse papel de contar os fatos, dando mais credibilidade ao processo, principalmente pois, em um

jogo de futebol, o torcedor espera que seu time venha a fazer um gol, mas também espera um bom desempenho. Então,

(...) ou bem a narrativa é uma simples acumulação dos acontecimentos, caso em que só pode falar dela referindo-se à arte, ao talento ou ao gênio do narrador (autor) – todas formas míticas do acaso. Existe, bem entendido, uma “arte” do narrador: é o poder de engendrar narrativas – mensagem - a partir de uma estrutura, ou código; essa arte corresponde a noção de performance em Chomsky (...) (Barthes, 2013, p. 20)”.

E essa estrutura da narrativa, se renova e atualiza. “Onde pois procurar a estrutura da narrativa? Nas narrativas, sem dúvida” (Barthes, 2013, p. 21)”. Além disso, o desdobramento do jogo de futebol no rádio trabalha com algumas condicionantes óbvias. Se a bola saiu pela linha de fundo, ou é tiro de meta ou é escanteio. Se saiu pelo lado, é lateral para algum dos times envolvidos. Se aconteceu uma falta, a bola deve ser colocada no local da infração, e a posse da pelota será do atleta do time que recebeu a carga, dentre outras obviedades da regra, decoradas pela massa. Barthes batiza essas variáveis e sobreposições de núcleos. “Uma sequência é uma série lógica de núcleos , unidos entre si por uma relação de solidariedade. (...) A sequência é com efeito sempre nomeável.(...) Estas denominações são unicamente responsabilidade do analista” (Barthes, 2013, p. 40). E fugindo de uma linguagem mais metafórica do que objetiva, na mesma definição (Barthes, 2013, p. 40) cobra o uso de recurso denotativo. “É necessário, entretanto, prever uma descrição suficientemente detalhada para dar conta de todas as unidades da narrativa (...)”.

Como a corrente pesquisa se propõe a estudar o papel de dois profissionais em uma jornada esportiva, mesmo sendo muito mais o narrador do que o repórter, as falas desses radialistas devem convergir para a ampliação do entendimento. Barthes (2013, p. 32) define que “a relação das unidades e de seu correlato não é mais então distribucional (...), mas integrativa”. E que, além disso, “eles remetem a um significado”. O autor nomeia essa parceria. A semiologia define que o trabalho do narrador e do repórter tem natureza completiva. São catálises. Sintetizadas como “as catálises são apenas unidades consecutivas, as funções são ao mesmo tempo consecutivas e consequentes. (...) ela acelera, retarda, avança, o discurso, ela resume, antecipa (...)” (Barthes, 2013, p. 34).

Na produção de sentido, no campo das funções, Barthes (2013, p. 35) clarifica que “a função constante da catálise, é pois, em todo estado de causa, uma função fática (...): mantém o contato entre o narrador e o narratário”. E por narratário entende-se que nada mais é do que o destinatário do narrador, a entidade fictícia à qual o narrador dirige sua narração. No caso desse material, o torcedor.

Elas o são sem dúvida, já que tratam do código da narrativa, mas pode-se imaginar que fazem parte de uma metalinguagem interior do próprio leitor (ou ouvinte), que compreende toda uma série lógica de ações como um todo nominal (...) escutar, não é somente perceber uma linguagem, é também construí-la (Barthes, 2013, p. 40).

O rolar da bola promove inúmeras ações durante o jogo. Lances de ataque, de defesa, disputa no meio do campo; são muitas as possibilidades. Os radialistas têm a incumbência de “(...) descrever e classificar os personagens da narrativa, não segundo o que são, mas segundo que fazem (...) para ajudar no entendimento, para atingir os eixos semânticos para a compreensão. (...) a comunicação, o desejo (ou a busca de) e a prova” (Barthes, 2013, p. 45). A denominação dos atos, pelos comunicadores envolvidos, dos desdobramentos dos personagens das pejejas (jogadores) são classificados como “actantes”. O rádio precisa, para garantir fidedignidade aos fatos, profissionais que consigam ter a capacidade de descrever bem, pois o autor admite que “no momento em que a matriz tem um bom poder classificador (...)” (Barthes, 2013, p. 47), os elementos saltam de tal modo que “os signos do narrador parecem à primeira vista mais visíveis e mais numerosos” (Barthes, 2013, p. 48).

Os profissionais do rádio, com a capacidade de criar por meio do uso de palavras que confirmam visualidade e despertem a imaginação dos lances descritos são realçados, de modo a dar vazão à interpretação adequada dos movimentos de um jogo de futebol. “O nível narracional é pois ocupado pelos signos da narratividade, o conjunto dos operadores que reintegram funções e ações na comunicação narrativa, articulada sobre o seu doador e seu destinatário” (Barthes, 2013, p. 53).

Desafio constante dos radialistas é descrever “em cima do lance”, informando o andamento do jogo, o “bailado” da bola e o ambiente envolvido em uma disputa. Barthes (2013, p. 59) é preciso quando conclui que o poder de síntese contribui para um bom ritmo dessa narrativa, que carece de velocidade, a mesma do jogo, e detalhes para o entendimento. “Uma narrativa pode ser identificada, mesmo se seja reduzido seu sintagma total a seus actantes e a suas grandes funções, de tal modo que elas resultem da assunção progressiva das unidades funcionais. Dito de outro modo, a narrativa oferece-se ao resumo”. Por fim, a semiologia trata essa análise da estrutura da narrativa como algo que norteia o processo de compreensão, para que a produção de sentido aflore, apesar de um meio pantanoso de nuances que podem prejudicar o entendimento. Barthes (2013, p. 60) acrescenta que:

(...) a complexidade de uma narrativa pode-se comparar à de um organograma, capaz de integrar os movimentos para trás, os saltos para diante; ou, mais exatamente, é a integração, sob formas variadas, que permite compensar a complexidade aparentemente indomável das unidades de um nível; ela que permite orientar a compreensão de elementos descontínuos, contínuos e heterogêneos (...).

Logo, a adoção de palavras visuais, que possibilitem ao ouvinte, torcedor, receptor, essa interação com a peleja, com a emoção intrínseca do rádio e a expectativa pela vitória do time de coração provocam nos profissionais do rádio a necessidade de um poder de síntese. Também, a capacidade de criar e argumentações favoráveis, são adotadas usufruindo da estrutura de sentido completo, que é a frase. Barthes (2013, p. 61) ilustra a questão: “Há seguramente uma liberdade da narrativa (...), mas esta liberdade, ao pé da letra, é limitada; entre o código forte da língua e o código forte da narrativa, estabelece-se, caso possa ser dito, um vazio: a frase”.

Com tudo isso, cada detalhe e cada elemento, a comunicação se completa. A relação do radialista com seu público é de informar, emocionar, descrever e favorecer o entendimento, se não pleno, mas de possível compreensão. Barthes (2013, p. 62) pacifica a relação da produção de sentido com a perspicácia de descrever os atos, dos profissionais envolvidos na irradiação do futebol, por meio daquilo que ele decreta como lógica da narrativa, ao deslindar “a ‘realidade de uma sequência não está na continuação ‘natural’ das ações que a compõem, mas na lógica que aí se expõe, que aí se arrisca e aí satisfaz (.). (...) a lógica tem aqui um valor emancipador – e toda narrativa com ela (...)”.

Levando isso em consideração, o goloço deixa de ser “bonito”, “belo” ou “de revista” e passa a ser quando a bola entra rasteira, no canto da esquerda, do gol do lado direito do seu radinho, após a cobrança de pênalti ser feita com o jogador chutando de pé direito. E o goleiro pulou para o lado oposto em que a bola foi. É o famoso “bola de um lado, e goleiro do outro”. A simplicidade, a linguagem denotativa e a objetividade se unindo para informar, emocionar e permitir que o sentido produzido ajude ao ouvinte “ver” o gol por meio das falas trazidas pelas ondas hertzianas. E produzir total sentido nesse meio de comunicação de massa, que é o rádio.

4 PERSPECTIVA DO NARRADOR E DO REPÓRTER NO ESTÁDIO DO CAFÉ

Dentro do radiojornalismo esportivo, a transmissão ao vivo é um diferencial do veículo rádio. Por décadas, ela une, liga, emociona, informa e é acompanhada pelo ouvinte/torcedor. Anteriormente feita por apenas um narrador que contava os fatos, nos dias dos anos 2020, há uma estrutura básica e padrão, adotados pelas centenas de emissoras, que, Brasil afora, transmitem esporte. Sobretudo o futebol profissional masculino, que ocupa a esmagadora maioria de tempo na programação de jornalismo esportivo das rádios, ganhando notoriedade nas competições futebolísticas locais, estaduais, nacionais ou internacionais.

Uma transmissão comum pode reunir dezenas de profissionais, desde a parte técnica, operacional, comercial, artística e jornalística. Contudo, dentro do objeto de pesquisa, o autor desta dissertação vai concentrar-se nos radialistas que estão no trabalho de informar o andamento da partida de futebol do Londrina Esporte Clube, no Campeonato Paranaense. A rádio Paiquerê 91,7 FM utilizou, nos jogos pesquisados, a seguinte estrutura, definida pelo coordenador do setor esportivo da emissora: narrador, comentarista, um repórter de campo e plantão esportivo, os que falam no ar, além de um técnico de externa (que instalou e testou os equipamentos de transmissão no Estádio do Café), um técnico de efeitos sonoros, que introduz as vinhetas, trilhas e elementos sonoros que integram a “jornada esportiva”, além de um operador na central de gravações, que grava a partida, salva e edita os lances de gol, que são reprisados ao longo da programação da emissora.

Os dados a serem analisados provêm do registro de atuação de dois desses profissionais: narrador (que fica na cabine de transmissão) e o repórter de campo, que geralmente fica atrás da baliza de defesa do adversário do Londrina, ou seja, acompanhado o ataque do time alviceleste. Como no Estádio do Café, a distância da cabine de rádio até o campo é muito longa, mesmo situado em uma posição central e sem nenhum impedimento no campo de visão, o narrador precisa do apoio do repórter de campo, que está situado atrás de uma das metas no estádio, sobretudo acompanhando o ataque do time do Londrina, e consegue, muitas vezes, trazer um olhar com mais detalhes nos lances, com o objetivo de complementar o que foi narrado, sobretudo com uma outra perspectiva.

Nas imagens a seguir, feitas por este pesquisador, com um *smartphone* Samsung A50, de dentro da cabine da Rádio Paiquerê 91,7 FM, em 10 de abril de 2022, no jogo Londrina 2 x 0 Náutico, campeonato Brasileiro da Série B, é possível ter a exata noção do campo de visão do narrador. A cabine é a mesma usada nos jogos pesquisados, mesma posição e mesma localização, já que é a “cabine oficial” da emissora, em décadas, no Estádio do Café.

Foram feitas, na data citada, três fotos: uma em plano geral aberto, mostrando o campo todo de visão, uma de plano aberto ao lado esquerdo e outra de plano aberto do lado direito.

Em seguida, uma foto noturna foi tirada poucos dias depois, no jogo válido pela Copa do Brasil, Portuguesa-RJ 1x1 Corinthians-SP, dia 20 de abril de 2022. A partida em questão aconteceu em Londrina, pois a equipe carioca “vendeu” o mando de campo para um empresário de Londrina, com o objetivo de ganhar mais dinheiro com esse “cachê”, ao explorar o tamanho da torcida do Corinthians no norte do estado do Paraná. Como mesmo no Rio de Janeiro, a equipe lusitana não tem muitos adeptos, essa prática foi rentável à agremiação que mandou o jogo no Estádio do Café. A foto noturna em plano geral aberto ajuda a visualizar melhor a perspectiva do narrador, já que as fotos feitas no jogo contra o Náutico foram tiradas 11h, com sol a pino, e a foto noturna, com os refletores acessos, dão uma melhor dimensão de entendimento ao leitor deste trabalho sobre o que enxerga o narrador que tem a incumbência de descrever o jogo na irradiação do jogo do Londrina Esporte Clube ao público ouvinte da Rádio Paiquerê 91,7 FM.

Figura 1 – Campo de visão, lado esquerdo da cabine, perspectiva do narrador



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2 – Campo de visão, lado direito da cabine, perspectiva do narrador



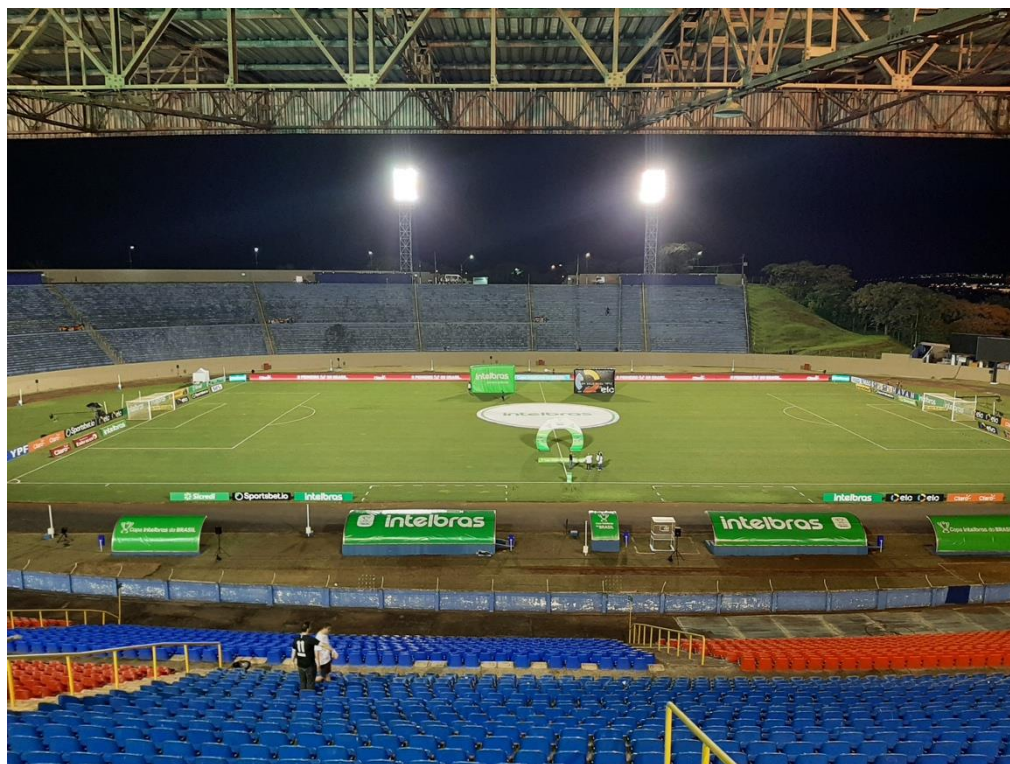
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 3 – Campo de visão, plano geral da cabine, perspectiva do narrador, foto diurna



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4 – Campo de visão, plano geral da cabine, perspectiva do narrador, foto noturna



Fonte: Elaborado pelo autor.

Além da perspectiva do campo visual do narrador, partindo da cabine, a seguir, fotos tiradas pelo autor deste trabalho, com as câmeras de seu *smartphone* Samsung A50, em data de 11 de setembro de 2022, quando o Estádio do Café sediou a partida entre Portuguesa Londrinense x Cambé, válida pela Terceira Divisão do Futebol do Paraná, trazem a perspectiva do campo de visão do repórter de campo, partindo da premissa do posicionamento atrás das balizas, sobretudo do lado do ataque do Londrina Esporte Clube. Por experiência de quem também trabalha como repórter de campo, a adequada posição do profissional atrás das metas é na diagonal da grande área, para que ele tenha a dimensão, por exemplo, se uma disputa em que houver falta foi fora ou dentro da área e, por consequência, pênalti.

[...] para ser bom jornalista esportivo, não basta saber escalões de equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, “entender”, enfim, de futebol ou de outros esportes. A prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas, e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade (Unzelte, 2009, p. 9).

Primeiramente, as fotos do lado direito da cabine de transmissão da Rádio Paiquerê 91,7 FM. Os gols conhecidos como “os dos vestiários” do Estádio do Café.

Figura 5 – Perspectiva do repórter de campo (1).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 6 – Perspectiva do repórter de campo (2)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Fotos do gol do lado esquerdo da referida cabine – conhecidos como “o gol da ferradura” ou “gol do Autódromo” ou “o gol da arquibancada descoberta”:

Figura 7 – Perspectiva do repórter de campo (3)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 8 – Perspectiva do repórter de campo (4)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 9 – Perspectiva do repórter de campo, para lances de cobrança de pênalti



Fonte: Elaborado pelo autor.

A identificação espacial do exato local em que narrador e repórter de campo ficam, nos jogos, auxilia no processo de descrever os lances de uma partida de futebol e ajudam, ao ouvinte, pelo jogo de vozes entre os profissionais, a compreender que um trouxe o lance geral e que o repórter confere mais detalhes, por estar ainda mais perto dos jogadores, ao nível do gramado. É o *studium* e o *punctum* fotográficos, descritos. Para Guerra (2012, p. 75), “a entonação do narrador esportivo no rádio permite perfeitamente que o ouvinte esteja com a noção de por onde anda a bola”. Com essa delimitação, quem ganha é o ouvinte, que terá a condição de dois profissionais, com bagagem vocabular e intelectual diferentes, obter o descritivo capaz de permitir o entendimento dos fatos inerentes a uma partida de futebol.

Rádio e futebol caíram no gosto popular de forma bem semelhante. A prática e a produção de um clima de encantamento durante o jogo e a sensação de equidade que ele proporciona, em princípio, com igualdade de chances e de possibilidades. A narração de uma partida pelo rádio se utiliza do conhecimento desse encanto e busca nos recursos empregados levar a magia do espetáculo ao torcedor, fazendo com ele praticamente outro jogo (Guerra, 2012, p. 11).

A vibração, a emoção e a empolgação do narrador dão o tom de uma jornada esportiva, porém, esta investigação quer ir além, visando mensurar se os quatro recortes de gol conferem palavras que ajudem ao ouvinte imaginar, de modo adequado, como foi feito o lance máximo do futebol.

O rádio seduz pelo que deixa implícito. Isto é, a ausência de imagens instiga o receptor a imaginar os cenários possíveis para o que está sendo narrado. Nesse contexto, os recursos acionados pelo narrador para dar um tom quase teatral à sua descrição do evento esportivo são imprescindíveis para a conquista do ouvinte. Bordões, alcunhas para os jornalistas e atletas, vinhetas, músicas: tudo visa entreter e manter o ouvinte sintonizado. (Amaro; Helal, 2012, p. 6).

A escolha de palavras certas, adequadas e que trazem carga de significado e sentido enriquecem a narração, deixam a jornada mais dinâmica e transportam o ouvinte, sobretudo aquele que não está no Estádio, para uma condição de “ver” o jogo pelo vocabulário dos profissionais. “Desde os anos 20 do século passado o rádio revelou-se um meio propício à veiculação de ideias e conceitos. Como meio quente, convida à imaginação e esta, por sua vez, incita ao pensamento” (Raddatz et al., 2020, p.97). Com o elemento da instantaneidade, aliado a agilidade e velocidade, o rádio tem características marcantes também nas jornadas esportivas. “O rádio é o sistema de distribuição de mensagens mais extenso, ágil e barato com que conta a sociedade atual. Nenhum outro meio pode competir com sua modalidade e é por isso que a notícia veiculada pelo rádio é a primeira” (Prado, 1989, p.15).

Quem abre os trabalhos é o narrador, que conduz a transmissão, “gira” a equipe e é o responsável por informar, descrever e emocionar. Para Silva (2008, p. 47), “Ao receber o comando da jornada esportiva, o narrador passa a ser o maestro do espetáculo esportivo, é ele quem vai ditar o ritmo dos trabalhos”. O narrador tem a responsabilidade de, quando iniciar a partida, informar o desenvolvimento do jogo, contando os fatos que acontecem na partida. “O narrador esportivo é o profissional de comunicação capacitado a descrever, contar, relatar, transmitir um evento ou conduzir uma transmissão, interagindo com seus ouvintes, espectadores ou assinantes” (Schinner, 2004, p. 75).

Não há um padrão estabelecido para ser um narrador de futebol. O que o ouvinte quer é saber o que está acontecendo. O narrador descreve e se preocupa com o que a bola faz. Claro que uma boa voz contribui. Porém, o estilo, o vocabulário e o jeito de contar são criados pelo próprio profissional.

Das primeiras transmissões feitas por Nicolau Tuma e Amador Santos, já com estilos diferentes, até os tempos atuais, foram surgindo estilos próprios para a descrição do jogo. Para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar sua audiência, narradores do

rádio e da televisão utilizaram formas criativas, inventaram bordões e buscaram no próprio povo, expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estava falando. Por meios de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinônimas, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. [...] (Guerra, 2007, p. 2).

O narrador esportivo no rádio precisa ter fôlego para contar o que o jogo oferece ao longo de dois tempos de 45 minutos, mais o antes e o depois da partida, além de conduzir o trabalho da equipe. Esse profissional deve ter a noção de que ele vai ser o conector do torcedor com a bola.

Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um. No caso da televisão, a decodificação das mensagens também se dá ao nível sensorial, só que a imaginação é limitada pela presença da imagem. No caso dos veículos impressos, a sensorialidade está muito mais contida, permitindo uma decodificação ao nível racional, sem envolvimento emocional que são criados pela presença da voz (Ortrivano, 1985, p. 80).

Na jornada esportiva, os elementos sonoros como trilhas e vinhetas, suavizam e embelezam a transmissão e, em muitos momentos, é o tempo do respiro para que o locutor tome fôlego e volte a contar o andamento da partida ao seu público. As vinhetas e trilhas da Paiquerê são tradicionais e bem marcantes, todavia, a voz do narrador prevalece. “A fala ainda é o principal instrumento para comunicação no rádio e não deve deixar de ser, pelo próprio perfil do veículo. Os principais elementos da mensagem, como efeitos sonoros, som ambiente e músicas, lá estão para, quando necessário, valorizar o que foi dito” (Jung, 2004, p. 119).

Mesmo cada narrador tendo seu estilo, uma característica precisa ser respeitada, já que o vocabulário a ser empregado necessita seguir uma regra basilar, que serve para garantir o entendimento do receptor da mensagem irradiada na jornada esportiva. O produto radiofônico – mensagem – precisa respeitar todas as características do meio e as condições de recepção, devendo estar entre as preocupações básicas do emissor, o fato de a mensagem radiofônica estar destinada apenas a ser ouvida (Ortrivano, 1985, p. 83).

Geralmente, o narrador aumenta o tom de voz ou amplia a carga emocional quando a bola está mais perto do gol, para conferir maior “clima” para o ouvinte. Essa é uma das técnicas mais ouvidas e usadas. Nos quatro lances de gols, que são objetos deste estudo, é perceptível que, no clímax dos jogos avaliados, os narradores empregam carga emocional extra na voz para conferir, ainda mais, uma sensação, para o ouvinte do êxtase provocado pelo momento máximo do futebol. “Determinado a cumprir a decisão de filmar oralmente o jogo, o

locutor é obrigado a narrar em alta velocidade, enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras” (Soares, 1994, p. 30).

4.1 JORNADA ESPORTIVA DA RÁDIO PAIQUERÊ 91.7 FM: ESTRUTURA E LINGUAGEM

A escolha do recorte pelo torneio estadual de futebol deu-se porque o certame reúne o elemento de rivalidade local, com equipes do mesmo estado. “Briga de vizinhos”, no “futebolês”. Isso aumenta a carga emocional da equipe de transmissão e também dos torcedores/ouvintes. Ainda, os gols selecionados não são somente em vitórias, goleadas ou jogos fáceis. De modo aleatório, foram identificados e selecionados gols que remetem a situações diversas. Os áudios foram pesquisados na internet, tanto no site oficial da emissora, quanto em seu canal no Youtube.

Com a dificuldade do pesquisador em encontrar tais gravações, que de fato estão disponíveis publicamente na internet, porém, não corretamente identificadas, após muitos dias de pesquisas infrutíferas devido a essa limitação na nomenclatura, o autor deste estudo tomou a liberdade em pedir pessoalmente e verbalmente, aos funcionários da emissora, do setor de gravação e arquivo, que buscassem e identificassem os áudios referidos, com os critérios: um gol de cada narrador, de jogos do Londrina Esporte Clube, do Campeonato Paranaense de Futebol, partidas no Estádio do Café, entre os anos de 2018 e 2020. Com o cruzamento de dados dessas características com áudios dos gols narrados nos arquivos da rádio, chegou-se a identificação e seleção dos quatro materiais para análise, repassados em formato MP3.

Os áudios estão em material anexo ao texto desta dissertação, e os materiais recebidos serão alvo de decupagem e confronto com imagens dos mesmos gols irradiados, em arquivos baixados da plataforma YouTube, em formato vídeo MP4, que também estão em anexo e que foram obtidos por links que estarão disponíveis. Os gols que serão avaliados por este material remetem ao “Campeonato Paranaense de Futebol Masculino” dos anos de 2018, 2019 e 2020, os últimos torneios antes do advento da pandemia da covid-19. Como a rádio Paiquerê 91,7 FM dispunha, na ocasião, de quatro narradores – sem a intenção de comparar as atuações de cada um –, mas unicamente como amostragem simples de uma narração de um jogo aleatório, um gol narrado pela voz de cada um dos profissionais, quatro ao todo, foram elencados para a concretização desse material. A obtenção dos arquivos foi obtida com consentimento da direção da empresa.

Os jogos, com as narrações e gols avaliados, dentro das prerrogativas estabelecidas e critérios já explanados, são, por ordem cronológica:

- a) 04/03/2018 – Londrina 1 x 1 Prudentópolis
- b) 17/03/2019 – Londrina 1 x 0 Foz do Iguaçu
- c) 22/01/2020 – Londrina 1 x 0 Cianorte
- d) 02/02/2020 – Londrina 2 x 3 Coritiba

Logo, gols em vitórias, empate e derrota do Londrina. Além das decupagens das narrações (e o complemento dos repórteres), serão adotadas três imagens para a análise e objeto de estudo, advindas dos vídeos dos gols, que vão ser exploradas em *frames*, ou seja, congelamento da imagem: início da jogada, desenvolvimento e conclusão do lance no gol narrado, por meio de pressionar o botão *Print Screen*, ao reproduzir o gol no aplicativo *Windows Media Player*.

Para fazer a avaliação dos objetos, será realizada a análise em três momentos: início da jogada de ataque, desenvolvimento da referida tentativa de gol e o lance que resultou na marcação do tento irradiado pela equipe de esportes da Rádio Paiquerê 91,7 FM, dentro dos parâmetros já previamente explanados.

4.2 PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NOS LANCES

Com o intuito de apresentar e detalhar mais sobre a vida dos profissionais que, diretamente, estão inseridos nesta prática, foi formulado um questionário estruturado simples aos sete radialistas em questão. Foram feitas, em sondagem por aplicativo de mensagem WhatsApp, as seguintes perguntas: Nome completo, Nome “de rádio”, Data e cidade de nascimento, Escolaridade e Experiências Profissionais. Somente para Fiori Luiz, foram feitas as perguntas de modo presencial e verbal. Os outros seis, responderam. Uns com riqueza de detalhes, outros de modo simples e objetivo. As respostas foram enviadas no mês de setembro de 2023. Primeiramente os narradores (4). Em seguida, os repórteres (3) – já que um participa de duas jornadas esportivas elencadas.

Nome: Augustinho Pereira de Andrade

Nome “de rádio”: Augustinho Pereira

Natural de Londrina/PR, nascido em 27/05/1956

Experiências no rádio: 1981 (Rádio Alvorada – de Londrina) por onde ficou 14 anos. Em seguida, na cidade de Londrina trabalhou na Rádio Londrina (2 anos), Rádio Norte

(um ano e seis meses) e Rádio Brasil Sul (5 anos). Trabalhou um ano e seis meses na Rádio Jornal de Sergipe, em Aracajú. E está há 18 anos na Rádio Paiquerê 91.7 FM.

Nome: Nelson Fiori Luiz Malaguido

Nome de Rádio: Fiori Luiz

Natural de Londrina/PR, nasceu em 11/04/1941

Começou na rádio Londrina, em Londrina/PR em 1956. No rádio, no intervalo de 30 anos, trabalhou nas emissoras londrinenses Atalaia, Alvorada e Marajoara, Universo (de Curitiba) e Paiquerê. De 1988 a 2008 foi proprietário da Rádio Brasil Sul, de Londrina. Em 2009, voltou para a Paiquerê 91.7 FM e segue até os dias atuais. Foi vereador em Londrina (1976 a 1978), deputado estadual pelo Paraná por duas legislaturas (1979 a 1987). Na TV, trabalhou ainda em retransmissoras da Rede Globo, Record e do SBT em Londrina e em Apucarana. Apresentou programas esportivos na CNT por muitos anos e escreveu colunas esportivas no (extinto) Jornal de Londrina e na Folha de Londrina. Além da Paiquerê, participa de um programa esportivo no SBT/Rede Massa de Londrina.

Nome: José Mateus de Lima

Nome de Rádio: J. Mateus

Natural de Araçongas/PR, nasceu em 21/04/1947

Começou no rádio em 1964, como plantão esportivo da Rádio Araçongas. Tornou-se narrador e trabalhou ainda nas rádios Cultura (Araçongas), Cultura (Apucarana), Atalaia e Cultura (Maringá), Clube e Alvorada (Londrina). Entrou na Paiquerê em 1975. Saiu duas vezes, mas voltou. Seu último contrato com a emissora vigora desde 1988. Na Paiquerê, Mateus conquistou experiência internacional na cobertura de Copas do Mundo (1990, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e 2014), Olimpíada (1996), Copa América (1989, 1991, 1993, 1995, 1999, 2001, 2003, 2005 e 2007), Pré-Olímpico (1995 e 2000) e inúmeros jogos amistosos da Seleção Brasileira pelo mundo, passando por 32 países.

Possuidor de um dos grandes arquivos de futebol do país, como historiador, escreveu e publicou os livros: “Londrina Esporte Clube 40 anos” e “Onze contra Onze”. Recentemente escreveu o “ZYJ Mateus – Minhas histórias no rádio”, destacando sua vida sempre ligada ao microfone. Completou o círculo profissional na imprensa com trabalhos também em jornal e televisão. Foi editor de esportes, narrador e apresentador da Televisão Cultura de Maringá – colunista e editor de esportes de O Diário de Maringá - e colunista do Jornal de Londrina. Fala inglês e espanhol – e já fez narração de quase todos os esportes.

Hoje divide suas atividades em narrações e comentários de futebol. É o apresentador do Bate Bola, um dos mais longevos e tradicionais programas no rádio paranaense. É “Cidadão Honorário” de Londrina. Casado, há 52 anos, com Olésia Santoni de Lima - têm duas filhas: Ana Cláudia e Maria Cecília – e os netos Bernardo e Bianca”. Texto fornecido pelo entrevistado.

Nome: Vanderlei Rodrigues

Nome “de rádio”: Vanderlei Rodrigues

Natural de Campina da Lagoa/PR, nascido em 23/04/1974

Jornalista graduado na Unopar, de Londrina

Iniciou no rádio em 1992 na Rádio Goioerê, de Goioerê/PR. Em seguida, trabalhou em Londrina nas rádios Alvorada, Tabajara, Globo, Brasil Sul e está na Rádio Paiquerê 91.7 FM desde 2017. Tem experiência em narração esportiva de futebol, futsal, voleibol, basquetebol, automobilismo, futebol amador e handebol. No futebol profissional masculino, transmitiu a Copa América (2007) na Venezuela, a Copa América (2011) na Argentina, a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul e a Copa do Mundo de Futebol 2014 no Brasil.

Nome: Cléber Roberto Pontes

Nome de rádio: Cléber Pontes

Idade 46 anos - 28.04.1977 , nascido em Londrina

“Início no rádio em maio de 1990 na rádio Norte Londrina AM 1160 .Já fiz de tudo no rádio. Iniciei no esporte amador na Rádio Norte. Em 1993, fui para a rádio Tabajara (Super Taba), onde além do esporte também era repórter policial. Em 1995 fui para a rádio Brasil Sul e lá cobri meus primeiros jogos em São Paulo: Paulista e Brasileiro. Em 1996 fui para São Paulo onde fiquei até 1998, fora do rádio. Voltei para Londrina e fui trabalhar na Rádio Norte. Oportunidade para conhecer o país (foram as primeiras viagens de avião) acompanhado os jogos do Londrina. Era setorista. Foram muitas coberturas esportivas: Campeonatos Paulista, Paranaense, Copa do Brasil, Libertadores, Sul-americana e jogos da seleção brasileira.

No curriculum, duas Copas do Mundo, em 2010 pela Rádio Brasil Sul e em 2014 pela Paiquerê 91.7 FM. Na Paiquerê ainda apresentei o Jornal da Manhã. Fiquei um período fora do esporte, fazendo somente jornalismo na Rádio Alternativa de Ibiporã e em agosto de 2022 entrei na Rádio Clube de Londrina. Em setembro de 2023 apresento o Balanço

Esportivo de segunda a sexta-feira das 18h às 19h e participo das jornadas esportivas”. (Texto fornecido pelo entrevistado).

Nome: Lúcio Flávio Bortoti Cruz

Nome de rádio: Lúcio Flávio

Nascido em Londrina em 27/02/1979

Formado em Administração de Empresas e Jornalista formado pela Universidade Metropolitana de Londrina (hoje Anhanguera). Possui pós-graduação em Comunicação e Marketing. Começou na Rádio Alvorada de Londrina (1996) e está na Rádio Paiquerê desde 1997. Hoje também é repórter do jornal impresso Folha de Londrina, desde 2012. Além disso, trabalhou em canais de TV, sites de internet e assessoria de imprensa e de eventos, em Londrina. Pela Rádio Paiquerê, cobriu Copas do Mundo, Olimpíadas e Copa América de futebol, além de atuar como apresentador e produtor de programas. Texto enviado pelo entrevistado.

Nome: Wesley Henrique Lemos

Nome de rádio: Wesley Lemos

Não informou data de nascimento.

Jornalista formado pela Unopar, em 2019.

Começou na rádio Paiquerê 91.7 FM em 2018 como plantão esportivo e depois se tornou repórter de campo. Fez ainda parte da equipe que alimentava o site da rádio com notícias de jornalismo em geral. Trabalhou na TV Tarobá e em setembro de 2023 trabalha na TV RIC/Record de Londrina.

Londrina 1 x 1 Prudentópolis

O jogo² em questão integrava a tabela da segunda fase do campeonato, em etapa denominada “Taça Caio Júnior”. O jogo foi válido pela primeira rodada dessa etapa. Na etapa anterior, denominada “Taça Dionísio Filho”, o Londrina foi mal e o Prudentópolis ainda pior. Em seis jogos, o Londrina venceu um, empatou três e perdeu dois. Fez sete gols e levou nove, fechando na terceira posição entre seis competidores e ficou de fora da fase semifinal, quando os dois melhores do grupo avançaram. O Prudentópolis em seis jogos teve três empates

² Todas as informações em:

http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx?competicao_id=193

e três derrotas (nenhuma vitória), fez dois gols e levou oito, ficando na sexta posição entre seis clubes (Federação Paranaense de Futebol, 2022).

A rodada inaugural da etapa motivava as duas equipes em busca de melhorar suas condições, já que na nova fase, os seis clubes do grupo jogariam entre si, passando os dois melhores para a semifinal. E todos iniciaram a fase com zero ponto. Ao término da fase, o Londrina fez oito pontos em cinco jogos, sendo duas vitórias, dois empates e uma derrota, marcou sete e sofreu três e terminou na segunda posição, avançando assim para a semifinal, onde passou pelo Paraná Clube mas perdeu a final para o Atlético (hoje Athletico) e fechou assim o estadual daquele ano na sétima posição, de doze clubes. O Prudentópolis terminou a fase na quinta posição entre seis clubes e, ao final do certame, ficou na última posição e foi rebaixado para a segunda divisão do Paraná (Federação Paranaense de Futebol, 2022).

No jogo em questão, objeto desta pesquisa, empate em um gol. A partida foi realizada no dia quatro de março de 2018, um domingo à tarde. Antes da bola rolar, a rádio trouxe a ficha técnica, com os nomes e posições dos jogadores. O Londrina jogou com a seguinte formação: Cesar no gol, na defesa Matheusinho na lateral direita, Dirceu e Lucas Costa na função de zagueiros e Roberto na lateral da esquerda. No meio-campo, Moisés Gaúcho na posição de volante, Anderson Leite e Rodrigo Figueiredo mais avançados e três no ataque: Gustavo Tocantins e Marcelinho como ponteiros e Carlos Henrique centroavante. Durante os jogos, foram feitas substituições, e dois atacantes que entraram, participaram do lance do gol. Entraram Keirrisson no lugar de Gustavo Tocantins e Wesley na vaga de Marcelinho. O treinador do Londrina foi Ricardinho, pentacampeão com a seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2002 (Federação Paranaense de Futebol, 2022). O público presente foi de 929 torcedores (814 pagantes).

O jogo estava empatado em zero a zero. O Londrina fez o seu gol aos 27 minutos do segundo tempo e o Prudentópolis empatou oito minutos depois (Federação Paranaense de Futebol, 2022). O nome de Adilson, citado na narração, é o nome do goleiro do time adversário. A Paiquerê escalou o narrador Vanderlei Rodrigues e o repórter Cléber Pontes para o jogo. O lance de gol, foi descrito da seguinte maneira:

Vanderlei Rodrigues - “Keirrisson domina a bola pela direita, cruzou a bola, cutucada no gol, Wesley, Gool do Londrina. Wesley, na marca cravada de 27 minutos de bola rolando etapa primeira de partida, até que enfim saiu o esperado, o desejado gol no Estádio do Café. Wesley testa a bola lado direito do goleiro Adilson, e bota o torcedor para cantar, E agora, goleirão Adilson, tira da rede e confere o placar, porque futebol sem gol não é futebol”.

Cléber Pontes - “E o gol do Londrina surgiu numa cobrança do Mateuzinho, que achou o Keirrisson em velocidade pelo lado direito, ele ganhou na força do seu marcador e aí deu um tapa para alcançar o Wesley no meio da área. Belo cruzamento, na medida, Wesley cabeceou e ela entrou no cantinho, a meia altura, sem chances para o goleiro. Wesley foi dele a cabeça que balançou a rede, Tubarão abre o placar aqui no Estádio do Café”.

Agora, com arquivo em anexo, e obtido pelo link do YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=7pmqebKiY4s>), será feita a comparação com os três momentos que envolvem o lance irradiado pelos profissionais da Rádio Paiquerê 91.7 FM:

INÍCIO

Figura 10 – Londrina é o time de branco. No destaque vermelho, a identificação de Keirrisson. No destaque amarelo, a bola.



Fonte: adaptado do Canal do Youtube Intervalo da Notícia/Élio Kohut.

ANDAMENTO

Figura 11 – No destaque vermelho, a identificação de Keirrisson. No destaque amarelo, a bola. No destaque na cor preta, a identificação de Wesley.



Fonte: adaptado do Canal do Youtube Intervalo da Notícia/Élio Kohut .

CONCLUSÃO DO LANCE

Figura 12 – No destaque vermelho, a identificação de Wesley. No destaque amarelo, a bola.



Fonte: adaptado do Canal do Youtube Intervalo da Notícia/Élio Kohut.

Londrina 1 x 0 Foz do Iguaçu

A referida partida³ foi disputada pela segunda rodada da Taça Dirceu Krugger, que era a segunda etapa do estadual daquele ano. Na primeira etapa, a Taça Barcímio Sicupira, em 6 jogos, o LEC teve 2 vitórias, 2 empates e 2 derrotas, marcou 7 e tomou 6 gols. Ficou na quarta posição entre 6 clubes. Já o Foz, teve 5 derrotas e 1 empate. Não fez gol e sofreu 13. Na abertura da Taça Sicupira, o Londrina empatou fora de casa, 1x1, contra o Operário e o Foz vinha de uma vitória frente o Maringá, por 1x0 (Federação Paranaense de Futebol, 2022).

Antes da bola rolar, o Londrina foi escalado aos ouvintes com: o goleiro Alan, na defesa Raí Ramos na lateral direita, Augusto e Silvio na zaga e Felipe Vieira na lateral esquerda; no meio de campo Anderson Leite, Germano e Luquinha; no ataque Marcelinho e Anderson Oliveira pelas pontas e Uélber centralizado. Treinador era Alemão. Público total: 499, sendo que 412 pagaram ingresso. O único gol do jogo foi anotado no primeiro minuto de jogo, no primeiro tempo. O nome de Felipe Alisson, citado na narração, é o nome do goleiro do time adversário. Os profissionais que trabalharam na partida foram Fiori Luiz na narração, e Lúcio Flávio nas reportagens.

Fiori Luiz - “Lá vai o Londrina para o campo de ataque, Luquinha domina, Luquinha para Anderson Oliveira, Anderson Oliveira, fugiu do primeiro, fugiu do segundo, larga para Felipe, Felipe vai no pique, na velocidade, olha a chance, cruzou pra boca do gol, de cabeça – GOOOOOOOOOL (Anderson Leite - repórter auxilia e informa quem fez o gol). Anderson Leite subiu, Anderson Leite quem meteu para o fundo da rede. Número 5, a um minuto e meio de jogo. Um minuto e meio de partida no Estádio do Café. Levanta a pequena torcida, comemora gol de Anderson Leite. Camisa número 5, a camisa do sucesso! Tá na rede, tá na rede, tá na rede do Felipe Alisson, no placar Londrina 1x0, Lúcio!”

Lúcio Flávio - “e de novo, Fiori, funcionou muito bem o lado esquerdo do Londrina Anderson Oliveira, Luquinha e o cruzamento do Felipe, que vem se especializando demais nessa bola alçada para a área, e o Anderson Leite apareceu como um centroavante, na posição do centroavante dentro da pequena área, ele cabeceou a bola ainda pegou no travessão e foi para o fundo das redes, valeu a aposta do Alemão, Anderson Leite marca 1x0 para o Tubarão aqui no Café”.

Com arquivo em anexo, e obtido pelo link do YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=95gv5XUXNGw>), será feita a comparação com os três momentos que envolvem o lance irradiado pelos profissionais da Rádio Paiquerê 91.7 FM:

³ Fonte: http://www.federacaoopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx?competicao_id=213

INÍCIO

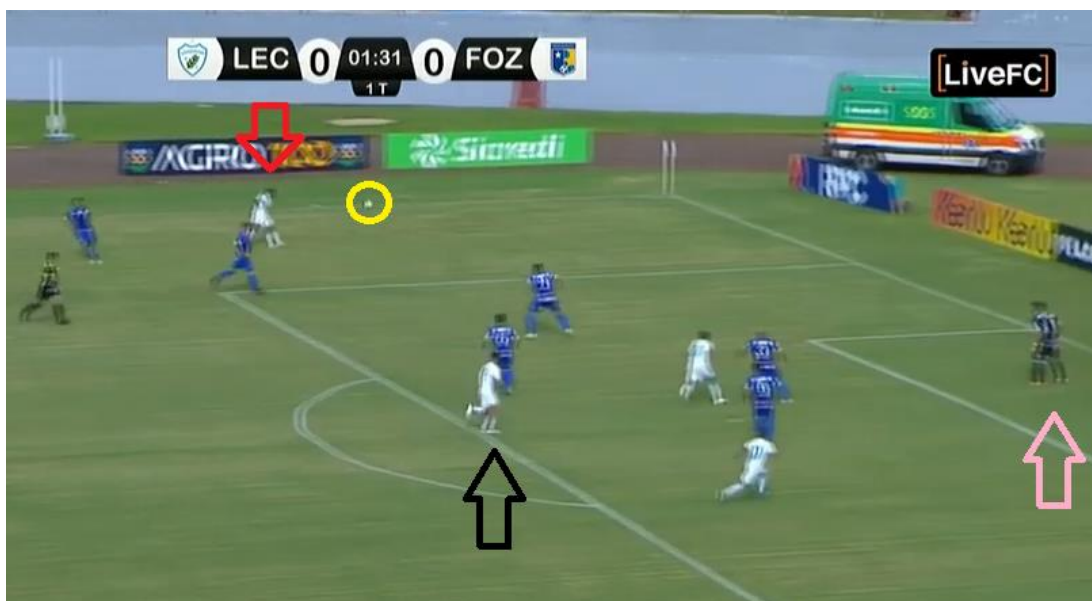
Figura 13 – O Londrina é o time de branco. Em vermelho, no destaque, Felipe Vieira. Em amarelo, a bola.



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=95gv5XUXNGw>.

ANDAMENTO

Figura 14 – Em vermelho, no destaque, Felipe Vieira. Em amarelo, a bola. Em preto, Anderson Leite. Em rosa, Felipe Alisson.



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=95gv5XUXNGw>.

CONCLUSÃO DO LANCE

Figura 15 – Em vermelho, no destaque, Felipe Vieira. Em amarelo, a bola. Em preto, Anderson Leite. Em rosa, a trajetória da bola no lance.



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=95gv5XUXNGw>.

Londrina 1 x 0 Cianorte

A partida⁴ foi realizada no dia 22 de janeiro de 2020. Jogo válido pela segunda rodada do campeonato, em uma quarta-feira, 19h30. No primeiro compromisso, no Estádio do Café, o Londrina venceu o PSTC por 2x1. Já o Cianorte vinha de vitória, fora de casa, por 1x0 frente ao Toledo. Foram 1.604 torcedores presentes no palco do evento (Federação Paranaense de Futebol, 2022). A rádio Paiquerê 91.7 FM escalou para a partida o narrador Augustinho Pereira, e, na reportagem, Wesley Lemos. Antes do gol único do compromisso, o Cianorte teve dois jogadores expulsos de campo. O Londrina, treinado por Alemão, começou o jogo com Matheus Albino no gol, na defesa Raí Ramos, Lucas Costa Augusto e Victor Luiz; no meio Júlio Rusch, Matheus Bianchi, Pedro Cacho e Danilo. No ataque Miullen e Uélber.

Ao longo da partida e, antes do gol, entraram os atacantes Igor Paixão e Marcelinho, nas vagas de Pedro Cacho e Uélber. Citado no lance de gol, Bruno foi o goleiro do Cianorte, também conhecido como Leão do Vale (Federação Paranaense de Futebol, 2022).

Augustinho Pereira - “Bom bom bom bom momento para você Tubarão, hora de festa, hora de rede, atenção, Marcelinho para cobrança, autorizada, jogada curtinha

⁴ e 4 Fonte: Federação Paranaense de Futebol
http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx?competicao_id=235

ensaiada, ali para Raí Ramos, puxou para o pé direito, devolveu para o Marcelinho, boa jogada, pé esquerdo, cruzamento feito, desvio, o goleiro defendeu no susto, deu rebote pintou o gol do Londrina, bateu para a rede, pro Goooooll (repórter auxilia – “Miullen”) Gool, é do Londrina, Miullen para o Londrina, na marca de 21 minutos passados, caminhando para 22, até que enfim, saiu o gol no Estádio do Café, um bate e rebate, uma defesa no susto do goleiro Bruno e aí sobrou para o Miullen, ele meteu para o fundo do gol do Cianorte, para fazer a primeira festa, bandeiras tremulando no Estádio do Café, torcedor vibrando, torcedor cantando, festa na torcida alviceleste, é por aí, Miullen, o caminho da felicidade, Miullen, Londrina 1x 0 Cianorte”

Wesley Lemos - "e o gol do londrina começou em uma jogada ensaiada. Na cobrança de escanteio, Marcelinho cobrou curtinho para o Raí Ramos, que devolveu para o jogador do Londrina que realizou o cruzamento, bate e rebate lá dentro da área e a bola sobrou no goleiro Bruno ele espalmou e ficou com o atacante do Londrina, ainda no meio da confusão ele achou uma forma de chutar e a bola morreu no fundo das redes. Miulen, é o nome da torcida do Londrina no estádio do Café, Tubarão 1x0 Leão do Vale”.

O gol está disponível em vídeo pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=mI11SSw9Cik>, e está em anexo a esta dissertação.

INÍCIO

Figura 16 – Em destaque vermelho o jogador Marcelinho. Em amarelo a bola.



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=mI11SSw9Cik> .

ANDAMENTO

Figura 17 – O cruzamento foi direto, na direção do gol. A bola (amarelo), bate no goleiro (rosa) e vai sobrar na marcação de pequena área (indicação em preto). O jogador Miullen (em vermelho) vai de encontro à bola.



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=mI11SSw9Cik> .

CONCLUSÃO DO LANCE

Figura 18 – Miullen, identificado em vermelho, vem de encontro a bola e chuta em direção ao gol (amarelo).



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=mI11SSw9Cik> .

Londrina 2 x 3 Coritiba

Jogo sequencial do mesmo campeonato citado anteriormente, confronto válido pela quinta rodada. Nas partidas anteriores⁴, o Londrina venceu PSTC 2x1, Cianorte 1x0, em casa, e como visitante, perdeu por 4x1 para o Atlético, mas venceu o Toledo por 3x1. No

dia 02/02/2020 (palíndromo!), o Tubarão recebeu o Coritiba, e 3.082 expectadores estiveram na tarde chuvosa de domingo no Estádio do Café. O adversário, até ali, tinha duas vitórias (2x1 e 1x0) e dois empates em 1x1. O técnico Alemão escalou o Londrina com Matheus Albino no gol; na defesa, Pastor; na direita, Willian Correia, e Augusto na zaga, e Igor Miranda na lateral esquerda; no meio de campo, o time começou com Anderson Carvalho, Pedro Cacho e Danilo; Marcelinho, Uélber e Júnior Pirambú (Federação Paranaense de Futebol, 2022).

O Londrina abriu 2x0, com dois gols de Júnior Pirambú, mas tomou a virada, com um gol aos 47 minutos do segundo tempo. A Paiquerê escalou Jota Matheus na narração e Lúcio Flávio para as reportagens. O gol em questão será o primeiro da partida. O vídeo do gol disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RfYTHA0Bd54> .

Jota Matheus- “Danilo enfeita, assim mesmo ganha, a bola é acionada para Pedro Cacho, preparou, ligou na ponta esquerda o ataque do Londrina, tocada a bola para Uélber, lá pelo setor da ponta, vai buscar a finta, conduziu, fechou pelo comando, recuou para Anderson, para Igor Miranda, toca no comando, a bola é do Londrina, boa bola para Marcelinho na ponta direita, cruzou, Pirambú -Golll.

Gol é do Londrina, Júnior Pirambú bota na rede, no cruzamento do Marcelinho, cruzamento preciso, oportunista, Pirambú fechou do lado esquerdo do ataque e tocou a bola pro fundo do gol, alegria da torcida do Londrina, o primeiro gol acontece no Estádio do Café, um gol bonito, um gol de bela feitura, um gol com precisão no passe, precisão na finalização, Pirambú, vinte e cinco do primeiro tempo, no placar da Paiquerê, Londrina 1x0 Coritiba”.

Lúcio Flávio - “E um gol muito bonito, de paciência, de troca de passes e de qualidade. O Londrina roubou a bola e a jogada passou por quase todo mundo: Pedro Cacho, Danilo, Uélber, que encontrou aqui na direita o Marcelinho. O Marcelinho deu um cruzamento a meia altura, e aí aquilo que se espera do centroavante, é o homem de área, o homem referência, na hora certa, no lugar exato, o Pirambú no carrinho, se jogou na bola. com um leve toque tirou da jogada o goleirão Alex Muralha e foi para rede. Se emocionou o Júnior Pirambú gol dele, gol do Tubarão, 1x0 aqui no Café”.

INÍCIO

Figura 19 – O Londrina estava com a bola do lado esquerdo do seu ataque (jogador identificado de vermelho), tocou a bola para um jogador centralizado (rosa), para abrir do lado esquerdo para Marcelinho (amarelo).



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=RfYTHA0Bd54> . .

ANDAMENTO

Figura 20 – Marcelinho (vermelho) recebeu a bola e fez o cruzamento mais adiantado (rosa) e Júnior Pirambú (amarelo) se jogou em direção a bola.



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=RfYTHA0Bd54> ..

CONCLUSÃO DO LANCE

Figura 21 – Marcelinho (preto) cruzou para Júnior Pirambú (amarelo) que se jogou na bola e tirou do goleiro (vermelho).



Fonte: adaptado de <https://www.youtube.com/watch?v=RfYTHA0Bd54> . .

5 ANÁLISE SEMIOLÓGICA DOS GOLS

O gol é um momento de êxtase, de máxima alegria. A emoção toma conta do ouvinte, torcedor, pelo lado positivo ou negativo. Aos profissionais do rádio, cabe potencializar e clarificar a relação entre significante e significado, para que o receptor entenda como foi feito o tento, desde o desenvolvimento do lance até o arremate e o instante de a bola ultrapassar a linha entre as traves e o travessão. Logo, de modo objetivo e simplificado, os significantes seriam os elementos que integram uma jogada. Ou seja, os movimentos descritos pelos radialistas são recheados de componentes, atos, ações e participantes da jogada em si. Sobretudo do narrador, que informa o andamento da bola, em tempo real.

De um ponto de vista semiológico, a narração esportiva radiofônica, assim como outros modos de composição de mensagem, é uma operação de combinar signos verbais, formando sintagmas. A comunicação vai sendo encadeada pelo fluxo da fala do narrador, em uma sequência ininterrupta de associações, simultaneamente ao ato de atribuir nomes, designar termos, efetuar correlações, dentre outros processos. O sentido produzido vai sendo capaz de fornecer um retrato do que aconteceu em uma dada partida de futebol. O narrador, dentro da perspectiva do *studium*, é o *shifter*, visto que seleciona e descreve os signos. O repórter, que fala após o narrador e logo na sequência do lance já resolvido, traz a colaboração no viés do *punctum*, com a palavra sendo usada como suplemento. Em Roland Barthes, pode-se explicar que essa verbalização se mistura com o próprio acontecimento.

O significado resulta no “o quê” eles querem “dizer”, favorecendo o entendimento do ouvinte. E o signo verbal, em si, então, é a junção do significante e do significado, perfazendo essa “dobra” do trabalho de dois profissionais diferentes, em posições espaciais diferentes no estádio, descrevendo o mesmo lance, munidos de cargas informacionais e emocionais distintas. O receptor é inundado da mensagem radiofônica, obtendo acesso a nuances que fecham o ciclo de produção de sentido no veículo rádio, se a emoção e a descrição estão em equilíbrio na ocasião do gol. Assim, do mesmo modo como na fotografia, a alternância entre o viés do *studium* e o viés do *punctum*, pode ser encontrada na fala que os radialistas compõem para as duas ambientações necessárias, a fim de que o receptor da mensagem radiofônica, sobretudo aquele que não está assistindo ao jogo, consiga montar mentalmente a jogada que está sendo desdobrada.

As ambientações espaciais (do lado do campo – se configuram como significantes) e da jogada em si (ações e movimentos – são os significados) são basilares para que o ouvinte consiga obter um ponto de partida a partir do qual possa compreender – e

visualizar – onde o lance está sendo desdobrado e como está caminhando a bola; a emoção de que se reveste essa movimentação, tem que vir acompanhando e sendo transportada por ondas sonoras, para fazer ver o que está acontecendo, tanto na perspectiva do *studium* quanto do *punctum*. Também, há a carga emocional adotada pelos radialistas ao enfatizarem “palavras-chaves” costumeiramente utilizadas, sejam jargões, sejam elementos de provocação ou potencialização de sentimentos, a fim de que o ouvinte ou o torcedor seja integrado ao lance. Trata-se de produção de sentido na mídia radiofônica, neste caso em particular, um produto da habilidade, experiência, competência, e envolvimento por parte dos narradores e repórteres.

As análises que se seguem serão baseadas, dentre outros aspectos, no princípio de que os significantes, os significados e os signos pelos quais são verbalizados, compõem o sintagma encontrado nas posições de “studium” e “punctum”. A aplicação das ênfases em cima das palavras destacadas durante a narração das partidas, somada ao emprego das técnicas radiofônicas e dos elementos da comunicação próprios do radiojornalismo esportivo, serão avaliados com relação à potencialidade de oferecer entendimento aos ouvintes; aí compreendida, também, a capacidade de fazer visualizar a jogada, sobretudo assegurando o nível de emoção indissociável do ato de acompanhar os eventos desse esporte. O ponto central é expresso na pergunta: O ouvinte vibra, mas entende o gol marcado?

Levando em consideração os gols, os lances, as jogadas, as técnicas, as “bagagens vocabulares”, as peculiaridades do momento da partida em que saíram esses tentos, e o fato de os profissionais serem diferentes (à exceção de Lúcio Flávio, que participa em posição de repórter/punctum em dois gols), não há intenção de comparar, classificar ou quantificar. O que se busca é averiguar nessas falas a oferta de possibilidade de compreensão por parte do torcedor/ouvinte/receptor da mensagem. Pretende-se, na realidade, lançar luz ao processo de produção de sentido nessa modalidade de linguagem midiática, e conhecer, de um ponto de vista semiológico, o que a narração radiofônica de uma partida de futebol, ensina como peça de comunicação, tendo por base a experiência de quem hoje incorpora uma tradição, a dos brilhantes locutores de outras épocas.

5.1 LONDRINA 1 X 1 PRUDENTÓPOLIS

Vanderlei Rodrigues - *Keirrisson domina a bola pela direita, cruzou a bola, cutucada no gol, Wesley, Gool do Londrina. Wesley, na marca cravada de 27 minutos de bola rolando etapa primeira de partida, até que enfim saiu o esperado, o desejado gol no Estádio*

do Café. Wesley testa a bola lado direito do goleiro Adilson, e bota o torcedor para cantar, E agora, goleirão Adilson, tira da rede e confere o placar, porque futebol sem gol não é futebol.

Cléber Pontes - E o gol do Londrina surgiu numa cobrança do Mateuzinho, que achou o Keirrisson em velocidade pelo lado direito, ele ganhou na força do seu marcador e aí deu um tapa para alcançar o Wesley no meio da área. Belo cruzamento, na medida, Wesley cabeceou e ela entrou no cantinho, a meia altura, sem chances para o goleiro. Wesley foi dele a cabeça que balançou a rede, Tubarão abre o placar aqui no Estádio do Café.

Na perspectiva do “Studium”, o narrador Vanderlei Rodrigues fez a ambientação espacial ao usar a palavra “direita”, no campo de ataque do Londrina Esporte Clube. Assim, o ouvinte compreendeu o ponto de partida do lance que seria apresentado. Em seguida, ele se valeu de verbos que deram sentido e movimento ao lance, como “cruzou”, “cutucou” e “testa”. E a jogada foi bem ambientada. Ainda, ele identificou, ao ouvinte, onde a bola entrou, que foi do lado direito do goleiro. Além da descrição, o radialista enfatizou palavras que potencializaram a carga informacional e prenderam a atenção do ouvinte como: “Domina bola pela direita”, “cruzou”, “Wesley”, e “testa a bola lado direito”. Também, o narrador provoca, brinca e interage com o torcedor ao dizer “até que enfim, saiu o gol”.

Na ótica proporcionada pelo “Punctum”, o que faz o repórter Cléber Pontes pode ser entendido como ato de ampliar a ambientação do espaço, ao empregar as palavras “cobrança”, “lado direito” e “meio da área”. Trouxe a ambientação da jogada, no plano do gramado, já que estava atrás do gol, ao empregar os verbetes sequenciais “ganhou na força”; “tapa”; “belo cruzamento”; “na medida”; “cabeceou”; “entrou no cantinho”; “a meia altura”; “sem chances para o goleiro”. Utilizou a ênfase para realçar a jogada nas palavras: “lado direito”, “ganhou na força”, “cruzamento na medida”, “Wesley cabeceou”, “entrou no cantinho”, “a meia altura” e “abre a placar”.

O narrador favorece o entendimento do ouvinte ao colocar que o lance de ataque acontece pelo lado direito, que é feito um cruzamento e, de cabeça, o gol foi alcançado. Com essas informações, mesmo em poucas palavras, o profissional conseguiu resumir e oferecer elementos que permitem o entendimento e a visualização. O repórter acrescenta, ao trazer que no início da jogada houve uma dividida, uma disputa pela posse da bola, e que o cruzamento foi bem executado. O detalhamento que a bola entrou a meia altura e no cantinho, denota que a cabeceada foi certa e a localização espacial foi bem oferecida ao torcedor. Os profissionais souberam escolher verbetes que potencializassem o entendimento, tornando o ouvinte apto a assimilar que, do lado direito do ataque, um cruzamento foi feito, o jogador

Wesley cabeceou a meia altura e fez o gol, com a bola entrando no cantinho; perto da trave, sem chance de defesa para o goleiro.

Esse instante máximo do esporte relatado pelos profissionais do rádio também remete aos termos que Roland Barthes qualifica e sublinha como sendo a profundidade variável dos léxicos, de dentro da qual os signos podem ser extraídos; ou seja, mesmo em sentido conotado, termos como “ganhou na força”, “belo cruzamento” e “tapa” estão integrados na cultura do futebol. Eles aparecem juntamente com aquelas expressões também pronunciadas nas peijas entre amigos e que, após esses jogos, estão presentes nas conversas “pós-partidas”. E dessa “licença”, são os verbetes bem captados pelo público, que também se utiliza desses elementos alusivos, para descrever alguns lances e momentos atinentes a uma partida de futebol. A sutileza de percepção que as palavras empregadas promovem, ativam um contato mais próximo com a massa e condensam, adequadamente, a informação.

Os radialistas apresentaram itens de proximidade com o linguajar do ouvinte adepto do clube de futebol e mediaram o processo de familiaridade entre o time e o torcedor, com o momento do gol. Houve também, de modo sintético, o que a semiologia barthesiana trabalha como “elementos contínuos” da estrutura da narrativa, posto que a complementação favoreceu o entendimento da jogada desse tento anotado. As palavras, entoadas com maior ênfase, ajudaram a dar a carga emocional ao momento descritivo. Ainda, termos como “até que enfim” e “abre o placar” contribuem para acentuar o argumento de que o jogo não estava fácil, mas que houve uma jogada tão bem realizada, que terminou em gol. Narrador e repórter foram objetivos, sucintos, souberam escolher e medir as palavras e favoreceram o entendimento. Disseram muito, falando com poucas palavras. A descrição e a emoção se mantiveram juntas e em equilíbrio nesse lance. Essa é uma evidência do que, semiologicamente, é definido como “signos da narratividade”; no caso da narração em análise, esses signos foram bem trabalhados na diegese.

5.2 LONDRINA 1 X 0 FOZ DO IGUAÇU

Fiori Luiz - Lá vai o Londrina para o campo de ataque, Luquinha domina, Luquinha para Anderson Oliveira, Aderson Oliveira, fugiu do primeiro, fugiu do segundo, larga para Felipe, Felipe vai no pique, na velocidade, olha a chance, cruzou pra boca do gol, de cabeça – GOOOOOOOOOOL (Anderson Leite - repórter auxilia e informa quem fez o gol). Anderson Leite subiu, Anderson Leite quem meteu para o fundo da rede. Número 5, a um minuto e meio de jogo. Um minuto e meio de partida no Estádio do Café. Levanta a pequena torcida,

comemora gol de Anderson Leite. Camisa número 5, a camisa do sucesso! Tá na rede, tá na rede, tá na rede do Felipe Alisson, no placar Londrina 1x0, Lúcio!

Lúcio Flávio - e de novo, Fiori, funcionou muito bem o lado esquerdo do Londrina Anderson Oliveira, Luquinha e o cruzamento do Felipe, que vem se especializando demais nessa bola alçada para a área, e o Anderson Leite apareceu como um centroavante, na posição do centroavante dentro da pequena área, ele cabeceou a bola ainda pegou no travessão e foi para o fundo das redes, valeu a aposta do Alemão, Anderson Leite marca 1x0 para o Tubarão aqui no Café.

No “studium”, o narrador Fiori Luiz se valeu do termo “campo de ataque” para fazer referência a ambientação de espaço. Ampliando a carga informacional e a apresentação do lance em si, o profissional adotou uma técnica narrativa, do rádio, de fazer a identificação de quem está com a bola, ao citar nomes de quatro jogadores que participaram da construção da jogada que redundou no gol. Do mesmo modo, o profissional trabalhou com o que semiologicamente é ilustrado como “poses” que compõem uma imagem, e introduzem alta carga do que o autor resume como “elementos cristalizados de significação”, ao usar termos como “fugiu do primeiro, do segundo”; “no pique”, “na velocidade”; “olha a chance”; “cruza para a boca do gol”; “de cabeça”; “subiu”. Também fruiu de verbetes com realce fônico em “chance”, “cruzou”, “cabeça”, “gol”, “Anderson Leite” e “um minuto e meio”.

Com base no conceito semiológico de visualização possibilitada pela noção de “punctum”, pode ser entendido que o procedimento adotado pelo repórter Lúcio Flávio foi o de dar mais retoques à ambientação do espaço no campo de jogo, ao recorrer aos vocábulos “lado esquerdo do ataque”; e “bola na área”. Trouxe um maior número de elementos ao processo descritivo da jogada quando falou “cruzamento”; “posição de centroavante”; “dentro da pequena área”; “cabeceou”; “bola pegou no travessão e entrou”. O mesmo aconteceu quando, por fim, verbalizou com mais relevo “lado esquerdo”; “cruzamento”, “alçada na área” e “posição de centroavante”.

Um argumento foi construído visando convencer, por meio da evidência oferecida para tornar possível fazer entender que a jogada foi “trabalhada”; os nomes dos vários atletas nela envolvidos foram citados, seguidos de menção ao que fizeram em campo, abrangendo, desde como esses jogadores tocaram na bola e participaram da construção do lance. Quando se fala “chance”, o ouvinte é convidado a ficar mais atento, pois logo pode sair um gol. Como o narrador fala do tempo do jogo, logo no começo da partida, essa chamada de atenção é importante, visto que não é tão comum sair gol muito cedo em jogos de futebol, sobretudo tão de imediato como foi o caso deste. O narrador prezou mais por identificar os

atletas – que é uma técnica de mostrar, ao público que está atento ao jogo, e contar “de pé em pé”, quem participa da jogada –, do que por trazer elementos espaciais voltados ao entendimento mais amplo da jogada. Ficou evidente que houve um cruzamento, e o gol foi de cabeça.

A presença de elementos possíveis de associar com a característica fotográfica dos signos quando empregados na noção de posicionamento, própria do conceito de “punctum”, é perceptível quando o repórter, atento ao que foi descrito, trouxe muitos elementos que convergiram para a imaginação do gol, por parte do ouvinte. Ele “posiciona o lado” do ataque e amplia a carga informacional, ao detalhar, inclusive, que a bola toca no travessão antes de entrar. Quando são usados termos como “boca do gol” e “posição de centroavante”, presume-se que foi um lance em um trecho compreendido em uma boa condição de concluir a jogada, fazendo uma inferência de um lugar frontal ao goleiro, com boas possibilidades de finalizar a jogada, perto da baliza. Como foi dito, em seguida, dentro da pequena área, aí sim há a delimitação correta da posição espacial do jogador que toca por último na bola e faz o gol. Igualmente, é possível identificar o que se assevera como “corpus” da produção de sentido, pois o “diálogo” entre os profissionais redundou no que, semiologicamente, se atesta como estrita necessidade de esse corpus abranger conjuntos sincrônicos de signos.

A abordagem barthesiana faz referência ao imaginário do ouvinte, e essa forma de estimulação é encontrada, no universo que aqui está sendo analisado, quando essa “posição de centroavante” é evocada, já que potencializa e contribui no entendimento, pelo fato de que esse recurso “preenche” o sujeito da enunciação. A relevância do trabalho com o léxico, mostra-se fundamental em razão da correspondência entre o plano simbólico (linguagem) e o conjunto de práticas e técnicas, no caso em estudo, o recurso jornalístico aplicado a um evento esportivo. Há a presença de uma carga informacional própria e especial, compartilhada pelo público ouvinte que gosta, acompanha e vive o futebol. Narrador e repórter conseguiram um compartilhamento de informações visando facilitar, ao torcedor, compreender, e ao mesmo tempo “enxergar ouvindo”, como o gol foi feito. A descrição e a emoção caminharam o tempo todo atreladas, na devida proporção.

5.3 LONDRINA 1 X 0 CIANORTE

Augustinho Pereira - *Bom bom bom bom momento para você Tubarão, hora de festa, hora de rede, atenção, Marcelinho para cobrança, autorizada, jogada curtinha ensaiada, ali para Raí Ramos, puxou para o pé direito, devolveu para o Marcelinho, boa*

jogada, pé esquerdo, cruzamento feito, desvio, o goleiro defendeu no susto, deu rebote pintou o gol do Londrina, bateu para a rede, pro Goooooll (repórter auxilia – “Miullen”) Gool, é do Londrina, Miullen para o Londrina, na marca de 21 minutos passados, caminhando para 22, até que enfim, saiu o gol no Estádio do Café, um bate e rebate, uma defesa no susto do goleiro Bruno e aí sobrou para o Miullen, ele meteu para o fundo do gol do Cianorte, para fazer a primeira festa, bandeiras tremulando no Estádio do Café, torcedor vibrando, torcedor cantando, festa na torcida alvi-celeste, é por aí, Miullen, o caminho da felicidade, Miullen, Londrina 1x0 Cianorte.

Wesley Lemos – ... e o gol do Londrina começou em uma jogada ensaiada. Na cobrança de escanteio, Marcelinho cobrou curtinho para o Raí Ramos, que devolveu para o jogador do Londrina que realizou o cruzamento, bate e rebate lá dentro da área e a bola sobrou no goleiro Bruno ele espalmou e ficou com o atacante do Londrina, ainda no meio da confusão ele achou uma forma de chutar e a bola morreu no fundo das redes. Miulen, é o nome da torcida do Londrina no estádio do Café, Tubarão 1x0 Leão do Vale.

O narrador Augustinho Pereira, situado na posição de “studium”, não disse nenhum termo para fazer a ambientação espacial do ataque. Contudo, trouxe ao ouvinte a percepção de um “bom momento”. Nisso, é possível delimitar o que, em termos de produção de sentido, se atesta como significado não sendo uma ‘coisa’, mas “uma representação psíquica da coisa”, já que a jogada que sairia, de uma “bola parada”, se configurava em um lance em que ocorria uma expectativa grande da possibilidade de sair um gol. E a ambientação da jogada foi feita com mais acuidade. O radialista serviu-se de palavras como “cobrança, autorizada”; “jogada curtinha”; “puxou para o pé direito”; “devolveu”; “pé esquerdo”; “cruzamento”; “desvio”; “goleiro defendeu”; “rebote”; “bateu”; e “bate e rebate”.

O realce nas falas foi adotado por diversas vezes, como ocorrido em “bom momento”, “hora de festa”, “hora de rede”, “boa jogada”, “cruzamento”, “defendeu no susto”, “rebote”, “pintou o gol”, “até que enfim”, “bate e rebate”, “primeira festa” e “é por aí Miulen”. Com isso, o narrador criou uma expectativa, trouxe dramaticidade, e fez explodir o êxtase em poucos segundos, conferindo, a esse “conjunto de práticas” específico, de jornalismo-esporte, o que semiologicamente se explica na função do “studium”; ou seja, esse narrador sendo o fotógrafo de uma cena, como “operator” para satisfazer o querer de “spectator”, “vive os intentos que fundam e animam suas práticas”.

Avaliando pelo ângulo do “punctum”, o repórter Wesley Lemos trouxe o panorama da ambientação espacial mais detalhada, ao situar e oferecer, ao torcedor, a gênese da jogada por meio do lance partir de um “escanteio”. Na correlação entre “studium” (plano

mais amplo) e “punctum” (plano mais recortado), o radialista aumenta a carga informacional do desdobramento do acontecimento, sem perder a consonância, e acrescentando o que foi dito anteriormente pelo narrador, ao expressar “jogada ensaiada”; “cobrou curtinho”; “devolveu”; “cruzamento”; “bate e rebate dentro da área”; “confusão”; e “achou uma forma de chutar”. Evidenciando a dificuldade de a bola entrar no gol. O cenário fonético foi enfatizado em “jogada ensaiada”, “confusão” e “forma de chutar”.

O narrador puxou mais pelo lado do drama, a fim de provocar o torcedor e chamar atenção para o lance; mesmo assim, ele descreveu como se deu a jogada. O repórter também passou a mensagem da jogada, do início até o desfecho, inclusive recontando o momento de incerteza sobre a posse da pelota. Houve essa sucessão de erros e acertos e, em um chute, a bola entrou; aqui, prevaleceu mais a emoção do que a descrição. Ficou pacificado o momento do jogo, a dificuldade, o “perde e ganha” dentro da área, a jogada de escanteio, trabalhada e ensaiada; contudo, o lado do ataque, em que foi desenvolvida a jogada, não ficou claro, no lance do gol. Pode ter sido informado antes da cobrança, ou em alguma jogada anterior; porém, o registro, do gol em si, ficou carente dessa ambientação espacial.

Com base na analogia de que a foto é “fria” e a fala “quente”, a abordagem barthesiana menciona a coincidência entre paradoxo estrutural e paradoxo ético; ou seja, na tentativa de buscar a neutralidade, há a tendência de copiar, minuciosamente, o real, com base na convicção de que o analógico promove resistência ao investimento dos valores. O fato de o rádio ser, para muitos, a “mídia da emoção”, oferece, aos profissionais, essa permissão para provocar os ouvintes, mexer com a imaginação do receptor da mensagem, também se valendo de elementos extras que causam tensão maior e explosão de sentimentos mais acentuada, devido a essa “preparação”. No horizonte desse gol, em particular, a descrição dos fatos foi feita, e detalhes técnicos também foram citados. Contudo, a emoção prevaleceu ligeiramente mais do que a descrição em si; mesmo assim, não houve desequilíbrio nem falha. O momento do jogo, o lance (que foi o capital da partida) e o jeito que a bola entrou, tudo isso ficou demarcado, e o ouvinte recebeu as condições para compreender a dificuldade da ocasião, e que a bola entrou quase que a “fórceps”.

5.4 LONDRINA 2 X 3 CORITIBA

Jota Matheus- Danilo enfeita, assim mesmo ganha, a bola é acionada para Pedro Cacho, preparou, ligou na ponta esquerda o ataque do Londrina, tocada a bola para Uélber, lá pelo setor da ponta, vai buscar a finta, conduziu, fechou pelo comando, recuou para

Anderson, para Igor Miranda, toca no comando, a bola é do Londrina, boa bola para Marcelinho na ponta direita, cruzou, Pirambú -Golll. Gol é do Londrina, Júnior Pirambú bota na rede, no cruzamento do Marcelinho, cruzamento preciso, oportunista, Pirambú fechou do lado esquerdo do ataque e tocou a bola pro fundo do gol, alegria da torcida do Londrina, o primeiro gol acontece no Estádio do Café, um gol bonito, um gol de bela feitura, um gol com precisão no passe, precisão na finalização, Pirambú, vinte e cinco do primeiro tempo, no placar da Paiquerê, Londrina 1x0 Coritiba.

Lúcio Flávio - E um gol muito bonito, de paciência, de troca de passes e de qualidade. O Londrina roubou a bola e a jogada passou por quase todo mundo: Pedro Cacho, Danilo, Uélber, que encontrou aqui na direita o Marcelinho. O Marcelinho deu um cruzamento a meia altura, e aí aquilo que se espera do centroavante, é o homem de área, o homem referência, na hora certa, no lugar exato, o Pirambú no carrinho, se jogou na bola. com um leve toque tirou da jogada o goleirão Alex Muralha e foi para rede. Se emocionou o Júnior Pirambú gol dele, gol do Tubarão, 1x0 aqui no Café.

No olhar do “studium”, o narrador Jota Matheus versa sobre itens de ambientação da delimitação do andamento da bola e descreve a jogada, podendo-se associá-la ao que Barthes estrutura como “uma verdadeira imaginação da voz”, ao trazer elementos recortados como “ponta esquerda”; “fechou pelo comando”; “ponta direita”; “fechou do lado esquerdo”. E o espaço delineado de modo pormenorizado confere o que a semiologia barthesiana interpreta como “colusão direta de um referente e de um significante”. A contação do desenrolar do lance é promovida por meio de termos como “enfeita”; “ganha”; “tocada a bola”; “finta”; “recuou”; “cruzou”; “gol bonito”; “bela feitura”; “precisão no passe”; “precisão na finalização”. Sendo assim, ocorre o que na semiologia barthesiana se define como a própria estrutura narrativa, contendo a possibilidade de nela desenvolver-se uma forma de significado. E ainda nesse prisma, as palavras e frases acentuadas foram “boa bola na ponta direita”; “cruzou”; “cruzamento preciso”, “oportunismo”, “fechou do lado esquerdo”; “gol bonito”, “gol bela feitura”.

Pode-se afirmar que, pela ótica do “punctum”, o repórter Lúcio Flávio acrescentou detalhes diferentes e ampliou a informação sobre o início do lance que resultou no gol do Londrina Esporte Clube, em jogo no estádio do Café. Ele cita ações como “roubou a bola”; “quase todo mundo”; “direita”, exemplificando que o gol é fruto de uma construção coletiva de jogada, que também contou com ocorrências, juízo de valor e fatos como “bonito”; “paciência”; “troca de passes”; “qualidade”; “cruzamento a meia altura”; “carrinho”; “tirou da jogada o goleirão”; “com leve toque”. As palavras ditas com ênfase no lance foram “gol muito

bonito”; “de paciência, de troca de passes”; “cruzamento a meia altura”; “Leve toque tirou da jogada o goleirão”.

O encadeamento e o desfecho do lance, apesar de requintes opinativos e até conotativos, trazem o que a visão barthesiana avalia como capacidade a ser construída em cada frase a fim de que consiga colocar as coisas “sob os olhos” do ouvinte. Isso se deu, no desempenho do repórter, quando perfilou diversos elementos na configuração da cena e em seu desfecho favorável; o ouvinte teve, a seus olhos, vários atos que cercaram a jogada, listados por expressões desde “enfeita” e verbos de ação como “toca”, “finta”, “recua” e “cruza”, tudo para indicar que foram muitos movimentos até sair, de fato, o lance do gol. Narrador e repórter se preocuparam com inúmeros detalhes que enriqueceram a descrição. O narrador contou a partir da posse de bola, e o repórter trouxe a informação de como essa bola veio para a posse do Londrina.

A produção de sentido se deu por ambientação espacial, apontando o lado do ataque e citações como cruzamento a meia altura, carrinho e “tirou da jogada”; falas indicativas e ilustrativas de ações foram delineadas, com precisão, sobre como surgiu o gol registrado. Os profissionais buscaram escolher palavras adequadas para “desenhar” a jogada e oferecer elementos para que o ouvinte montasse mentalmente o gol. Aqui, mesmo palavras que não facilitam o entendimento como “bela feitura” e “bonito”, ajudaram a trazer uma carga emocional ao que foi contado, com pormenores técnicos, a fim de que o torcedor que não acompanhou o lance do gol no instante em que ele foi marcado, tenha a possibilidade de compreender como foi conquistado o tento. Houve equilíbrio entre a descrição e a emoção.

A seguir, para melhor detalhamento e esquematização, a fim de conferir se a emoção e a descrição estão em equilíbrio, serão utilizados quatro recursos, sendo dois deles de visualidade da palavra e outros dois da linguagem e formatação radiofônica. Visando trazer descrição por meio da palavra, serão avaliadas a ambientação espacial e os detalhes da jogada em si; sobre a linguagem e a formatação, serão avaliadas a entonação vocal e a ênfase nas palavras adotadas. Sobre a parte de descrição, em uma jornada esportiva, a ambientação visa conferir se houve a citação de qual “lado” foi feito o gol, se no lado direito ou esquerdo do campo de jogo; ainda, conferir se há o oferecimento de condicionantes se o gol foi feito com o pé ou cabeça e ainda se há algum elemento que ajude a compreender como a jogada foi desenhada até que a bola entrasse.

Para esse fim, será construído um quadro, inserindo os jogos e os lances e as palavras adotadas para tentar ajudar a levar o ouvinte compreender, mesmo que minimamente, o gol foi anotado. E ainda, serão sublinhadas as palavras mais fortes, entonadas para trazer a

carga emocional necessária para realçar o momento mais aguardado de uma partida de futebol. Como anteriormente citado, o narrador de rádio, irradiando ao vivo, não sabe em qual jogada, exatamente, sairá o gol. Como ele acompanha e descreve o bailado da bola, ele precisa estar atento e saber usar bem os verbetes, a fim de informar e emocionar. E esse profissional tem sempre uma dupla possibilidade: a de contar em tempo real o lance e, em uma licença poética, logo após o grito de gol, uma oportunidade de acrescentar algo da jogada.

O repórter, sempre fala cerca de um minuto após o gol; ele tem mais tempo para pensar em como auxiliar no processo da descrição e da emoção, acrescentando mais detalhes e outros aspectos da jogada que resultou no tento anotado. Quando se está no estádio, presencialmente, tudo deve ser feito com a maior atenção possível. Um pequeno descuido, olhando para torcida, ler texto dos anunciantes, uma olhadela nas redes sociais da emissora ou uma distração outra, como abaixar a cabeça para beber água ou ver o tempo do jogo, pode prejudicar o instante máximo das pelepas, que é o recorte do jogo eternizado e repetido em programas esportivos e até disponibilizado na rede social da emissora.

Schinner (2004, p. 75) assim recorta a função do narrador de futebol no rádio: “(...) no rádio a comunicação é diferenciada e mais descritiva; (...) rádio é som, é imaginável”. Ele admite que “são cinco combustíveis que esse profissional trata, em uma jornada: emoção; conhecimento e cultura; espírito de liderança; carisma, credibilidade e ética; e a valorização da palavra falada” (Schinner, 2004, p. 5). Neste caso, em particular, serão trabalhados com dois itens: emoção e a valorização da palavra falada.

No que tange a emoção, o autor assevera que “a emoção tem limites e deve ser controlada” (Schinner, 2004, p. 81). Além disso, acredita que “você é quem controla a emoção e não a emoção toma conta do seu trabalho e comportamento” (Schinner, 2004, p. 81). Ele aborda esses aspectos, para condenar eventuais exageros, contudo admite que a emoção é intrínseca da função do narrador. Sobre a valorização da palavra falada, Schinner (2004, p. 104) aponta que o narrador precisa estar atento, pois “tornou-se obrigatório o acompanhamento da jogada” e (p. 105) “muito cuidado para não perder o foco e a concentração do evento que está em andamento”.

Castro e Bruck (2013, p. 64) sustentam que “quanto ao relato jornalístico, evidencia também que o locutor/repórter assume a veracidade da informação”. E que, nesse caso em especial, “nos estudos de produção radiofônica, devem-se também observar elementos que podem construir, acrescentar, modificar ou ampliar o sentido em um texto radiofônico” (Castro; Bruck, 2013, p. 64). Além disso, a voz e a descrição precisam ter sintonia para gerar

mais entendimento ao ouvinte. E o jogo de futebol irradiado evoca o que os veículos têm de mais latente e que gera ainda mais proximidade com o receptor.

Além do planejamento da fala, do subtexto socializado, expresso na modulação da voz do locutor, outro elemento que contribui para a artificialidade é a presença do espectador para quem é direcionada a fala. Uma fala pautada pela audiência e, portanto, direcionada. (...) A condição do vivo colocou a instantaneidade para o rádio como uma obrigação. (...) Cabe, principalmente, ao rádio informar o ouvinte sobre o que está acontecendo no momento (Castro; Bruck, 2013, p. 65).

E dentro da comunicação, do radiojornalismo esportivo, o compromisso é com a veracidade dos acontecimentos. “O jornalista busca a verdade em meio a uma realidade que se lhe apresenta constituída por dados, informações e narrativas (...)” (Castro; Bruck, 2013, p. 77). E, se cada jogada, a cada lance, os profissionais precisam descrever e informar com fidelidade, cada uma dessas jogadas poderiam ser classificadas como uma cena no jogo e, assim com o emprego das condições de *studium* e *punctum*, promover a verbalização do ato, ao descrever essa jogada. “Quando a reflexão semiológica concerne à imagem, é forçosamente levada, num primeiro momento, a acentuar o que distingue de modo mais manifesto esta imagem dos outros tipos de objetos significantes (...) e em particular, da sequência de palavras” (Metz et al., 1973, p. 7).

Quando está em andamento uma partida de futebol e o rádio transmitindo, a familiaridade do ouvinte com o ambiente, nomes de jogadores, posições em campo e nuances inerentes a uma peleja, contribuem no entendimento das jogadas, mesmo sem vê-las. Essa bagagem prévia do ouvinte, ajuda na compreensão, usando um pouco da imaginação do que está sendo falado. A capacidade de descrever dos radialistas ajuda a visualização mental dos lances por meio dessa imaginação. “(...) o poder da imaginação é parte integrante da *conditio humana*. (...) podemos descrever a imaginação como uma potência que faz o mundo aparecer ao homem” (Wulf, 2013, p. 22).

Esse aparecimento ocorre com as palavras visuais, descritivas e elementos espaciais falados que ajudam ao receptor entender a jogada. Sobretudo no momento máximo do esporte, o gol. Como o estudo delimita um time em especial, um estádio em particular e uma emissora que fala preferencialmente a esse público, amplia essa carga de favorecer essa imaginação, equilibrando a emoção e a descrição:

(...) “fazer aparecer” implica que o mundo aparece ao homem e é percebido de maneira circunscrita pelas condições do ser humano. Por outro lado, “fazer aparecer” significa conceber o mundo através de imagens mentais e criá-lo em conformidade formal. Imaginação, portanto, é a energia que liga o homem ao mundo, e vice-versa (Wulf, 2013, p. 22).

Esse estímulo e esse convite a “ver” o gol, por meio da narração esportiva no rádio, são atitudes caracterizadas por Wulf (2013, p. 37-38) como produtoras de imagens mnemônicas. “Muitas são geradas pela percepção. Algumas podem ser atribuídas a situações imaginárias. (...) Elas se lançam ao primeiro plano da memória, de modo que o passado se torna presente (...)”. Fazendo analogia a descrição de um quadro, Metz et al. (1973, p. 15) resumem que a leitura dessa imagem, por parte dos profissionais radiofônicos que precisam contá-las aos ouvintes, à luz da semiologia, para produzir sentido, depende também de “narração, descrição e cenário”.

Londrina 1 x 1 Prudentópolis

Vanderlei Rodrigues - “Keirrisson domina a bola pela direita, cruzou a bola, cutucada no gol, Wesley, Gooool do Londrina. Wesley, na marca cravada de 27 minutos de bola rolando etapa primeira de partida, até que enfim saiu o esperado, o desejado gol no Estádio do Café. Wesley testa a bola lado direito do goleiro Adilson, e bota o torcedor para cantar, E agora, goleirão Adilson, tira da rede e confere o placar, porque futebol sem gol não é futebol”.

Cléber Pontes - “E o gol do Londrina surgiu numa cobrança do Mateuzinho, que achou o Keirrisson em velocidade pelo lado direito, ele ganhou na força do seu marcador e aí deu um tapa para alcançar o Wesley no meio da área. Belo cruzamento, na medida, Wesley cabeceou e ela entrou no cantinho, a meia altura, sem chances para o goleiro. Wesley foi dele a cabeça que balançou a rede, Tubarão abre o placar aqui no Estádio do Café”.

Quadro 1 – Elementos de composição narrativa.

	Ambientação do espaço	Ambientação da jogada	Palavras com ênfase no lance
Narrador	Direita	Cruzou; cutucou; testa a bola lado direito do goleiro	Domina bola pela direita Cruzou Wesley Até que enfim, saiu o gol Testa a bola lado direito
Repórter	Cobrança; lado direito; meio da área	Ganhou na força; tapa; belo cruzamento; na medida; cabeceou; entrou no cantinho; a meia altura; sem chances para o goleiro	Lado direito Ganhou na força Cruzamento na medida Wesley cabeceou, entrou no cantinho, a meia altura Abre a placar

Fonte: elaborado pelo autor.

As palavras entoadas com maior ênfase auxiliaram a dar a carga emocional ao momento descritivo. Ainda, termos como “até que enfim” e “abre o placar” contribuem para

argumentar que o jogo não estava fácil, mas que houve uma boa jogada que terminou em gol. Narrador e repórter foram objetivos, sucintos, souberam escolher e medir as palavras e favoreceram o entendimento. Falaram muito, com poucas palavras. A descrição e a emoção estiveram juntas e em equilíbrio nesse lance.

Londrina 1 x 0 Foz do Iguaçu

Fiori Luiz - “Lá vai o Londrina para o campo de ataque, Luquinha domina, Luquinha para Anderson Oliveira, Anderson Oliveira, fugiu do primeiro, fugiu do segundo, larga para Felipe, Felipe vai no pique, na velocidade, olha a chance, cruzou pra boca do gol, de cabeça – GOOOOOOOOOL (Anderson Leite - repórter auxilia e informa quem fez o gol). Anderson Leite subiu, Anderson Leite quem meteu para o fundo da rede. Número 5, a um minuto e meio de jogo. Um minuto e meio de partida no Estádio do Café. Levanta a pequena torcida, comemora gol de Anderson Leite. Camisa número 5, a camisa do sucesso! Tá na rede, tá na rede, tá na rede do Felipe Alisson, no placar Londrina 1x0, Lúcio!”

Lúcio Flávio - “e de novo, Fiori, funcionou muito bem o lado esquerdo do Londrina Anderson Oliveira, Luquinha e o cruzamento do Felipe, que vem se especializando demais nessa bola alçada para a área, e o Anderson Leite apareceu como um centroavante, na posição do centroavante dentro da pequena área, ele cabeceou a bola ainda pegou no travessão e foi para o fundo das redes, valeu a aposta do Alemão, Anderson Leite marca 1x0 para o Tubarão aqui no Café”.

Quadro 2 – Elementos de composição narrativa.

	Ambientação do espaço	Ambientação da jogada	Palavras com ênfase no lance
Narrador	Campo de ataque;	Identificação de quem está com a bola ao citar nomes de jogadores; fugiu do primeiro, do segundo; no pique, na velocidade; Olha a chance; Cruza para a “boca do gol”; de cabeça; subiu	Chance Cruzou Cabeça Gol Anderson Leite Um minuto e meio
Repórter	Lado esquerdo do ataque; bola na área;	Cruzamento; posição de centroavante; dentro da pequena área; cabeceou; bola pegou no travessão e entrou	Lado esquerdo Cruzamento Alçada na área Posição de centroavante

Fonte: elaborado pelo autor.

É possível entender que a jogada foi trabalhada, já que vários nomes de atletas foram citados. Muitos jogadores tocaram na bola e participaram da construção do lance.

Quando se fala “chance”, o ouvinte é convidado a ficar mais atento, pois logo pode sair um gol. E como o narrador fala do tempo do jogo, logo no começo da partida, essa chamada de atenção é importante, visto que não é muito comum sair gol muito cedo em jogos de futebol, sobretudo tão rápido como esse. O narrador prezou mais por identificar os atletas, é uma técnica de mostrar ao público que está atento ao jogo e contar “de pé em pé” quem participa da jogada, do que por trazer elementos espaciais que contribuíssem para o entendimento mais amplo da jogada.

Ficou claro que houve um cruzamento e o gol foi de cabeça. Todavia, o repórter, se valendo do *punctum*, e atento ao que foi descrito, trouxe muitos elementos que convergiram para a imaginação do gol. Ele posiciona o lado do ataque e amplia a carga informacional, ao detalhar inclusive que a bola toca no travessão antes de entrar. Quando são usados termos como “boca do gol” e “posição de centroavante”, presume-se que foi um lance em um trecho compreendido em uma boa condição de concluir a jogada, fazendo uma inferência de um lugar frontal ao goleiro, com boas condições de arrematar a jogada, perto da baliza. Como foi dito dentro da pequena área, aí sim há a delimitação correta da posição do jogador que toca por último na bola. Narrador e repórter conseguiram um bom casamento de informações e facilitaram ao torcedor compreender como o gol foi feito. A descrição e a emoção caminharam bem, de modo equitativo.

Londrina 1 x 0 Cianorte

Augustinho Pereira - “Bom bom bom bom momento para você Tubarão, hora de festa, hora de rede, atenção, Marcelinho para cobrança, autorizada, jogada curtinha ensaiada, ali para Raí Ramos, puxou para o pé direito, devolveu para o Marcelinho, boa jogada, pé esquerdo, cruzamento feito, desvio, o goleiro defendeu no susto, deu rebote pintou o gol do Londrina, bateu para a rede, pro Goooooll (repórter auxilia – “Miullen”) Gool, é do Londrina, Miullen para o Londrina, na marca de 21 minutos passados, caminhando para 22, até que enfim, saiu o gol no Estádio do Café, um bate e rebote, uma defesa no susto do goleiro Bruno e aí sobrou para o Miullen, ele meteu para o fundo do gol do Cianorte, para fazer a primeira festa, bandeiras tremulando no Estádio do Café, torcedor vibrando, torcedor cantando, festa na torcida alvi-celeste, é por aí, Miullen, o caminho da felicidade, Miullen, Londrina 1 x 0 Cianorte”

Wesley Lemos - e o gol do Londrina começou em uma jogada ensaiada. Na cobrança de escanteio, Marcelinho cobrou curtinho para o Raí Ramos, que devolveu para o jogador do Londrina que realizou o cruzamento, bate e rebate lá dentro da área e a bola sobrou no goleiro Bruno ele espalmou e ficou com o atacante do Londrina, ainda no meio da confusão ele achou uma forma de chutar e a bola morreu no fundo das redes. Miullen, é o nome da torcida do Londrina no estádio do Café, Tubarão 1x0 Leão do Vale”.

Quadro 3 – Elementos de composição narrativa.

	Ambientação do espaço	Ambientação da jogada	Palavras com ênfase no lance
Narrador	Bom momento	Cobrança, autorizada; jogada curtinha; puxou para o pé direito; devolveu; pé esquerdo; cruzamento; desvio; goleiro defendeu; rebote; bateu; bate e rebate	Bom momento Hora de Festa Hora de Rede Boa jogada Cruzamento Defendeu no susto Rebote Pintou o gol Até que enfim bate e rebate Primeira festa É por aí Miulen
Repórter	Escanteio	Jogada ensaiada; cobrou curtinho; devolveu; cruzamento; bate e rebate dentro da área; confusão; achou uma forma de chutar	Jogada ensaiada Confusão Forma de chutar

Fonte: elaborado pelo autor.

Londrina 2 x 3 Coritiba

Jota Matheus- “Danilo enfeita, assim mesmo ganha, a bola é acionada para Pedro Cacho, preparou, ligou na ponta esquerda o ataque do Londrina, tocada a bola para Uélber, lá pelo setor da ponta, vai buscar a finta, conduziu, fechou pelo comando, recuou para Anderson, para Igor Miranda, toca no comando, a bola é do Londrina, boa bola para Marcelinho na ponta direita, cruzou, Pirambú -Golll.

Gol é do Londrina, Júnior Pirambú bota na rede, no cruzamento do Marcelinho, cruzamento preciso, oportunista, Pirambú fechou do lado esquerdo do ataque e tocou a bola pro fundo do gol, alegria da torcida do Londrina, o primeiro gol acontece no Estádio do Café, um gol bonito, um gol de bela feitura, um gol com precisão no passe, precisão na finalização, Pirambú, vinte e cinco do primeiro tempo, no placar da Paiquerê, Londrina 1x0 Coritiba”.

Lúcio Flávio - “E um gol muito bonito, de paciência, de troca de passes e de qualidade. O Londrina roubou a bola e a jogada passou por quase todo mundo: Pedro Cacho, Danilo, Uélber, que encontrou aqui na direita o Marcelinho. O Marcelinho deu um cruzamento a meia altura, e aí aquilo que se espera do centroavante, é o homem de área, o homem referência, na hora certa, no lugar exato, o Pirambú no carrinho, se jogou na bola. com um leve toque tirou da jogada o goleirão Alex Muralha e foi para rede. Se emocionou o Júnior Pirambú gol dele, gol do Tubarão, 1x0 aqui no Café”.

Quadro 4 – Elementos de composição narrativa.

	Ambientação do espaço	Ambientação da jogada	Palavras com ênfase no lance
Narrador	Ponta esquerda; fechou pelo comando; ponta direita; fechou do lado esquerdo	Enfeita; ganha; tocada a bola; finta; recuou; cruzou ; gol bonito; bela feitura; precisão no passe; precisão na finalização	Boa bola na ponta direita Cruzou Cruzamento preciso Oportunismo Fechou do lado esquerdo Gol Bonito Gol Bela Feitura
Repórter	Roubou a bola; quase todo mundo; direita	Bonito; paciência; troca de passes; qualidade; cruzamento a meia altura; carrinho; tirou da jogada o goleirão; com leve toque	Gol muito bonito De paciência, de troca de passes Cruzamento a meia altura Leve toque tirou da jogada o goleirão

Fonte: elaborado pelo autor.

O intuito do trabalho não é comparar nem medir qual dupla de narrador-repórter fez o melhor descritivo aliado a carga emocional. Cada profissional cumpre seu papel de informar e emocionar, com estilo, vocabulário e percepção própria. César (1990, p. 57) reforça a questão da sensorialidade. “O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio de um diálogo mental. Ao mesmo tempo, o ouvinte sente a emoção das palavras do locutor e dos recursos da sonoplastia”. Logo, cada profissional tem uma bagagem intelectual, cultural e profissional e deixa transparecer em seu jeito de falar, no uso das palavras e nas ligações que fornece ao público, quando faz a descrição dos lances.

Além do preparo técnico para o jogo, com a programação prévia e o estudo dos times, dos jogadores e das informações que cercam a partida, os radialistas nunca sabem o que vai acontecer em uma peleja. César (1990, p. 88) recorda que “a transmissão esportiva é espontânea, feita de improvisos”. Por isso, cada jogada em si tem sua particularidade e nuances. Não há um padrão ou forma de descrevê-la. O importante é passar a correta mensagem ao torcedor. “Portanto, a mensagem radiofônica tem que ser clara e precisa, levando em consideração as dificuldades impostas pela própria característica do veículo” (Jung, 2004, p. 16).

Com toda carga teórica visitada ao longo deste material, a principal sugestão e apontamento primordial seria a adoção, nas quatro jogadas de gol estudadas, de uma ambientação espacial mais acurada. Para um entendimento maior, já que os jogos eram no Estádio do Café, poderia ter sido adotada a identificação sobre em qual das balizas essa bola

entrou. Como o estádio tem sua arquibancada em formato de ferradura, um dos gols não tem arquibancada atrás, mas sim os vestiários.

Logo, se fosse falada essa localização como “gol dos vestiários”, ou “gol das arquibancadas descobertas”, ou ainda, gol a esquerda/direita das cabines de rádio, haveria ainda mais elementos para que o ouvinte, sobretudo aquele que não estava vendo o jogo presencialmente na praça esportiva, pudesse montar mentalmente sua imagem do gol, com esse recurso espacial. Isso poderia ser falado na segunda descrição do narrador, após o gol, anterior a um lance de bola parada – no campo de ataque, como falta frontal ou lateral, escanteio ou cobrança de penâlti, ou mesmo em um lance de posse bola quando citar “desce/vem/ataca/chega/avança o Londrina para o campo de ataque, no gol da ferradura/vestiários do Café”, já traria uma riqueza informacional sobre em qual lado do campo ocorre o ataque que pode vir a se tornar em gol.

Em todo início de partida, o narrador posiciona o ouvinte sobre o lado em que cada time vai atacar, contudo o rádio tem sua “audiência rotativa”. Nem todo ouvinte vai ouvir a transmissão integralmente. Tem alguns que vão ouvir alguns minutos, outros um recorte maior, outros gostam de ouvir só o final e ainda o torcedor que gosta de ouvir só a entrevista do treinador no vestiário, já no “pós jogo”. Por isso, se houver essa preocupação, cuidado e critério de informar e localizar espacialmente o ouvinte sobre o lado do ataque, a descrição ficaria ainda mais fiel. “Nesse cenário mutante de descobertas e reinvenções, seja quais forem as técnicas empregadas pelo rádio para chegar até seus ouvintes, parece que a trajetória do comunicador tem tudo para se fortalecer ainda mais” (Moreira; Del Bianco, 2001, p. 88).

Além dessa característica semiológica, descritiva, jornalística e informacional, tem o lado da proximidade. “O valor de permanência do rádio no horizonte atual e futuro próximo segue baseado na sua capacidade de suscitar efeitos junto à recepção e no seu poder de mobilização” (Moreira; Del Bianco, 2001, p. 101). O ouvinte de rádio consome o conteúdo de onde ele estiver, com o avanço dos aplicativos das emissoras e dos sites, que retransmitem seu conteúdo, em tempo real. Com isso, um torcedor do Londrina Esporte Clube pode ouvir a Paiquerê 91.7 FM de qualquer parte do Brasil e do mundo e vibrar, se informar e se emocionar com os jogos transmitidos do estádio do Café.

A Internet não acabará com o rádio. A Internet não concorre com o rádio; é a salvação deste. O avanço tecnológico não deixa outra saída para o rádio senão a Internet, o que proporcionará um salto de qualidade tanto em propagação como em conteúdo e, com isso, pulará a etapa do rádio digital propagado tradicionalmente por transmissor e antena (Barbeiro; Lima, 2003, p. 45).

A internet é uma extensão do alcance do rádio, assim como o radinho, de pilha, ou o ato de conectar fone de ouvido no celular e sintonizar a emissora de rádio no estádio é a extensão do olhar e do entendimento do torcedor quando vai acompanhar o jogo do seu time. E pelo rádio, ele se informa, se emociona e entende como foi o lance máximo do futebol. Semiologicamente se pode afirmar que é assim que o torcedor tem a possibilidade de “ver” o gol pela fala dos radialistas. Idealmente, com a emoção e a descrição em equilíbrio e harmonia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o mundo globalizado, o rádio local serve para aproximar pessoas às cidades, povos, culturas, origens. Na pandemia de covid-19, pesquisas de diversas fontes indicaram o crescimento de consumo de rádio por parte dos brasileiros. O rádio falado, com sua interação, notícias locais e essa familiaridade do ouvinte, torna cada vez mais o profissional do microfone como um amigo, uma companhia do público receptor.

O trabalho aqui apresentado refletiu sobre o modo como ocorre e se consolida a produção de sentido na linguagem jornalística aplicada ao rádio, com recorte na narração de partidas de futebol, em seu destaque mais típico: o “antes” e o “logo em seguida” do momento o culminante da marcação de um gol. A contribuição buscada e as motivações, para a realização do estudo, são explicadas pela trajetória do autor, ele próprio um locutor esportivo de rádio, em sua vivência e experiência diretamente com esse campo de atuação; era o desejo de compreender a narração de partidas de futebol como forma de linguagem e processo de produção de sentido, este último não apenas como significado de palavras e expressões, mas também de evocação de sentimentos e emoção integrados e projetados pela mensagem.

A definição do tema e do objeto da pesquisa foi, portanto, originada de um questionamento vinculado a um perfil profissional agora integrado a um perfil de pesquisador. O autor pretende seguir investigando e analisando os procedimentos de construção dessa modalidade de narração, as formas de fazer evoluir práticas, as alternativas para melhorar o desempenho narrativo no rádio; agrega-se a esse propósito, a busca de compreender, aperfeiçoar e ampliar o emprego da visualidade na palavra, e das possibilidades que o idioma fornece quando empregado em uma produção midiática de rádio. A principal meta é disponibilizar análises que contenham uma aplicação prática, com a intenção de oferecer elementos para aprimorar as narrações de futebol no rádio. Ouvinte de transmissões esportivas desde criancinha e atuando como radialista esportivo desde 2002 (mais vida dentro do que fora do rádio!) o autor apresenta análises de uma problemática testemunhada e associada a um universo vivencial.

Percebendo que as próprias falas estavam carregadas de conotação e pouca carga espacial, informacional e de visualidade da palavra, surgiu a “dor acadêmica” de buscar elementos que pudessem auxiliar a reduzir falhas, aprimorar técnicas de expressão, e auxiliar na autoanálise e na preparação, também servindo como alerta e estímulo para outros colegas profissionais que com a mesma paixão se dedicam a essa tradicional prática midiática. Importante ressaltar o cuidado tomado para evitar qualquer juízo de valor; a finalidade não é

comparar nem criticar a performance dos profissionais que tiveram o trabalho apresentado na pesquisa, mas sim estudar a mensagem produzida e avaliar o emprego dos recursos estruturantes de uma irradiação de futebol, e tratar, cientificamente, cada peça comunicacional.

Solucionar dúvidas, mitigar deficiências e contribuir em um processo de “correção de rota”, dentro da linguagem radiofônica, é o resultado mais importante. Mesmo sem poder contar com imagens de câmeras, o rádio se desempenha, com perfeição, no atributo de ser a “mídia da emoção”; isso acontece, no caso de uma narração esportiva, por mexer com a imaginação do ouvinte, sobretudo daquele que não está no estádio nem em casa, vendo pela TV; cunha-se desse modo a expressão “ver pelo rádio”. Assim, para correlacionar elementos que são usados para nominar as ações e os lances de um jogo, os radialistas, especificamente o narrador e o repórter de campo, foram colocados na posição de um fotógrafo, que capta a mesma cena, por ângulos e posições diferentes. O tenso desafio que enfrentam é o de precisar descrever os lances, a fim permitir a compreensão do receptor, e adotar verbetes que facilitem o entendimento do ouvinte/torcedor.

Roland Barthes em seus estudos semiológicos a respeito da noção de fotografia, ilustra esses posicionamentos, por meio das noções de *studium* e *punctum*. O narrador falando de um plano geral, mais aberto do lance, situa-se na posição *studium* e o repórter, trazendo um close desse mesmo lance descrito, age pelo princípio de *punctum*, ao avaliar o desdobramento dos movimentos dos atletas no campo. A adoção do princípio fotográfico na descrição dos lances, é um recurso analítico em que a narração é associada à construção da imagem como produto do olhar decidido por um *operator* para um *spectator*. A avaliação resultante permite observar o papel de cada profissional em uma jornada esportiva radiofônica e o desafio de solucionar a necessidade de operar a visualização por meio das palavras.

Ao se colocarem na condição de selecionador do melhor ângulo denotativo, informando com riqueza de detalhes, os lances envoltos de uma partida de futebol, os profissionais trabalhariam mais comprometidos com a produção de sentido no rádio. O presente trabalho focou no instante mais esperado do esporte: o gol. Os critérios sugeridos englobam maneiras de incluir palavras, frases, elementos de visualidade da palavra, acentuam a atribuição ao meio, também do conceito de “mídia da descrição”. Os profissionais pesquisados (*operator*) comprovaram habilidade em conseguir o equilíbrio da emoção inerente ao rádio, e, preocupados com a descrição, favorecem o envolvimento do ouvinte (*spectator*), que consegue minimamente imaginar também a jogada que resultou no momento mais esperado do esporte.

Como nunca se sabe quando, em um jogo de futebol, vai acontecer um gol, se é que vai sair um, os radialistas precisam estar atentos, assim como um fotógrafo precisa estar a

postos para captar a melhor cena, em um evento. Com olhar focado na bola e naquilo que a cerca, para levar descrição do lance atrelada a emoção do rádio. Descrição e emoção apareceram em equilíbrio, nas transmissões esportivas da Rádio Paiquerê 91.7 FM, nos jogos do Londrina Esporte Clube e em partidas disputadas no Estádio do Café, recorte proposto como estudo semiológico do gol nos jogos de futebol irradiados.

Na perspectiva do *studium*, o narrador descreve a jogada por inteiro, informando com quem está a posse da pelota, como está se desenhando uma jogada, e como essa cena vai terminar. Nessa função, o radialista fornece, ao ouvinte, o fio-condutor do jogo, trazendo toda a performance dos atletas no desenrolar da peleja, ao mesmo tempo com as emoções e as sensações provocadas pela mídia rádio. E quando há o gol, êxtase do torcedor, o narrador, com ainda mais alternativas de vocabulário, descreve, emociona e informa. No *punctum*, o repórter acrescenta e amplia a carga informacional, trazendo mais detalhes ao que já foi falado; oferece, aos torcedores, novos elementos sobre como a jogada foi produzida e o gol foi feito. Esse trabalho conjunto, de dois profissionais, é realizado em harmonia com a linguagem radiofônica padrão, entonação de voz, realce de movimentos, tudo como ingrediente para fazer o ouvinte “ver o gol”.

Antes de cada jornada esportiva, sempre há um “check-list” padrão por parte dos radialistas escalados. Tudo começa em um levantamento, básico e/ou aprofundado, dos times envolvidos, do campeonato, dos atletas, dos personagens, das informações e dos elementos que integram o universo de um jogo de futebol. Cada detalhe conta para ser usado durante a pré e a pós-jornada e, invariavelmente, durante a transmissão do jogo em si. No jogo, porém, a transmissão tem como estrela a bola, e o que efetivamente interessa são os lances da partida. O olhar fotográfico e semiológico é aqui sugerido para que também figure nessa organização, promovendo a consciência de ampliar a carga vocabular portadora de subsídios espaciais, além da permanente familiarização com o conhecimento do torcedor, do estádio, da designação dos lances e, em especial, dos modos de intensificar a vibração do gol.

Um segundo “check-list” também deve ser promovido, desta vez para levantar os aspectos espacial e de ambientação da jogada. O item referente ao lado do campo em que o ataque está se desenrolando, se direito ou esquerdo, deve ser sempre examinado; trata-se da introdução ao entendimento prévio ou mínimo de um lance, mesmo que não necessariamente termine em gol. É importante ter isso em mente, pois, durante um jogo, nunca se sabe a hora exata em que a bola vai balançar a rede. Em seguida, devem-se constar elementos de descrição da jogada em si, como, por exemplo, se o movimento é na ponta (direita ou esquerda do ataque) ou no meio, se há finta, drible, lançamento, se há troca de passes, cruzamento rasteiro ou jogada

aérea também favorecem a compreensão.

Em uma visão semiológica, trata-se de manter o significante e o significado em efetiva correspondência, no momento de pensar o arremate, a finalização desse lance: Como foi? Chute ou cabeceio? Tudo isso deve ser bem delimitado. E claro, descrito atrelado à emoção, ao “pique” do rádio. Ainda, quando sair um gol, por onde a bola entrou? Alta, a meia altura ou rasteira? E em qual lado da baliza: direito, esquerdo ou no meio do gol? É quase que um “lead” do lance máximo do futebol, mas que, se respeitado e feito em todos os jogos, garante entendimento, gera cultura. Permite, ao ouvinte, de fato, “ver o gol”. E o rádio vai cumprir melhor ainda o seu papel de informar e emocionar. Vai ser um companheiro ainda mais completo. E a emoção e a descrição vão estar sempre juntas, em harmonia e em equilíbrio.

Como tema de pesquisa acadêmica, envolve desbravar um conteúdo de comunicação no campo do jornalismo especializado em esportes, do rádio, do radiojornalismo esportivo, do futebol e da evolução das mídias modernas. Além disso, permite a experiência de estudar o caráter local de um time de futebol, de um estádio, de uma emissora de rádio e de uma cidade. O conhecimento histórico e a memória local são preservados e se tornam conteúdo balizador, pelo papel também exercido pelo rádio no futebol, além de ajudar a organizar as análises e o desfecho das produções. Detalhar patrimônios como o do Londrina Esporte Clube, o da Rádio Paiquerê 91.7 FM e do Estádio do Café promove ricas e fascinantes discussões, envolvendo a atividade e a linguagem do radiojornalismo esportivo como um dos temas alusivos ao município, no papel que exerce no contexto regional e nacional. No ano em que o rádio completou 80 anos de chegada em Londrina, a cidade comemorava seu aniversário de número 89.

Outra contribuição pretendida, no corrente estudo, foi a estimulação a gerar conhecimento como ato simultâneo ao desempenho de uma tarefa profissional; ou seja, pesquisar enquanto trabalha. Neste caso, estimular quem atua no rádio a perceber o serviço que realiza, enquanto linguagem e tema de estudo. O depoimento pessoal deste autor é com a intenção de ressaltar o quanto a pesquisa promoveu autocrítica e busca de melhorias para seguir prestando serviços no rádio esportivo, agora com muito mais cautela, mais avanço no preparo teórico e prático e com ainda percepção mais aguda sobre como efetivar a adoção de palavras visuais. O resultado do estudo propiciou maior o desenvolvimento da alteridade no autor, na relação com o ouvinte, e acentuou aquela necessidade de se colocar na posição de quem ouve e perguntar – conseguiu entender como foi o gol? “Viu o gol” pela minha fala e a de meus colegas que estão irradiando?

A substituição do “palavreado rotineiro” deve ter um alcance proveniente de

maior estudo e permanente avaliação de efeitos; os critérios para emprego do vocabulário emocional deve levar em conta um léxico descritivo e harmonizado com as necessidades, nuances e virtudes que o radiojornalismo oferece, proporciona e até mesmo clama, dentro da “escola denotativa” da transmissão de futebol. É necessário estudo permanente da cultura e da linguagem que a expressa. Também, a pesquisa dedica uma contribuição acadêmica, ao estimular a discussão e a possibilidade de se adotar uma linguagem mais preocupada em favorecer a compreensão por parte do receptor da mensagem radiofônica, nas transmissões de futebol. Assim, nas fileiras do radiojornalismo esportivo, que mais pesquisadores, professores, alunos, profissionais possam, dentro da Comunicação Social, também estudar, trabalhar e esmiuçar a linguagem, não apenas a forma ou a característica do veículo.

Há muito a ser estudado, pesquisado, debatido e refinado, sobre o objeto aqui dissecado. Por esse motivo, cabe reiterar o compromisso de não parar neste material, mas sim seguir com os trabalhos, continuar com as leituras, estudos, pesquisa e, principalmente, seguir ouvindo rádio e, toda vez que estiver escalado para uma jornada esportiva, procurar se colocar no lugar do ouvinte, se preocupar com a seleção do vocabulário e empregar verbetes que permitam ampliar o entendimento do torcedor. Em todos os lances, não só no gol.

Com o avanço da tecnologia, o fone de ouvido dos *smartphones* serve de antena sintonizadora das estações de rádio. Por isso, o hábito do torcedor está também mudando. Ir para o estádio assistir ao jogo de futebol nem carece mais levar o bom e velho “radinho de pilha”. Basta levar o hoje quase que inseparável celular com o fone de ouvido, que é possível se conectar ao jogo. Ou plugar nos aplicativos das emissoras que estão com um mínimo atraso na retransmissão, que o bom, velho e “imortal” rádio está lá, presente, contando, emocionando, sendo companheiro e também descrevendo, adotando linguagem visual, tudo aquilo que envolve a transmissão de um jogo de futebol.

E mesmo para quem não está no estádio, o rádio continua aproximando o torcedor com o palco da partida, transportando o ouvinte para o local da peleja, seja pela onda radiofônica, seja pelo sinal da internet, que amplifica o sinal mundo afora. E na hora do instante mais aguardado do esporte, além da emoção, a descrição estando em equilíbrio, se configura em um golaço dos profissionais envolvidos na irradiação do jogo. Logo, “ver” o gol pelo rádio é um processo inclusivo, que demanda estudo, técnica, teoria, dedicação, empatia, respeito e prática. Não pode estar confinado a uma boa discussão acadêmica nem a uma prática a ser empregada no futuro, mas sim objeto de uma reflexão prática para hoje. Enobrece e enriquece uma profissão. É algo transformador e recompensador: para quem fala no rádio e para quem ouve.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. Das ondas do rádio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e história: confluências. **Interin**, 2019, v. 24, n. 2, p. 4-20. DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2019.Vol24.N2.pp4-20
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U.; GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; TODOROV, T.; GENETTE, G. **Análise Estrutural da Narrativa**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA, 2021. **Lei Municipal 7.307**. Disponível em: <http://www2.cml.pr.gov.br/cons/lnd/leis/1998/L07307> Acesso em 03.07.2021
- CASTRO, Kátia; BRUCK, Mozahir S. **Radiojornalismo: retórica e vinculação social**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CHANTLER, Paul; HARRIS Sim. **Rádio Jornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982
- DIAS, Emerson S.; LIMA, Carlos Guilherme C. **Da emoção à descrição – a história da narração esportiva no rádio**. IN: *Mídia Sonora em 4 dimensões*. Luciano Klöckner e Nair

Prata (orgs). Porto Alegre : Edipucrs, 2011.

FEDERAÇÃO PARANANSE DE FUTEBOL. COMPETIÇÕES. 2021. Disponível em: <https://www.federacaoopr.com.br/competicoes> Acesso em 06.07.2021

FOLHA DE LONDRINA, Disponível em <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/radio-paiquere-am-migra-para-a-fm-1023810.html> Acesso em 02.11.2021

FREITAS, Leonardo Fialho. **A vinheta e sua evolução através da história:** da origem do termo até a adaptação para os meios de comunicação. Porto Alegre: 2006. Dissertação Mestrado da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Disponível em: <<https://issuu.com/andrelsens/docs/vinheta-evolucao>> Acesso em 20/09/2023

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002

GUERRA, Marcio de Oliveira. Rádio e TV: o jogo da narração a imaginação entra em campo e seduz o torcedor. **Lumina**, v. 1, n. 1, 2007.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV:** o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, 2021. **Diário do Paraná** de 22 de agosto de 1976. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/761672/per761672_1976_06367.PDF Acesso em 04.07.2021

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo, Contexto, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 2003.

LIMA, Luiz André Correia. **Rádio e radiojornalismo:** Características, programação e técnicas gerais de produção e apresentação. Londrina: Editora UEL, 2001.

MATEUS, J. **Londrina Esporte Clube 40 anos:** do caçula gigante ao tubarão. Londrina: Midiograf, 1996.

MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

METZ, Christian; DURAND, Jaques; PÉNINOU, Georges; MARIN, Louis; SCHEFER, Jean-Louis. **Análise das Imagens**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

MILLS, John. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MOREIRA, Sônia V.; DEL BIANCO, Nélia R. **Desafios do rádio no século XXI**. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1985

PAQUERÊ. HISTÓRIA. 2021. Disponível em: <https://www.paiquere.com.br/nossahistoria> Acesso em 04.08.2021

PINHEIRO, Francisca Mota e. **Da rádio Londrina à rádio universidade: uma história de muitas histórias**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200- 212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em 04.07.2021

POZZOBON, Irineu. **A epopéia do café no Paraná**. Londrina: Grafmarke, 2006

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Editora Summus, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA. HISTÓRIA DO MUNICÍPIO. 2021. Disponível em

https://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=5 Acesso em 03.07.2021

RADDATZ, Vera L. S.; ZUCOLOTO, Valci; LOPEZ, Debora C; KISHNHEVSKY, Marcelo. **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re) construção**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2020.

SANTOS, Fábio. **Da válvula ao microchip**. A evolução tecnológica do jornalismo esportivo da Radio Bandeirantes São Paulo, 2005. E-book

SCHINNER, Carlos F. **Manual dos locutores esportivos**. São Paulo: Panda Books, 2004.

SILVA, Edinelson Florentino da. **Narração esportiva no rádio: subjetividade e singularidade do narrador**. 118f. Dissertação de Mestrado, Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

TAVARES, Reinaldo C. **História que o rádio não contou**. 2 ed. São Paulo: Editora Harbra, 1999.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. v.4. Celso Unzelte; Magaly Prado (org.). São Paulo: Saraiva, 2009.

WULF, Cristoph; **Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado**. São Paulo: Hedra, 2013.

YASHO, Margarete; ARIAS NETO, José Miguel. **O trabalho na cafeicultura paranaense: representação e prática social**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/580-4.pdf> Acesso em 04.07.2021

ANEXO

A versão impressa deste trabalho é acompanhada de um DVD contendo as transmissões referidas nesta dissertação.